

DM

Produções Visuais Estudantis e Inovação Pedagógica
Um estudo da ação pedagógica
com recursos tecnológicos na escola

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Maria Eliane Araújo Gama

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

abril | 2019

Produções Visuais Estudantis e Inovação Pedagógica
Um estudo da ação pedagógica
com recursos tecnológicos na escola

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Maria Eliane Araújo Gama

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

ORIENTAÇÃO

Antônio Maria Veloso Bento
Antenor Rita Gomes



**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

**PRODUÇÕES VISUAIS ESTUDANTIS E INOVAÇÃO
PEDAGÓGICA: UM ESTUDO DA AÇÃO PEDAGÓGICA COM RECURSOS
TECNOLÓGICOS NA ESCOLA**

**Dissertação apresentada à Universidade da Madeira para obtenção
do grau Mestre em Ciências da Educação – Área Inovação Pedagógica**

Por

Maria Eliane Araújo Gama

Sob a orientação de

Professor Doutor António Maria Velosa Bento

Professor Doutor Antenor Rita Gomes

Funchal - 2019

RESUMO

As novas tecnologias aplicadas à educação são ferramentas que possibilitam a aproximação entre teoria e prática, aprimoram o planejamento e a prática docente, mas também trazem diversas possibilidades ao fazer docente e à relação com a informação e a sua democratização no ambiente escolar. A proposta desse trabalho foi investigar o potencial educativo e artístico da participação ativa dos educandos na criação de roteiros e produção de vídeos, compreendendo até que ponto a ação educativa desencadeada pelo projeto Produções Visuais Estudantis (PROVE), criado pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia Brasil, no ano de 2012, promove efetivamente a construção do conhecimento, caracterizando-se como uma inovação pedagógica.

Palavras-chave: Inovações pedagógicas; Novas tecnologias; Vídeos escolares.

SUMMARY

The new technologies applied to education are tools that allow the approximation between theory and practice, improve planning and teaching practice, but also bring different possibilities when making teachers and the relationship with information and their democratization in the school environment. The purpose of this work was to investigate the educational and artistic potential of the active participation of the students in the creation of screenplays and video production, including the extent to which the educational action initiated by the Produções Visuais Estudantis (Project for Student Visual Production) (PROVE), created by the Secretaria da Educação do Estado da Bahia Brasil (Department of Education of Bahia State in Brazil), in the year 2012, effectively promotes the construction of knowledge, characterizing itself as a pedagogical innovation..

Key-words: Pedagogic Innovations; New Technologies; school Videos.

RÉSUMÉ

Les nouvelles technologies appliquées à l'éducation sont des outils qui permettent d'approcher la théorie et la pratique, d'améliorer la planification et la pratique de l'enseignement, mais aussi d'apporter des possibilités différentes en matière de formation et de démocratisation des enseignants. Le but de ce travail était d'étudier le potentiel éducatif et artistique de la participation active des étudiants à la création de scénarios et de productions vidéo, y compris la mesure dans laquelle l'action éducative initiée par le *Produções Visuais Estudantis* (Projet pour la production visuelle étudiante) (PROVE) créé par le Secrétaire à l'éducation de l'État de Bahia au Brésil, en 2012, favorise efficacement la construction de la connaissance, se caractérisant comme une innovation pédagogique.

Mots-clés: Innovations pédagogiques ; Les nouvelles technologies ; Vidéos Scolaires.

RESUMEN

Las nuevas tecnologías aplicadas a educación son herramientas que posibilitan la aproximación entre teoría y práctica, perfeccionan el planeamiento y la práctica docente, mas también traen diversas posibilidades al hacer docente y a la relación con la información y su democratización en el ambiente escolar. La propuesta de este trabajo fue investigar el potencial educativo y artístico de la participación activa de los educandos en la creación de guiones y producción de videos, comprendiendo hasta e punto la acción educativa desencadenada por el proyecto Producciones Visuales Estudiantiles (PROVE), creado por la Secretaria de Educación del Estado de Bahia – Brasil, en el año de 2012, promueve efectivamente la construcción del conocimiento, caracterizándose como una innovación pedagógica.

Palabras clave: Innovaciones pedagógicas; Nuevas tecnologías; Videos escolares.

índice

Introdução.....	1
Capítulo 1	4
1.1 As Novas Tecnologias da Educação e Inovação Pedagógica.....	4
1.2 A importância das inovações tecnológicas para a educação	15
Capítulo 2	36
2.1 O Prove	36
2.2 Primeiro contato e impressões registradas no local e objeto de pesquisa .	50
2.3 Dificuldade de concentração no desenvolvimento das ações do Prove	54
2.4 O aluno sozinho promove o próprio conhecimento	59
Capítulo 3	67
3.1 Metodologia Aplicada	67
3.2 Fundamentação Metodológica	71
3.3 A participação da escola Padre Alfredo Haasler no Prove	75
Capítulo 4	82
4.1 Análise e apresentação dos dados	82
4.2 O curta-metragem produzido pelos alunos da escolar Padre Alfredo Haasler para o Prove	88
4.3 Documentos como fonte de análise	97
Capítulo 5	103
5.1 Considerações finais	103
Referências	108

INTRODUÇÃO

Partindo da realidade de que a escola tradicional não mais atende aos anseios de uma sociedade com tantos avanços tecnológicos, pois exige dos indivíduos rapidez e versatilidade às soluções de desafios que surgem a cada instante; de acordo com a perspectiva de inovação pedagógica, o estudo das produções visuais de natureza educativa, artística e cultural impõe-se como uma experiência em que a participação ativa dos estudantes pode promover aprendizagem e construção do conhecimento, uma vez que os mesmos ao portar uma câmara fotográfica, um aparelho de celular ou uma filmadora são capazes de criar roteiros e vídeos no ambiente escolar com a orientação de professores.

Dentro dessa perspectiva, surge o projeto Produções Visuais Estudantis (PROVE) com objetivo de promover aos estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio liberdade de criação e socialização dos saberes através da produção de vídeos escolares sob a orientação do professor para o desenvolvimento de habilidades artísticas mediante as experimentações filmicas com recursos tecnológicos como, por exemplo, aparelho celular, câmera fotográfica ou filmadoras.

Após as produções filmicas, os vídeos que passam por três etapas eliminatórias: uma seleção interna na própria escola; as mostras nos Núcleos de Tecnologia Educacional (NTE); a mostra estadual de vídeos estudantis realizada pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia, na cidade de Salvador-BA.

Na tentativa de observar a ação educativa desenvolvida pelo PROVE da Sec-Bahia que pretende viabilizar a promoção e participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento e desenvolvimento da aprendizagem, por meio da produção de vídeos para ir de encontro com modelos de aulas tradicionais no dia a dia da escola, uma vez que o projeto deve permitir que o aluno, com um aparelho celular, registre situações dentro do ambiente escolar, que venha desvendar uma gama de saberes que tradicionalmente viria a partir da fala de um professor. O projeto defende o

pressuposto de que o aluno pudesse ser protagonista na produção do seu próprio conhecimento e se veja como parte pertencente, ou seja, aflore um sentimento de pertencimento no processo de ensino-aprendizagem, contrapondo ao sentido tradicional de que ele é uma tabula rasa ou meramente um receptor de conhecimentos.

Defende ainda a ideia de que os professores de Língua Portuguesa, Arte e disciplinas afins cumprem o papel de coordenar as ideias e desenvolver no grupo o sentido de liberdade e autonomia na produção de roteiros e vídeos no ambiente escolar. No entanto, observa-se a distância entre a proposta elaborada pela Secretaria do Estado, tal como se encontra no papel, com a realidade vivenciada no cotidiano da escola e das dificuldades operacionais certamente encontradas pelos docentes e discentes na produção dos vídeos.

Atuamos na Diretoria Regional de Educação, na condição de inspetora educacional no período de 2007 a 2013 e daí estabeleceu uma relação com o PROVE, pois presenciamos alunos exercendo a cidadania e o direito de produzir vídeos. Surgia então a necessidade e o desejo de pesquisar sobre o programa, como funcionava, como tudo funcionava e o mais importante, como as interações contribuíam para um melhor aprendizado, levando-se em conta o capital cultural que cada participante trazia consigo.

Fizemos uma pesquisa bibliográfica que subsidiasse o tema, selecionamos o método indutivo com abordagem qualitativa. Para que obtivéssemos resultados resolvemos participar de uma edição na qual interagimos com gestores, alunos e a comunidade em geral.

Sendo assim, esse trabalho está voltado para as questões das produções visuais e se propõe analisar as ações do PROVE, visando compreender até que ponto este programa promove a inovação pedagógica. Esta pesquisa analisou até que ponto aconteceu inovação pedagógica e protagonismo dos atores sociais envolvidos na execução do projeto para discussões sobre a temática – inovações pedagógicas, cuja importância está na constatação de que, com a utilização do PROVE nas escolas da Rede Estadual de ensino, houve ou não inovação pedagógica na construção do conhecimento.

Assim, alguns aspectos foram estabelecidos para o desenvolvimento da pesquisa e análise de dados como, por exemplo, identificar os pressupostos teóricos metodológicos do projeto PROVE; estabelecer um paralelo entre a ação produtiva de vídeos estudantis e a proposta de inovação pedagógica; analisar o desempenho dos docentes e discentes com as tecnologias disponíveis para as filmagens dos vídeos na escola; mas também verificar a aplicação das experiências audiovisuais nos contextos escolares (do PROVE), visando compreender em que medida promover a inovação pedagógica.

CAPÍTULO 1

1.1 A NOVAS TECNOLOGIAS DA EDUCAÇÃO E A INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

Todas as grandes inovações vivenciadas pela humanidade surgiram de necessidades pontuadas pela convivência social. Portanto é no convívio do dia a dia que as demandas vão se apresentando e as respostas são dadas respectivamente. Com relação à escola não pode ser diferente. Se nós chegamos à conclusão que ela não serve mais as expectativas do mundo atual, nada mais justo que a partir das falhas detectadas dentro do processo de ensino aprendizagem, consigamos fazer descobertas que rompam os muros das escolas e atenda aos anseios das comunidades.

As civilizações antigas não dispunham de escola e nem por isso se deixava de produzir conhecimentos, pois é provado que não se aprende apenas nos ambientes escolares, mas também de várias outras maneiras. A escola, portanto é uma invenção da sociedade para solucionar através da aprendizagem as grandes questões de convivência desse contingente populacional, porque imagina o enorme crescimento da humanidade sem um instrumento que atendesse a meta de produzir conhecimento, por isso, o papel da escola além de promover aprendizagem também propaga padrões e regras sociais. Nesse caso, nada mais justo que todos queiram ressignificar esta instituição que é de grande utilidade pública. E a única maneira é inovar a sua prática, que, diga-se de passagem, não é tarefa das mais fáceis. Mais que imbuídos deste propósito certamente haveremos de promover a tão bradada inovação pedagógicas.

Essa temática atualmente tem ecoado nas práticas pedagógicas e conceituá-la não é tarefa das mais fáceis, no entanto se percebe que a busca de novas formas de promover educação incorre na modificação de práticas que desembocam em modalidades que podem caracterizar-se como inovação pedagógica. Isso é um compromisso de toda comunidade educacional que clama por uma educação em novos moldes, que atendam os requisitos exigidos pela atual conjuntura social. Redescobrir na escola a função social

que ela desempenhou durante todo esse tempo é na verdade, resgatar o papel e o valor que a própria sociedade a conferiu perante todos esses anos.

A teoria construtivista analisa o porquê como e as pessoas aprendem, como se dá o processo do desenvolvimento cognitivo, e ainda os princípios que estimulam a aprendizagem. Para Vygotsky (1991), a aprendizagem é constituída a partir do processo de relação e interação do indivíduo com seu ambiente social e cultural com o auxílio de outros indivíduos com mais experiência. Nesse sentido, na escola, os alunos são capazes de resolver sozinhos, com ajuda de colegas ou de seus professores.

Na tentativa de minimizar o enfoque do professor tradicional, aquele que se posiciona em frente aos alunos, que fala todo o tempo e que estes o escuta, hoje em dia, sem o menor interesse, haja vista a balburdia nas salas de aula. As novas tecnologias podem viabilizar ao professor a possibilidade de circular no ambiente escolar e documentar com aparelhos da mais nova tecnologia momentos e imagens que servirão de pano de fundo para seus estudos, diante dessa questão temos, conforme Tofler (1973, p.229):

Uma boa parte da educação se dará na própria sala do estudante, em casa ou numa de suas dependências de alojamento, segundo o horário que lhes aprovar (...) com seu próprio equipamento eletronicamente estruturado para os seus estudos, o estudante será libertado, pela maior parte do seu tempo, das restrições e das coisas desagradáveis que o atormentam na sala de aula confinada.

A escola pode ser um espaço privilegiado para a construção de diversos saberes, nela através do entrosamento dos vários atores envolvidos no processo, a depender do enfoque que se pode dar se na defesa dos valores conservadores, ou na abertura para ideias que permeia a autonomia e a criatividade, segundo Giroux (1987, p.84-85):

A escola é uma das esferas públicas básicas, onde pela influência da autoridade, da resistência e do diálogo, a linguagem é capaz de construir a maneira como vários indivíduos e grupos codificam e assim, leem o mundo. Em outras palavras, a escola é o espaço onde os projetos de linguagem se impõem e controlam normas e formas específicas de significado. Neste sentido, a linguagem faz mais do que apresentar diretamente a 'informação': na verdade ela é usada tanto como base como para a "instrução" como para produzir subjetividade.

Há muito tempo, a escola ainda é um espaço de formação profissional e preparação para a vida, para o mundo do trabalho e, para atender também as reais necessidades do mundo contemporâneo. A rapidez com que os fatos acontecem, a constante mutação tecnológica, até mesmo a releitura de valores que a própria sociedade defende incondicionalmente, leva-nos ao desafio de repensar a escola como uma instituição capaz de absorver todas estas mudanças e formar cidadãos para o nosso tempo. Ao se deparar com essa realidade, cabe aos professores criar novos mecanismos e suas práticas pedagógicas que projete um futuro próximo e desafiador.

A mudança de paradigma não é tão simples assim, mas a iniciativa inovadora de alguns pouco pioneiros, podem ocasionar futuramente em mudanças significativas nas práticas escolares. Segundo Papert (1994, p.13):

Entre as insatisfações não menores encontram-se os sentimentos das crianças; no passado elas podem não ter gostado da Escola, porém foram persuadidas a acreditar que esta era o passaporte para o sucesso na vida. Na medida em que as crianças sujeitam a escola como fora de sintonia com a vida contemporânea, elas tornam-se agentes ativos na criação de pressão para mudança.

Uma escola que de forma padronizada determina o que todos devem aprender, não respeita as diferenças individuais, e é nome de méritos pessoais, entende a educação como aquisição de conhecimentos cognitivos, acadêmicos, reproduzindo desigualdades corroborando para uma seleção social. Segundo Fino (2011, p.156):

A racionalização econômica e o modelo de gestão empresarial implementado na escola a partir da consideração de educação como um produto e o aluno como resultado de um processo de consumo quantitativo levou o docente a assumir não só a tarefa do ensino, mas também necessita atender os objetivos e metas políticas governamentais.

Se utilizando das TIC como ferramenta facilitadora e apoiadora do processo de ensino aprendizagem assim como lápis e papel no sentido de dar sustentação as experiências e saberes dinâmicos e interativos prevendo maior produtividade, a escola frente aos novos desafios, tendo o aluno como sujeito do seu próprio saber e o professor como facilitador numa irreversível evolução midiática conduz a um contexto de inovação.

Sabe-se que algumas experiências isoladas por parte de alguns professores que se aventuram na possibilidade de adequar o ensino ao contexto e a realidade dos educandos têm feito a diferença principalmente em meio à maioria que se acomoda com a forma tradicional e cotidiana de lidar com o conhecimento, podem a partir dessas experiências isoladas, plantarem no imaginário coletivo da escola muitas vezes sem uma consciência formada, implantar novas práticas que oportunizam as culturas coletivas, Giroux (1997, p.99) diz que:

A 'voz do professor' reflete os valores, as ideologias e os princípios estruturados que dão significado às histórias, às culturas e às subjetividades definidoras das atividades diárias dos educadores. É a voz do senso comum e do senso crítico, que os professores utilizam para medir os discursos de produção dos textos e das culturas vividas, tal como são expressões nas relações assimétricas de poder que potencialmente caracterizam as esferas públicas, tais como a escola.

Analisando algumas posturas de professores tidos tradicionais, detentores dos conhecimentos que acreditam que seus alunos são meros depósitos de conhecimentos, pré-estabelecidos pelas matrizes curriculares, em contrapartida o pensador Paulo Freire dentro de uma abordagem que cabe perfeitamente uma inovação pedagógica, reflete sobre a possibilidade de se escutar o outro, fazendo deste o protagonista na construção do conhecimento. Diz Freire (1999, p.127- 128):

Se na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando dos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fossemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele.

Essa inversão de prioridades, ou seja, o aluno como o ator principal no processo de ensino aprendizagem, contrapondo-se ao o modelo tradicional no qual o professor detém o conhecimento e transfere através de ensinamentos aos alunos. Para Freire (1989, p.13)

Daí que sempre tinha insistido em que as palavras com que organizar o programa de alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos

grupos populares expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. Deveria vir carregadas de significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador... Depois, voltavam a eles, inseridos no que chamava e chamam de codificações, que são representações da realidade.

Temos, dessa forma, uma real experiência com inovação pedagógica, que comprovadamente educa e emancipa o indivíduo e lhe oferece condições de realizar suas escolhas de maneira mais consciente e política. Acontece que esse tipo de abordagem não interessa aos grupos que dominam essa educação que se arrasta há décadas, sem atender aos anseios do público que frequenta os bancos da escola. O maior desafio é inverter essa realidade, promovendo educação de qualidade, principalmente para aqueles mais necessitados.

Muitos, até pouco tempo, acreditavam que essa inovação pedagógica, poderia se dar com o advento dos computadores e das novas tecnologias. Contudo, esses instrumentos foram subutilizados aplicando as mesmas regras da escola tradicional na abordagem dos conteúdos da era fabril, as aulas continuavam sendo ministradas nos mesmos padrões conservadores apenas inovando os recursos utilizados, ou seja, as novas tecnologias. Sendo assim, Fino (2005, p.07) afirma:

Como toda agente compreenderá, a inovação não reside na tecnologia propriamente dita, mais no que ela nos permite fazer com seu auxílio. A tecnologia só será ferramenta de inovação pedagógica a partir do momento que permita coisas diferentes, quando abrir portas para territórios inesperados, e podem muito bem não ter nada a ver se quer, com o currículo ou com a escola.

Inovar requer abordar o novo atendendo as expectativas do mundo atual sem a pretensão de romper definitivamente com todo aparato construído e consumido pelo universo da escola. São nas pequenas iniciativas que se constroem alternativas, por exemplo, observa-se que o objetivo da Produção de Vídeos Estudantis possibilita à escola a promoção de práticas inovadoras que utilizam as novas tecnologias dando ao aluno a oportunidade de ser o protagonista na construção do saber, embora a mediação seja feita pelo professor, logo a produção não é feita de forma aleatória.

A partir de 1950, com a criação dos computadores, a produção de conhecimentos se acumulou vertiginosamente, afetando diretamente a rotina da sociedade em termos comportamentais, para Toffler (1973 p. 23):

O computador tornou-se uma força capital por detrás da mais recente aceleração no setor do conhecimento e de sua aquisição. Combinando com outros instrumentos de poder crescente analítico para a observação do universo invisível que nos cerca o computador fez subir o ritmo da aquisição do conhecimento a velocidades estupefacentes.

Segundo Fino (2005, p. 5) “duas décadas depois da construção do ENIAC, as TIC começaram a bater a porta das escolas, cujo desenho organizacional tinha sido como referência para a sociedade industrial”.

Por volta de 1957, começaram os questionamentos relativos à função da escola na formação do cidadão, principalmente dos americanos que se sentiram ultrapassados, por conta de que os russos enviaram o foguete espacial Sputnik I que marcou o fim da era industrial e começou a da economia de informação, nasceu então a tecnologia-fundadora da pós-modernidade.

Com a introdução dos computadores na escola por volta dos anos 60, se pensou numa quebra de paradigma no processo de ensino-aprendizagem, no entanto Segundo Fino (2005, p.06):

O longo das décadas de sessenta e setenta, os meios áudio visuais se começaram a vulgarizar no interior dos estabelecimentos, eles nunca passaram de meros “auxiliares do ensino” apesar de muitos entusiastas terem anunciado a transformação da escola pelo seu eixo.

Só que o aparato escolar se cerca de um sistema de defesa de sua preservação nos moldes tidos tradicionais e imediatamente tratou de criar o chamado laboratório de informática onde os professores ensinam os alunos a manusearem as máquinas de acordo com o currículo estabelecido pela escola, sugerindo assim aulas diferenciadas, apenas tirando o foco da figura do professor, mas, não fugindo assim do seu controle. Para Fino (2005, p.07) e é precisamente o que se passa agora com a utilização das novíssimas gerações

ENIAC, servindo como máquinas de distribuição de conteúdos, mas funcionando sobre uma designação genérica enganadora e capciosa.

Alguns reformistas da escola apresentam suas ideias, propondo mudanças significativas que, na verdade, são reformulações pontuais na área de educação que não se caracteriza como mudanças de paradigma, como é o caso do ensino tecnológico, através do qual se caracteriza a Educação à Distância (EAD) que utilize os mesmos métodos tradicionais da escola na transmissão dos conteúdos, tendo como inovação, apenas a utilização dos recursos tecnológicos que atinge maior número de alunos, em diversos ambientes, simultaneamente, mas sem oportunidade nem de interação entre professor e aluno. Com relação a isso Fino (2005, p.07) afirma que:

É por essas e por outras razões que estou convencido de que os sistemas e-learning, ainda não são o futuro da escola do passado. Como toda a gente compreenderá, a inovação não reside na tecnologia propriamente dita, mas no que ela nos permite fazer com o seu auxílio.

Poucas experiências ousadas ocorrem no interior das escolas de pequeno porte nas quais alguns professores mais corajosos se aventuraram na possibilidade de adequar o ensino ao contexto e a realidade dos estudantes, como é o caso das escolas do Movimento Sem Terra (MST) que procuram adequar os conteúdos às vivências da comunidade discutindo questões agrárias e das lutas de classes. Mas tudo isso, está longe de alcançar as práticas das escolas tidas como regulares que continuam ministrando conteúdos não condizentes com a realidade e a necessidade dos seus educandos. Segundo Hargreaves (1998 *apud* Fino, 2005, p. 8).

Em muitos sentidos, as escolas continuam a ser instituições modernas (e em certos casos, até pré-modernas), que se vêem obrigadas a operar num mundo pós-moderno complexo. À medida que o tempo passa, o hiato entre o mundo da escola e o que existe para além dela está a tornar-se cada vez mais obvio, sendo a natureza anacrônica da escola cada vez mais evidente.

A bem da discussão que gera em torno do papel da escola, percebe-se que o avanço das tecnologias da informação e da comunicação tem contribuído

para as mudanças nas metodologias do trabalho docente, assim como, ampliar o acesso à plataformas, sites especializados, museus e bibliotecas digitais.

A mudança de paradigma na questão educacional, passa pela tomada de consciência de todos envolvidos no processo de ensino aprendizagem e se ousássemos aplicar o construcionismo, utilizando as tecnologias da informação a nosso favor respeitando o tempo e a bagagem cultural que cada indivíduo trás consigo, apostando assim na capacidade individual de cada um em produzir seu próprio conhecimento, com certeza estaríamos inovando pedagogicamente.

Mas isso passa também por uma tomada de consciência por parte dos governantes que apostam na escola a reprodução de um sistema que os assegura a perpetuação do poder, uma vez que estes usam a instituição escolar de forma demagógica, não encarando de frente seus reais problemas e nem tão pouco fazendo nada para mudá-la.

O uso do projeto de criação de vídeos escolares como ferramenta educacional tem se mostrado útil e proveitoso no processo de ensino aprendizagem. Contudo é importante frisar que o projeto em si não deve ser tomado como algo que independe de orientação de professores dentro de um contexto educacional propício e inovador. Por isso Fino (2011, p. 113) defende que: “Dentro da escola, a inovação pedagógica envolve sempre o risco de conflito com o currículo”.

A ideia de inovação pedagógica está centrada na descontinuidade do modelo de escola tradicional que se apoie no modelo fabril precisamos de uma escola que se atenha ao futuro. A tecnologia por si só não pode ser considerada como inovadora.

Fino (2011, p.1134) defende a idéia que “a linha de investigação em inovação pedagógica foi criada sob o pressuposto de que a escola está desajustada das necessidades do presente (...). A inovação institucionalizada preserva as práticas tradicionais.” Na escola tradicional, o papel do professor é de transmissor de conhecimento já no tocante a inovação pedagógica exige uma reaprendizagem. Nem tão pouco dependa de formação do professor ao nível que seja uma boa formação o que é muito importante.

O desafio é grandioso e conclama a participação de todos os pares envolvidos em educação para juntos pensar numa saída horrorosa para a questão. Para Fino (2011, p.33):

Convém refletir, no entanto, que a permanência do paradigma fabril como principal organizador da escola, apesar de descrito de forma extremamente crua por autores como Toffler (s/d) e Gimeno Sacristán (1985), por exemplo, e apesar de sucessivas crises por que tem passado, continua vigente. É claro que, ao longo dos tempos, se foram sucedendo tentativas de modificar a escola mais ou menos profundamente nenhuma delas com força suficiente para por em causa a sua orientação paradigmática.

O impasse continua, mas o desafio está lançado talvez essa mudança não se dê de forma abrupta e decisiva, mas a passos lentos dia após dia, com os erros e acertos que perpassam o cenário da escola.

É muito comum haver entendimento de que a utilização das novas tecnologias no ambiente escolar se confunde com inovação pedagógica. Mas pelo contrario a utilização das TIC, em muitos casos, reforçam o modelo de educação vigente, pois não provoca nenhuma ruptura com o currículo ou com os métodos aplicados em sala de aula que valorize o professor como detentor dos conhecimentos e os estudantes como agente receptor dos ensinamentos proferidos. Diante dessa análise, Fino (2011, p.34) traz:

(...) a inovação pedagógica passa por uma mudança na atitude do professor, que presta muito maior atenção à criação dos contextos de aprendizagem para os seus alunos do que aquela que é tradicionalmente comum, centrado neles, e na atividade deles, o essencial dos processos.

Se nos aprofundamos mais um pouco na questão diríamos que a escola é um lugar de manutenção dos interesses e ideologias dominantes e que não há nenhum tipo de esforço estabelecido para mudar esse quadro. A não ser algumas experiências isoladas tidos como “ilhas” de alguns poucos que se aventuram na possibilidade de mudança mesmo que seja mínimo. De acordo com Giroux (1997, p.41):

Tal modelo administrativo é aviltante para professores e também alunos, se quisermos levar a questão de escolarização a serio, as escolas devem ser o lugar onde relações social democráticas torna-se parte de nossas experiências vividas.

É natural que os alunos estudem números, gramática e temas como a Revolução Francesa, mas que eles também se ocupam em aprender, pensar, brincar e coisas do gênero a questão é por que não se ensinar a pensar, aprender, a brincar se essa rigidez colocada. Pensando sobre esse recorte podemos concluir que nosso objeto de pesquisas induz muito mais estudantes a aprender de forma mais lúdica e prazerosa do que com métodos mais conservadores e convencionais.

Alguns estudiosos defendem que as crianças são capazes de aprender de forma espontânea com a ajuda de terceiros no contato, na troca de experiência, ou seja, de forma lúdica sem a imposição do conteúdo formal transmitido pelo professor e absorvido pelo aluno e para comprovar essa afirmativa: Vygotsky (1991. P.158) chama de zona de desenvolvimento proximal que este explica:

Ela é a distancia entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através de solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

Ainda nessa linha de pensamento, vemos que a escola de muito mais espontânea ao conhecimento sobre números e gramática do que propriamente sobre aprendizagem e dentro desse raciocínio Papert (1994) faz uma associação de significados entre os temas “matética” e “eureca” se referindo ao significado da arte de uma descoberta intelectual.” “Em tempos recentes, ela foi aplicada especificamente a descobrir soluções para problemas. Assim, Papert (1994, p.79) “Matética e para a aprendizagem o que a heurística é para a resolução de problemas.”

Podemos observar que os pensadores há muito tempo vêm tentando justificar através de abordagens comprovadamente experimentadas quanto ao método e os procedimentos ainda utilizados pela velha escola tradicional, que fatalmente estão fadadas ao insucesso em decorrência da dinâmica dos novos elementos que entraram em ação no cotidiano da escola. E inovar é a palavra de ordem que não pode deixar de existir no pensamento dos educadores dos novos tempos.

A educação está envolvida num processo de desenvolvimento global da consciência e da comunicação, dentro de uma pedagogia voltada para os meios de comunicação.

Dessa forma, os conhecimentos e a metodologia surgem a partir da dialogicidade do professor com os alunos, destes entre si, e de ambos com os meios de comunicação disponíveis ao aluno em sua casa e no espaço escolar.

Em face às transformações que ocorrem no mundo globalizado, observa-se a necessidade do educador estar preparado para as demandas sociais, o mercado de trabalho, o conhecimento pluricultural e as novas tecnologias da informação, assim, acredita-se que é indispensável, no contexto da sala de aula, o papel do professor, transformador, questionador e encorajador do debate e da investigação ganha nova dimensão com o uso das novas tecnologias existentes nos dias atuais.

Os diferentes momentos da docência sinalizam as possibilidades da prática pedagógica docente e por fim promovem a educação, na qual o professor pode utilizar as várias ferramentas, tais como as novas tecnologias, como alternativas do processo ensino-aprendizagem. É preciso que a relação da escola com esses meios encaminhe-se para uma abordagem pedagógica que tenha por meta uma ideologia democrática de educação, tornando significativo e por razão, dinâmico e interessante o processo de ensino e aprendizagem, pelo entrecruzamento intencional de duas instâncias sociais do saber: meios de comunicação e escola.

É preciso considerar que as mudanças na formação do educador dependem também de política efetiva, assim como, analisar as propostas sugeridas em diferentes momentos, considerando a universidade como um todo, dando preferência ao trabalho articulador entre teoria e prática. A formação do professor, portanto, deve ter uma visão multidimensional: científica, política e emocional, amplamente relacionada à visão pedagógica.

É necessário que os professores sejam provocados para desenvolver sua inteligência na direção do complexo a fim de que saibam como criar situações que desafiem seus alunos a evoluir nessa direção. Portanto, deve-se envolver sempre o educando e o educador numa relação de profundo respeito, admiração e complementaridade.

Monquier & Szymanski (2014, p.16) debate que diante de novas maneiras de compreender, de perceber, de sentir e de aprender, nas quais a afetividade, a imaginação e os valores não podem deixar de ser considerados e apesar de a escola ainda privilegiar a “cognição”, os jovens estudantes não se interessam tanto pelos conteúdos e temas de estudos como pelas relações que se estabelecem (ou podem ser estabelecidas) no ambiente escolar, mediadas por tecnologias da comunicação.

A escola e os meios tecnológicos de comunicação assemelham-se, porque tratam da realidade e ambos são locais de aquisição de saberes, assim, educar com os meios e educar para os meios é imprescindível à educação escolar por possibilitar um ambiente favorável à cotidianidade. Entende-se que o prazer da aprendizagem pode ser obtido com modernas tecnologias, como *videogame* e a *internet*, relacionando-as como com tecnologias mais tradicionais, desde que respondam aos anseios imaginários dos estudantes e propiciem vivências significativas e criativas para eles.

Cabe a escola a tarefa de difundir os saberes das gerações passadas, mas também, e principalmente de formar cidadãos conscientes, capazes de compreender o processo histórico de forma global e se posicionar criticamente dentro dele.

Para que as TIC promovam as mudanças esperadas no processo educativo, elas devem ser usadas não como máquinas para ensinar ou aprender, ou modismo, mas como ferramenta pedagógica para criar um ambiente interativo que proporcione ao aprendiz investigar, levantar hipóteses, testá-las e refinar suas ideias iniciais, construindo assim seu próprio conhecimento.

1.2 A IMPORTÂNCIA DAS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS PARA A EDUCAÇÃO

A inovação pedagógica é uma questão muito abrangente e de certa forma ambiciosa, pode-se observar que na história da educação, por exemplo, muitos estudiosos proveram vários métodos e estratégias que atraísse a curiosidade de estudantes e professores. No entanto, o que se percebe é que

apesar de inúmeros métodos criados para desenvolvimento da educação, a ampliação e a morosidade quanto às políticas públicas continuam prevalecendo.

Com isso, o que se entende é que ou as propostas não atingem verdadeiramente o propósito ou, de fato, não se quer mudar as diversas situações as quais dificultam o progresso na educação. Sabe-se que o currículo é mais político e de uma esfera gigantesca, na maioria das vezes os interesses das classes dominantes é de permanecer como está, pois nota-se que a educação reproduz as ideias do sistema vigente. Segundo Sousa (2012, p.07) “o currículo surge, assim, do ponto de vista político, com carácter instrumental: ele destina-se a processar (transformar) o aluno com o máximo de eficácia e o mínimo de custos, numa lógica empresarial, comercial ou industrial”.

Toda inquietação vem de um grupo reduzido de pensadores que vêem que a sociedade vive uma conjuntura avançada e que a escola não acompanha o desenvolvimento. Esta situação provocadora nos remete ao desafio de juntos com todos os envolvidos debater incansavelmente até que todas as possibilidades sejam esgotadas para encontrar caminhos os quais direcionem a uma educação efetiva. Como essa é uma questão é uma discussão mundial, visto que se vê que há uma preocupação referente à temática, pensa-se que é salutar estarmos nesse processo, pois a médio e longo prazo chegar-se-á a um denominador comum.

Dentro da nossa proposta, delineia-se uma valiosa contribuição para o debate de ideias que vão sendo buriladas nessa perspectiva de mudança e inovação no campo educacional, posto que existe uma relação visceral entre a teoria e o método, pois há muitos pesquisadores, teóricos e estudiosos da questão dão o suporte para que, através de conceitos e teorias, o método possa ser construído e colocado em prática no intuito de ser aprovado ou não pelos entes envolvidos na educação.

A pesquisa no campo de inovação pedagógica não é recente, mas a temática é tão profunda que os ensaios e os erros dão a tônica para as discussões para possivelmente chegar a uma conclusão.

No Brasil, na atual conjuntura, está sendo proposta uma nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017) para a Educação Infantil ao Ensino Fundamental a qual coloca o estudante diante de diferentes competências e habilidades que possam ser desenvolvidas individual ou coletivamente cuja finalidade seja a aprendizagem participativa e significativa. Vemos que não se trata de uma proposta de governo, mas sim um projeto mais consistente para a educação, como também irá prevalecer as possíveis mudanças no campo político. Entre as dez competências gerais propostas, há uma voltada para as novas tecnologias que permite aos alunos uma inserção à cultura digital. Segundo Brasil (2017, p.09):

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Sobre cultura digital, é importante refletir acerca da prática pedagógica, que implica também o exercício contínuo de conhecer melhor o aluno e pensarmos acerca a escola e suas políticas e currículos. Ao fazer um retrospecto e observamos o passado, podemos constatar diversos registros de tamanha revolução tecnológica que tivemos, principalmente, no campo das comunicações se deu de forma exponencial e isso de uma forma muito significativa alterou a forma com que nós temos acesso às informações.

Dessa maneira, ao analisarmos a escola atualmente, nota-se que ela está alicerçada em pilares que, muitas vezes, não conversam com esse aluno que vive em pleno século XXI. Então em diferentes situações pedagógicas, o que o professor usa como estratégia para o aluno está muito distante das expectativas que ele tem em relação à aprendizagem e até mesmo à escola, por conseguinte, a dificuldade natural que o docente se depara é que esse aluno consiga identificar na escola um caminho para a realização de seu projeto de vida. A BNCC tem como propósito contribuir para a formação de um ser pleno e integral, com competências cognitivas e socioemocionais por isso que em diversos momentos o documento aborda, especialmente na

intencionalidade das dez competências gerais, a abordagem quanto às novas tecnologias e a cultura digital. Segundo Brasil (2017, p.09):

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

Pensar a respeito das novas tecnologias como inovação tecnológica é adaptar as práticas pedagógicas e personalizar a abordagem junto à necessidade do aluno e cada vez mais tê-lo como parceiro para que os objetivos sejam alcançados ao longo desse processo. Assim, investigar a utilização das TIC como inovação é ter ciência de que as práticas se atualizam também enquanto escola, visto que há um conjunto de comportamento os quais caracterizam uma sociedade, bem como perceber as suas demandas profissionais, as relações às quais se estabelecem entre as pessoas e a interferência direta dos avanços tecnológicos ocorridos nos últimos tempos.

Essas inovações tecnológicas geraram mudanças comportamentais ao passo que esses novos comportamentos também ensejam a inovação tecnológica de outras formas, assim observa-se o ciclo em que a tecnologia não é apenas uma criação humana, mas também um agente de transformação da atuação humana. Em sala de aula, por muito tempo, o professor foi visto como o detentor do saber, aquela pessoa que centralizava o conhecimento e a sua missão era de transmitir o conhecimento para o aluno. Com o avanço da tecnologia, em especial, com o advento e popularização da *internet* o conhecimento se tornou acessível e diluído, de modo que não apenas mais aproximável como também as pessoas puderam contribuir para construção e compartilhamento de saberes.

Perante os estudos de alguns autores dessa pesquisa, observa-se que não são as ferramentas tecnológicas que irão promover uma inovação tecnológica, que elas são apenas instrumentos, isto é, mecanismos pelos quais se promove e faz educação. Para Fino (2010, p.277):

A inovação pedagógica implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico, explícito ou implícito, face às práticas pedagógicas tradicionais. É certo que há factores encorajam, fundamentam ou suportam mudanças, mas a inovação, ainda que se possa apoiar nesses factores, não é neles que reside, ainda que possa ser encontrada na maneira como são utilizados.

Muito mais que antes, é imprescindível o domínio das novas tecnologias, uma vez que elas estão inseridas na sociedade em todas as áreas do conhecimento. Embora elas sejam instrumentos que possibilitam aquisição de conhecimento, informação e saberes, isso não traduz ou queira dizer que se conjecture em uma inovação pedagógica.

Às vezes, a inovação pedagógica tão esperada e bradada aparece em muitas ações pequenas e isoladas de anônimos educadores, que com muita dedicação e afincos, empenham-se na promoção de seus alunos e almejam ver o crescimento e desenvolvimento desses educandos. Constatam-se que, muitas vezes, esses profissionais se indispõem com o que está estabelecido pelo sistema para promover mudanças significativas. Porque o professor ainda possui certa autonomia no ambiente educacional e juntos com seus alunos criam e saem dos muros das escolas que, amiúde, limitam sua criatividade. São pequenas iniciativas que vão ao longo do tempo colocando em questão tudo que está permanentemente sendo mantido pelo currículo ou pelos domínios do poder.

Nota-se no comportamento questionador e, muitas vezes, insubordinado dos estudantes que as aulas expositivas não são mais atraentes, as conversas paralelas e até mesmo o uso indevido do aparelho celular, como mostra o viés dessa pesquisa, funcionam como fuga das aulas chatas, repetitivas e distantes da realidade que são ministradas. Neste sentido, são inúmeros os desafios que se interpõem à tarefa de educar nos dias de hoje, a informação e o conhecimento transformaram-se não em um dos factores produtivos mais importantes no contexto trazido pelas mudanças no uso das novas tecnologias de nossos tempos.

O desafio está posto e sabe-se que não se trata de uma questão de fácil resolução, nem virá de forma imediata, embora seja urgente em razão de possibilitar aos alunos a manifestação de todo o seu potencial ao serem incentivados a colocarem em prática suas habilidades e competência a fim de

que o aluno se reconheça enquanto agente transformador da realidade, compreendendo o seu entorno social para estar atuando sobre ele. Mas também, para que se possa promover uma educação que vise atender aos anseios de uma sociedade que não aceita mais os ditames do velho mundo.

Todo o conjunto de manifestações culturais apresentados é repassado através de uma educação informal para os envolvidos, dessa forma, todos possuem um valor cognitivo gerado pelas relações culturais que realizam. Esse valor é definido por Pierre Bourdieu como “capital cultural”. Esse capital será o fator definidor do sucesso ou do insucesso escolar, provocando assim a discussão sobre a existência de uma ligação entre classe social e êxito escolar, será que existe um favorecimento e um desfavorecimento no espaço escolar?

Partindo para uma análise histórica da escola, podemos notar que esta nasceu de interesses da classe alta européia, que sentia a necessidade de preparar os seus sucessores para dominar as suas propriedades e seus reinos, também nasceu da necessidade de formação dos integrantes do clero católico, que, por sua vez, eram filhos de nobres e de burgueses. A educação formal foi se modificando e passou pelo seu mais importante processo de mudança, que foi a laicização, na qual a escola ganhou a sua independência dissociando-se da religião, entretanto, manteve as bases européias e burguesas continuando a favorecer a elite da sociedade. No Brasil esta escola é chamada por muitos como o espaço de mudança, principalmente, conforme nos aponta Feitosa (2000, p.04) “para Paulo Freire, o educador deve repensar a sua prática, permanentemente, de modo a possibilitar a autonomia dos educandos e a construção de uma aprendizagem libertadora”.

A escola brasileira mantém uma política de exclusão das classes desfavorecidas. A imagem romântica da educação como a libertadora das classes oprimidas se desfaz quando notamos que ao invés da tão desejada mudança, a escola continua com o seu papel de reprodutora da sociedade desigual. Os anos vão se passando e a situação continua estática, apenas alguns conseguem obter êxito no processo de ensino público brasileiro. Tivemos algumas oportunidades de trabalhar na escola formal com alunos de baixa renda e pudemos comprovar a existência de um sistema implícito de seleção que é imposto àqueles estudantes, apenas os que conseguem se

adaptar à escola capitalista, europeia e que não considera a origem de cada aluno para a produção do conhecimento. Nota-se que a política de ensino na escola brasileira é elaborada para cidadãos ocupantes de classe média, na qual os pais normalmente têm preparação para auxiliar no desenvolvimento escolar, enquanto os estudantes de classe baixa enfrentam muitas dificuldades para assimilar conhecimentos, pois a maioria tem pais analfabetos e, além disso, vivem num contexto cultural considerado pela política escolar como inadequado ou impróprio para a construção do conhecimento.

Toda a problemática levantada sobre a questão do capital cultural e a sua relação com o êxito escolar merece uma discussão teórica mais aprofundada, a primeira questão está relacionada à formação deste capital, a segunda questão é um pouco mais complexa, referente ao sistema de ensino público. Poderíamos fazer uma escola voltada para a mudança realidade social brasileira, e ainda, qual deve ser o posicionamento docente frente aos sistemas de seleção utilizados pela escola, inclusive o livro didático? Parece uma difícil tarefa proporcionar a mudança através de uma educação formal que apesar de ter se modificado e ganhado novos ideais com o passar dos anos, ainda continua conservadora e excludente.

A palavra cultura possui vários significados e dentro da história teve várias interpretações. O termo está ligado ao modo de vida, valores, crenças, identidade de um povo. Podemos compreender o termo cultura em dois blocos. O primeiro está ligado com aspectos da realidade social, a tudo aquilo que se relaciona a existência de um povo. A segunda tem uma relação com o conhecimento, com o mundo das idéias e das crenças. O termo “cultura”, na etimologia da palavra, provém do latim medieval, a partir do verbo latino *colere* que significa cultivo cuidado.

Civilização e cultura têm significados distintos. A civilização seria segundo Rousseau, no século XVIII¹ “o cultivo da exterioridade, sujeição da sensibilidade e do bem natural”. Para Boeira (1998, p. 74) “cultura é bondade

¹ Excerto de Rousseau citado pelo Prof. Sérgio Luis Boeira no artigo “Crise civilizatória & ambientalismo transetorial”, disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacf/article/viewFile/23565/21424>, acesso em 28/02/2019.

natural, interioridade espiritual, sentimento e imaginação, vida comunitária e espontânea.

Trazendo esse pensamento para o âmbito da escola, em especial, o foco na aprendizagem, percebemos que através das tecnologias, os alunos podem (re) conhecer civilizações, culturas estrangeiras, ou seja, um universo de conhecimento reconfigurado no formato das tecnologias.

Para Morgado (2014, p.05):

“as tecnologias não favorecem somente os interesses do grande mercado, inclusive o cultural. Elas também proporcionam novos fluxos de experimentação artística e oportunidades de valorização de tradições culturais específicas, combinada ao uso criativo dos mais recentes recursos científicos e tecnológicos”.

Diante dos vários significados do termo cultura pode-se perceber que todos têm a ver com a origem do sujeito que determina suas ações, a relação com o mundo e ele mesmo, seu estilo de vida, sua estética. As relações sociais estudadas pela sociologia são explicadas através do estudo da cultura de determinados grupos e nos estudos da sociologia a cultura esta sempre associada à idéia de mudança e transformação, portanto o tema também é aplicado aos sistemas educacionais.

É sabido que a sociologia utiliza a cultura para explicar fenômenos sociais, pois, cada povo tem sua cultura e que as culturas são diferentes. Os estudos feitos pela sociologia trazem contribuições tanto no âmbito social como no âmbito educacional, com as críticas feitas à educação formal que não valoriza as experiências extraescolares para o desenvolvimento dos sujeitos.

Gohn (1999, p.92 *apud* Frison 2006, p. 14) nos diz que:

A grande mudança aconteceu na década de noventa, por ocasião das transformações na economia, na sociedade e no mundo do trabalho. Em função disso, se começou a valorizar os processos de aprendizagem, passou-se a falar de uma nova cultura organizacional que, em geral, exige a aprendizagem de habilidades extra-escolares.

Certamente influenciaram o desenvolvimento dos sujeitos enquanto cidadãos críticos, participativos e políticos dentro da sociedade. Estes aprendizados consistem no processo de absorção de uma cultura, ou seja, a

educação transmitida pelos pais na família, no convívio com os amigos, teatros, leitura de jornais, livros etc. carregados de valores e representações, são fatores determinantes para o sucesso escolar das crianças de baixa renda.

Colaborando com a importância da cultura para o desenvolvimento do sujeito Bourdieu (1998) afirma que é através da formação inicial em um ambiente social e familiar que os indivíduos incorporam um conjunto de hábitos e ações típicas dessa posição e passam conduzi-las ao longo do tempo e nos mais variados ambientes de ação, ou seja, cada indivíduo age de acordo com a bagagem cultural herdada. Essa bagagem possui componentes e objetivos que podem ser favoráveis ou não ao sucesso escolar. Uma das categorias que contribuem para esse sucesso é o capital econômico que é bens e serviços aos quais o cidadão possa ter acesso, a segunda categoria é o capital social que é um conjunto de relacionamentos sociais influentes e mantidos pela família e, finalmente, o capital cultural institucionalizado, formado por títulos escolares.

É importante observar que do ponto de vista de Bourdieu capital cultural é a herança herdada da bagagem familiar que tem impacto no destino escolar. A posse desse capital cultural favorece o desempenho escolar na medida em que facilitaria a aprendizagem dos conteúdos escolares, as referências culturais, o domínio maior ou menor da língua culta facilitaria o aprendizado promovendo uma articulação entre cultura familiar e estrutura escolar. A educação escolar para crianças menos favorecidas culturalmente seria uma espécie de continuação da educação familiar. Esse capital favoreceria o êxito escolar porque propiciaria um melhor desempenho nos processos formais e não formais de avaliação, pois os processos avaliativos da escola não são uma verificação do aprendizado e sim uma rotulação ou um julgamento. Cabe ao professor identificar os saberes e não saber dos alunos para formular novos métodos de ensino e rever a sua prática para tornar o processo avaliativo uma fonte de resultados.

Foi possível identificar e refletir sobre a importância dos aspectos culturais no sistema educacional durante o período de apresentação dos vídeos pelos alunos. Facilmente percebemos que o nível de aprendizagem das crianças da mesma série dos bairros centrais foi superior as dos bairros periféricos, onde a maioria tinha os pais analfabetos com pouco acesso à

informação e até mesmo não contam com o incentivo destes para estudar, muitas crianças refletem na escola o aprendizado do convívio familiar. A explicação para a violência e o mau comportamento que encontramos em uma das escolas estava pautado no nível do capital cultural que essas crianças possuíam. O ambiente em que elas vivem é violento, muitos filhos de presidiários, com grande dificuldade de concentração e sem acesso a informação não conseguem absorver o conteúdo transmitido pela escola. Com esse perfil tivemos a prova viva de que o capital cultural transmitido pelos pais não contribui para o desenvolvimento deles, pois estão longe de ser os aceitos pelos padrões da maioria, ou seja, pela cultura dominante.

Para Pierro, Joia e Ribeiro (2001, p.74) *apud* Ribeiro, Viana e Rodrigues [...] “os debates atuais sobre os objetivos da educação para a cidadania privilegiam a formação de sujeitos livres, autônomos, críticos, abertos à mudança, capazes de intervir em processos de produção cultural que tenham alcance político”

O perfil do aluno é observado na escola a partir da bagagem cultural que ele traz da família e que influencia no seu comportamento. Se esse comportamento se constitui através da indisciplina certamente esse aluno terá um desempenho ruim e medíocre, mas se ele obtiver um bom comportamento terá um bom desempenho escolar. Esse fato tem uma explicação real. As crianças de classes menos favorecidas possuem uma tendência para o mau comportamento na escola por conta de aspectos como violência doméstica, falta de atenção dos pais, entre outros. A expectativa da criança é que essa lacuna seja preenchida na escola e isso não acontece, pois os professores direcionam maior atenção para as crianças de bom comportamento com facilidade de compreensão, disciplinado, calmo, tranquilo, atento, que compreende o que é dito, aprende as lições, não esquece o material, é assíduo, gosta de ler, etc. Entretanto os que são inquietos, desatentos, indisciplinados, não se concentram, não fazem seus deveres, são lentos ficam rotuladas como incapazes e já ficam marginalizados.

A pedagogia social enfatiza discussões no sentido de incluir e melhorar a qualidade de vida da sociedade como um todo e responsabiliza as políticas públicas e sociais para elaborar e promover ações compensatórias direcionada

aos que se enquadram nos critérios de exclusão e risco social. Diante disso cabe pensarmos qual o papel da educação social para promover o exercício da cidadania provocando mudanças significativas com um olhar educacional específico para conquista de um campo educacional diferenciado. Segundo Gohn (2005) “a nova escola deve reconhecer a existência de demandas individuais e coletivas, orientar-se para a liberdade do sujeito pessoal, para a comunicação intercultural e para a gestão democrática da sociedade e suas mudanças”. Deve aumentar a capacidade dos sujeitos de compreender o outro em sua cultura. Para tanto essa escola deve se estruturar a partir de alguns princípios como: objetivos estratégicos e memória cultural para participar do mundo técnico, atribuir importância central à diversidade, ao reconhecimento do outro e a todas as suas formas de comunicação intercultural, ter vontade de corrigir a desigualdade das situações e das oportunidades.

A globalização da economia e a cultura se transformaram no mais importante espaço de resistência e luta social, o conflito central da sociedade moderna ocorre na área da cultura. Com a globalização torna-se uma sociedade de risco onde impera as incertezas, ignoram a diversidade das culturas e a realidade das comunidades, que passam a se fechar ao redor delas mesmas, como uma forma de se proteger contra a invasão da cultura dominante que se apresenta. Assim surge o processo de exclusão social das camadas populares onde os sujeitos são excluídos e desprovidos de condições dignas de renda, salário, saúde, educação, moradia, transportes etc.

Segundo Gohn (2011, p. 333):

[...] “a educação não se resume à educação escolar, realizada na escola propriamente dita. Há aprendizagens e produção de saberes em outros espaços, aqui denominados de educação não formal. Portanto, trabalha-se com uma concepção ampla de educação. Um dos exemplos de outros espaços educativos é a participação social em movimentos e ações coletivas, o que gera aprendizagens e saberes. Há um caráter educativo nas práticas que se desenrolam no ato de participar, tanto para os membros da sociedade civil, como para a sociedade mais geral, e também para os órgãos públicos envolvidos – quando há negociações, diálogos ou confrontos.

Diante do cenário da globalização as lutas sociais atuais são pela inclusão de setores sociais que antes eram excluídos por estarem em desigualdade econômica e que agora estão excluídos também por suas

desigualdades socioculturais pela raça, etnias, cor, sexo, religião etc. as políticas educacionais são formuladas para atender uma clientela específica de acordo com os padrões de uma cultura particularista e contempla os interesses de uma minoria dominante segregativa e excludente.

Para Bizelli (2015, p.26):

[...] “não há como escapar da análise o fato de o governo brasileiro ter dado atenção, nas últimas décadas,² apenas aos aspectos que tratam da formação de professores para uma abordagem transversal das questões referentes à cidadania para todos; da convivência pacífica na diversidade – racial, étnica, cultural, de capacidades físicas e mentais, religiosa, socioeconômica e política; das questões pertinentes à educação acessível; do apreço às estratégias da democracia para resolução das diferenças político-sociais; da procura do consenso; da superação da pobreza extrema; e do desenvolvimento sustentável”.

Entretanto o sistema político brasileiro desenvolve políticas sociais como instrumento de democratização para um mercado de oportunidades assim a escola passa a ser um espaço atribuído para o exercício da democracia e conquistas de direitos. O impacto da cultura na educação contemporânea conquista cada vez mais espaço embora o desenvolvimento nas diferentes áreas da vida social depende das características da própria cultura.

A priorização dos recursos intelectuais pela sociedade leva a um incremento da importância dos elementos culturais. Porém a educação está proporcionando um valioso recurso para reforçar as barreiras que se estabelece entre os três setores e em um critério de discriminação. As pessoas do primeiro setor são cada vez mais as que possuem títulos universitários enquanto que no terceiro setor predomina as pessoas que não superam o nível dos estudos primários. Somente as pessoas que possuem um alto domínio de conhecimento atualmente priorizado estão ficando no primeiro setor. Os setores que ocupam posições sociais privilegiadas dispõem também do poder simbólico de decidir qual é a cultura valorizada dentro de seu marco social. Os setores privilegiados cada vez mais determinam seus hábitos culturais em função do poder simbólico de exercer sua diferença em relação ao resto da população.

Acreditamos na importância do capital cultural como fator determinante para o sucesso escolar, todavia, acredito também que o capital cultural está dissociado do capital econômico, ou seja, filhos de operários de classe pobre também conseguem chegar à universidade pública. O acesso à educação não é tão difícil assim, embora não tenha a qualidade devida, existe sim “universidade para todos”. O que tem tornando difícil esse acesso é a conscientização da importância da educação para o desenvolvimento do sujeito na sociedade. Bourdieu (1998) define capital cultural como valores transmitidos pela família, assim como, o sujeito é fruto do meio em que vive, que seu desenvolvimento depende da interação com outros grupos sociais, diante destas considerações penso que o ambiente de trabalho, os amigos, todo e qualquer espaço que estabeleça uma comunicação também é responsável pela formação e conscientização do sujeito.

É importante destacar que a família não tendo um capital cultural significativo para proporcionar o desenvolvimento dos filhos na área educacional, o contato com outros grupos sociais pode ser favorável. O incentivo e as oportunidades surgem de várias partes, muito embora continuo afirmando que a família é a referência principal nas vias de desenvolvimento educacional para as crianças.

Quando surgiu a oportunidade de observar a produção de vídeos em momentos peculiares com alunos nas séries finais do ensino fundamental, passamos a analisar as políticas de exclusão que eram aplicadas àqueles alunos. A turma da 7ª série era formada por filhos de lavradores que também residiam na zona rural do município e por filhos de moradores dos bairros próximos à escola, todos, sem exceção, foram considerados como sendo de classe baixa, alguns, inclusive, participavam de programas sociais aplicados pelo governo federal. Antes de fazer uma análise da escola e a sua relação com o capital cultural, cabe uma reflexão sobre o que Freire (1987, p.55) chama de “sociedade fechada”:

O ponto de partida do nosso trânsito foi exatamente aquela sociedade fechada a que já nos referimos. Sociedade crescente-se, com o centro de decisão de sua economia fora dela. Economia, por isso mesmo, comandada por um mercado externo. Exportadora de matérias-primas. Crescendo para fora. Predatória. Sociedade reflexa na sua economia. Reflexa na sua cultura. Por isso alienada. Objeto e

não sujeito de si mesma. Sem povo. Antidualogal, dificultando a mobilidade social vertical ascendente. Sem vida urbana ou com precária vida urbana. Com alarmantes índices de analfabetismo, ainda hoje persistentes. Atrasada. Comandada por uma elite superposta a seu mundo, ao invés de com ele integrada. (Freire, 1987:55)

Para Freire, uma sociedade fechada vem das bases coloniais e se caracteriza por uma situação onde uma elite estaria sobre o povo e este último seria tratado como um “sujeito-objeto”, a partir desse ponto a elite dominante desenvolve sistemas educacionais de manutenção desse privilégio, resultando assim, no processo de reprodução característico da educação brasileira.

Ao suscitar a discussão acerca do ensino público brasileiro tomamos como base para toda essa problemática alguns autores ligados à área de política cultural e sociedade, que trazem à tona uma reflexão sobre o currículo e sobre a cultura no contexto social da formação deste. O primeiro ponto a ser evidenciado é a existência de um currículo elaborado “de cima para baixo”, ou seja, elaborado pela elite dominante para ser aplicado à maioria da população, que é a massa detentora de cultura popular. Notamos que os conteúdos aplicados em sala de aula não condizem com a realidade cultural dos alunos, muitas vezes são conteúdos que não despertam interesse por estarem distantes do modo de vida dessas pessoas, é nesse momento que obtemos a confirmação de que o currículo é forma de seleção onde alguns poucos deverão possuir o capital cultural da classe dominante para ter acesso a esse “conhecimento oficial”, esse pequeno número de alunos obterá êxito no processo de formação oferecido pela escola pública. Quanto a esse sistema seletivo que busca blindar o domínio de um grupo.

Diante desta perspectiva podemos definir o sistema de educação brasileiro como sendo extremamente excludente, favorecendo apenas aos que ocupam uma classe privilegiada detentora de um capital cultural mais adequado a esse quadro. Já foi muito discutido que o desempenho de alunos de escola pública se diferencia dos alunos de escola particular em 80% dos casos devido à condição social das famílias, ou seja, a bagagem cultural que cada aluno leva para a sala de aula. Nessa matéria ainda fica claro que a escola particular possui uma leve vantagem sobre a pública que equivale a

apenas 10%, os outros 90% são definidos pela própria classe social do aluno e dos colegas de curso. Portanto, fica evidenciado que a superioridade não está na escola e sim na clientela que é atendida, afinal, as diretrizes e os parâmetros são os mesmos para qualquer uma escola, seja ela pública ou privada.

O conceito de “marginalidade cultural” se caracteriza quando relaciona a cultura das classes menos favorecidas com o seu rendimento escolar, para ele, o que antes se justificaria com a insuficiência de recursos materiais e humanos nas escolas públicas ganharia uma nova definição a partir daquele momento, que o sistema capitalista pregou uma disputa igual entre as classes, na qual, todas as pessoas são livres e tem as mesmas oportunidades para lutar pelas riquezas comuns, entretanto, essa disputa se torna desigual e injusta pela existência de grupos dominadores e grupos dominados também na questão cultural. Nesse contexto a escola se encaixa como uma ferramenta de dominação utilizada pelas classes dominantes para a perpetuação da situação desigual mantida ao longo dos anos.

Para Reis (1996, p. 44-45):

Quando a Indústria Cultural privilegia um produto pseudo-artístico padronizado, calculado tecnicamente para surtir efeitos determinados de modo a serem por todos desejados e repetidos, na forma e na medida adequados a garantir o poder e o lucro do sistema dominante, gera uma necessidade compulsiva generalizada que afasta o “não-idêntico” como exótico, indesejado, incômodo ou doente. Tal repetição vem camuflada com outros produtos que, não obstante a variação aparente, repetem os mesmos modelos, esquemas ou características impostas, tendendo a manter o público sob controle, cada vez mais massificado, inconsciente e compulsivamente preso à corrente de produção.

O êxito escolar para alunos de classes desfavorecidas parece inalcançável, muitos poucos conseguem vencer os obstáculos impostos pela política curricular implantada pelo estado. Vale lembrar que numa “sociedade fechada” o impedimento da ascensão social é um dos objetivos fundamentais para a reprodução do sistema de dominação, isso explica o grande distanciamento existente entre os conteúdos e o nível cultural dos alunos, fazendo existir um determinismo dentro do sistema de educação brasileiro.

Podemos classificar como um acessório de todo esse sistema o livro didático, que é elaborado por editoras centralizadas, na maioria das vezes, no sudeste e que trazem o “conhecimento oficial” que deverá ser difundido em todo o território nacional, vale lembrar que no nosso período de estágio foi oportunizado o levantamento de dados para uma análise da realidade dos educandos daquela turma, o que mais chamou atenção nesse período foi a descontextualização existente entre os livros e a realidade social e cultural. Tomamos como exemplo os livros de Geografia e História, onde naquela ocasião trabalhava-se com o trânsito, o que observamos foi que o conteúdo que estava sendo direcionado para habitantes da zona rural e do município de Jacobina não condizia com a realidade, o conteúdo apresentado pelos livros mostrava ruas com faixa de pedestres e muito bem sinalizadas, a problemática dessa questão estaria na situação do trânsito no município e na região centro-norte da Bahia, onde não existem faixas de pedestre e sinalização adequada devido à pouca movimentação de veículos e a pobreza que impera na economia destes. Com isso os educandos estavam aprendendo um conteúdo de regras de trânsito que não poderiam relacionar com a realidade.

O livro torna-se um dos fatores que compõem o sistema de perpetuação da dominação de classes onde tudo contribui para o insucesso dos alunos de baixa renda.

O professor também é induzido a participar deste processo, como vimos, existe o processo de marginalização dos alunos pela escola, entretanto, o sistema impõe um outro processo de marginalização chamado de “marginalização docente”. O professor, que é responsabilizado pelo sistema como o provocador do êxito ou do fracasso escolar, também é submetido a várias situações de negação dos seus ideais revolucionários que despertam durante a sua formação, questões como a salarial fazem com que o profissional se submeta a carga horárias excessivas que não lhe oportunizam o aperfeiçoamento ou, até mesmo, a preparação mínima para atuar em sala de aula, muitas vezes essas rotinas inviabilizam a elaboração, até, dos planos de aula. Esse processo de desvalorização profissional faz com que o docente faça uso do livro didático de forma absoluta, onde este se torna o único recurso de aprendizagem presente em sala de aula, as informações trazidas passam a ser

inquestionáveis e a única interação que se faz no dia-a-dia é a correção das atividades. Dessa forma, a quebra da barreira cultural existente entre as classes sociais se torna complicada e o estudante de baixa renda é cada vez mais excluído dos processos formativos.

A formação do professor, outro elemento que compõe o sistema de exclusão do ensino público brasileiro, também é voltada para a negação da cultura popular. Talvez a grande questão dessa problemática seja o etnocentrismo que predomina nos cursos de formação oferecidos pelas instituições de ensino superior, no qual os professores da escola pública sentem muita dificuldade para ensinar os alunos de camadas populares, o professor é formado na perspectiva curricular predominante e ao partir para a prática encontram uma barreira de preconceitos da qual só consegue se libertar tendo interesse e aprendendo a trabalhar com a cultura popular na prática.

Para Canen (2008, p.208):

No entanto, em uma perspectiva crítica, trata-se de superar uma atitude meramente condenatória e resgatar o espaço intra-escolar para viabilizar práticas pedagógicas imbuídas por expectativas que celebrem a diversidade cultural, ao invés de abafá-la. Nesse sentido, um caminho possível é a luta por uma formação docente que sensibilize professores e futuros professores à pluralidade cultural e favoreça práticas pedagógico-curriculares a ela coadunadas.

O processo de reprodução que é imposto pelas classes dominantes através do sistema de ensino culpa o próprio aluno detentor de cultura popular pelo seu fracasso, o padrão cultural erudito e complexo imposto como o ideal faz com que o aluno tenha que negar a sua cultura para conseguir obter o êxito escolar. Partindo dessa perspectiva surge o desafio de se fazer uma escola pública votada para a valorização das culturas populares como ponto de partida para uma mudança na realidade socioeconômica.

A mudança primordial deve ser realizada nos currículos, esses devem ser construídos tendo como base a vida dos alunos, os alunos precisam ter voz dentro do sistema de educação, e essas vozes não podem ser reprimidas por um discurso dominante como vem acontecendo, há uma necessidade muito grande de se trabalhar com uma pedagogia crítica, que não privilegie ou

desfavoreça camadas socioeconômicas, mas que venham a ter como ponto de partida a cultura popular, pois os alunos das camadas mais pobres devem sentir-se formuladores dos seus próprios discursos para que possam intervir e modificar a sua situação de vida. Freire (1987) ao falar sobre os meios de opressão impostos pelas classes dominantes destaca a “invasão cultural” como método de opressão, segundo ele “É importante, na invasão cultural, que os invadidos vejam a sua realidade com a ótica dos invasores e não com a sua. Quanto mais mimetizados fiquem os invadidos, melhor para a estabilidade dos invasores” (FREIRE, 1987, p.150).

Um outro ponto imprescindível para essa reconstrução ideológica do sistema de ensino é a formação dos professores, as instituições formadoras devem rever os seus currículos para que possam eliminar o etnocentrismo que impera na prática docente, onde só o capital cultural considerado bom deve ser incentivado, é necessário ter uma nova forma de conceber e compreender a pluralidade cultural existente para que haja uma crença na capacidade de construir conhecimento que os alunos possuem. A pesquisa de campo sistematizada que se realizou durante a realização dos projetos artísticos e culturais, nos proporcionou o conhecimento de alunos com cultura popular, alguns auxiliavam os pais nos dias de feira-livre no mercado municipal e possuíam uma grande bagagem cultural, ou seja, sabiam efetuar as quatro operações matemáticas, eram muito desinibidos na hora da comunicação, inclusive demonstravam isto em sala de aula, entretanto, esse conhecimento nunca era aproveitado pela escola, um grande exemplo disso era na hora das operações matemáticas, onde os alunos deveriam calcular de forma diferente da empírica e a maioria, que já possuía a prática do cálculo adquirida na hora das vendas, sentiam dificuldade para realizar as tarefas.

Tal exemplo deveria provocar nos profissionais a reflexão acerca das práticas, mas o que se notava era a tentativa de desconstruir o que o aluno trazia do seu dia-a-dia para que ele adquirisse as formas estabelecidas pelo livro didático onde a ideologia dominante impera.

É de se ressaltar que obtivemos muitos avanços nos cursos de formação de professores, hoje alguns currículos já proporcionam a formação de profissionais mais sensibilizados com a questão do êxito escolar dos alunos de

baixa renda, entretanto, essa formação é impossibilitada pelos preconceitos que ainda imperam com forte repercussão fora da escola, muitos professores ainda fazem resistência para compreender grupos sociais excluídos ao longo da história, é o caso dos negros, mulheres, homossexuais, e outros.

A preocupação com a formação do professor é válida quando partimos da ideia de que o professor é definido pelo sistema como o responsável pelo fracasso ou pelo sucesso do aluno, mas vale lembrar que a luta do professor também não será fácil se considerarmos o processo de “marginalização docente” que lhe é imposto e o obriga a aceitar e a executar as práticas excludentes que imperam no ensino brasileiro. Antes de cobrar do professor é necessário repensar as condições de trabalho que a grande maioria deles enfrenta, talvez o maior problema esteja na elaboração dos currículos e também na ausência de uma pedagogia realmente crítica que venha a repensar todo este processo de exclusão que predomina na sociedade brasileira desde a sua época colonial.

Do ponto de vista da etnografia a produção cultural permite ao alunado um novo horizonte de trocar conhecimentos, aprender novos saberes e, ter uma visão diferenciada do contexto social, produzindo novos textos nos formatos de música, de literatura, de pintura, etc. E para complementar essa ideia, o método etnográfico implica conhecer o "outro", sendo que quando o "outro" faz parte da própria sociedade do pesquisador é preciso "estranhar o familiar e assim descobrir... o exótico no que está petrificado dentro de nós" (Da Matta, 1987, p.157).

No que diz respeito à cultura e sua inserção no currículo escolar devemos preponderar que currículo é um importante elemento constitutivo da organização escolar. Implica, necessariamente, a interação entre sujeito que têm um mesmo objetivo e a opção por um referencial teórico que o sustente. É uma construção social do conhecimento, de conhecimento cultural, pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efetive. É também transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e as formas de assimilá-los, portanto, produção, transmissão, assimilação/apropriação, são processos que compõe uma metodologia de

construção coletiva do conhecimento escolar. Neste sentido, o currículo refere-se à organização do conhecimento escolar.

O currículo não é um elemento neutro, expressa uma cultura, a determinação do conhecimento escolar, portanto, implica fazer uma análise crítica, tanto da cultura dominante, quanto da cultura popular. Deve estar inserido no contexto social, uma vez que ele é historicamente situado e culturalmente determinado. É organizado de forma disciplinar, no entanto, visa reduzir o isolamento das disciplinas curriculares, procurando agrupá-los num todo mais amplo (interdisciplinar).

O currículo da escola pública se constitui num documento vivo da representação da sociedade na qual se encontra inserida. Em se tratando de uma escola voltada para o aluno deverá a comunidade escolar organizar o currículo a partir da vida concreta desse aluno, trabalhando o cotidiano em seus vários aspectos: científico, sociocultural, político, econômico, histórico, em que os conteúdos devam permitir a leitura da realidade.

De acordo com uma construção histórica, cultural e social, o currículo traduz os diferentes interesses em disputa, produzindo e reproduzindo as relações sociais, desiguais, assimétricas, que caracterizam as sociedades na atualidade. É fundamental a participação do aluno como principal sujeito da ação como elemento da comunidade escolar para quem todas as ações deverão estar direcionadas.

A valorização dos saberes sociais orientados dos meios familiares e culturais por parte do aluno, não deve ser confundido como homogeneização dos papéis sociais, atribuídos à família e à escola. A escola é um espaço específico de produção e transmissão de conhecimento. Um espaço que estabelece relações privilegiadas com o saber. Um espaço, onde é possível para o professor e para o aluno estruturar e sistematizar os saberes plurais criados em outros lugares.

O currículo é percebido assim como o conjunto de representações que organizam em torno do conhecimento escolar. Conhecimento esse produzido num espaço social com funções sociais formativas e normativas, que precisam ser devidamente consideradas.

À escola e ao professor compete organizar, sistematizar e ensinar estes conhecimentos. Facilitar aos alunos a construção de novas formas de leitura do mundo, no sentido de permitir a esses alunos se situarem em um mundo por definição extremamente complexo e dinâmico.

Partindo dos pressupostos teóricos da Pedagogia Moderna, podemos afirmar que o currículo é o produto final de escolhas feitas dentro do imenso conjunto de conhecimentos produzidos pela comunidade e que contém princípios gerais que norteiam as nossas escolhas, compreendendo a existência de limites e possibilidades para a escola na construção da sociedade que sonhamos.

O currículo engloba um conjunto de experiências coletivamente organizadas pela escola e pelas quais a escola se responsabiliza e disponibiliza aos alunos, com o objetivo que o aluno aprenda algo. O eixo do currículo em torno do qual ele gira é o conhecimento escolar. A centralidade do currículo é o conhecimento, pois a escola deve ensinar e ensinar com qualidade, este é um pressuposto do qual partilhamos.

CAPÍTULO 2

2.1 O PROVE

O projeto Produções Visuais Estudantis (PROVE) é baseado no projeto Cinemação que teve início em 2009 e tem como *slogan* “Uma ideia na cabeça e um câmera na mão” para propiciar aos alunos da rede Estadual da Bahia experiência com criações de vídeos escolares. O Projeto é de natureza artística, educativa e cultural de incentivo a aprendizagens múltiplas e processos criativos, por meio de experiências fílmicas com utilização de recursos tecnológicos tais como: aparelhos celulares, câmeras fotográficas e filmadoras.

A linguagem fílmica na escola foge aos padrões regido do texto verbal, oferecendo entretenimento e aguçado a criatividade dos envolvidos. E por meio de vídeos escolares pode se desencadear as mais diversas discussões sobre os temas abordados nas filmagens. Segundo Tourinho e Jesus (2008, p.74)

A tela tem um limite virtual que abre sobre a realidade e não é uma prisão quadrangular, pois a linguagem cinematográfica, em oposição a função referencial da palavra escrita, apropriada para representar o real, conceituando-o num sistema de categorias explicativas e totalizantes, constrói uma *mise an scene* que aproxima o expectador da realidade ao propiciar o registro e a revelação do mundo visível, como também o afasta do real ao se perder na sucessão de imagens, cores, luzes e sonoridade.

Na tentativa de tirar a escola do patamar conservador, em que o professor é o transmissor do conhecimento e o aluno é o mero receptor, a Secretaria de Educação do Estado da Bahia pretende abrir as possibilidades para que os alunos da rede estadual, com uma câmara fotográfica ou mesmo um aparelho celular registre fotos e imagens que de forma criteriosa, seja capaz de produzir saberes a partir da iniciativa do próprio educando. Isso vai de encontro a tudo que se pregou dentro dos padrões da Escola Tradicional. Neste sentido, Papert (1994, p.18) questiona:

Porque, então, alguém deveria resistir a considerar seriamente, como o fazem os Conservadores, algo que poderia ser tão importante útil

pra o processo educacional? Disposição? Uma obstinada recusa em abandonar velhos hábitos? Estes fatores estão presentes em qualquer desafio a procedimentos há muito tempo estabelecidos. O problema na educação apresenta um elemento adicional. A maioria dos Conservadores honestos está trancada na suposição de que o estilo da Escola é o único estilo, pois jamais viram ou imaginaram alternativas convincentes para a capacidade de comunicar determinados tipos de conhecimentos.

Ao produzir vídeos escolares, que serão difundidos de forma coletiva no interior da escola, nas regionais de educação e por fim na Secretaria de Educação do Estado da Bahia, o projeto se propõe ler as imagens captadas pelas câmaras seguindo o entendimento de Tourinho e Jesus (2008, p.176):

A sensação de realidade captada pela câmera é resultado dos elementos que aparecem na tela e do que não aparece. O espectador, que é conduzido de uma cena a outra pela montagem, tenta dar sentido ao que é visto entre cortes, preenchendo vazios..

Ao propor o PROVE, a Sec-Bahia está diversificando o currículo nas áreas de Língua Portuguesa, artes e disciplinas afins dando abertura as várias possibilidades de leitura de mundo dentro de uma perspectiva sociocultural construída pelos próprios estudantes dentro do contexto escolar: para melhor exemplificar essa ideia Macedo *apud* Gomes (2008, P.53) esclarece:

Defende que ao se assumir a complexidade, estamos assumindo a possibilidade de desalojamento de poderes. Neste caso, o currículo numa perspectiva complexa, aberto as múltiplas manifestações culturais e sociais, não está atrelado somente as disciplinas aos programas e aos conteúdos, mas sobretudo às emergências e aos sujeitos que o tornam real por meio de embates, contradições e ambivalências. A abertura do trabalho pedagógico para a pluralidade de tipologias textuais é um trabalho que envolve certo desalojamento de poder.

Como as crianças através do PROVE ficam livres para construir seus vídeos e roteiros escolares apenas sobre a orientação de professores de Língua portuguesa, Arte ou disciplinas afins, isso ocorre no sentido de produzir a maior aprendizagem a partir do mínimo de ensino, ou seja, conforme um provérbio popular africano: “se um homem tem fome, você pode dar-lhe um peixe, mas é melhor dar-lhe uma vara e ensiná-lo a pescar.” (PAPERT, 1994, p. 125). Para melhor esclarecimento Papert (1994, p.125) ainda acrescenta:

O construcionismo é gerado sobre a suposição de que as crianças farão melhor descobrindo (“pescando”) por si mesmas o conhecimento específico de que precisam; a educação organizada ou informal pode ajudar, principalmente certificando-se de que elas sejam apoiadas, moral, psicológica, material e intelectualmente em seus esforços.

Seguindo uma abordagem sugerida pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, o projeto Produções Visuais Estudantis (PROVE), na proposta de pesquisar se os resultados dessa ação se desencadeiam em produção de conhecimento por parte dos alunos já e o mesmo serão atores na aquisição desses saberes, impõe ao etnopesquisador uma postura, que segundo Macedo (2000, p.245):

É fundamental o entendimento de que o etnopesquisador é parte irremediável da pesquisa. Representante de um segmento que ao longo da história, se quis um construtor de regularidades e leis, o etnopesquisador deve acostumar-se com a angústia do método, um questionamento constante sobre a pertinência de suas posturas e métodos, de sua visão de mundo, da visão sobre os pesquisados e suas construções dos seus construtos teóricos e epistemológicos. Daqui nasce o desejo curioso e a inventividade no processo de pesquisa.

Dentro de uma perspectiva futurista e inovadora, com base na mudança de postura e valores das sociedades, que acontecem com uma velocidade surpreendente, devido aos avanços tecnológicos, muitos educadores têm utilizado de cenários de futuro, ou seja, tentando imaginar ou planejar a sociedade do futuro através de projeções futuristas. A nossa escola seria ao ar livre sem muros, para delimitar os espaços, nem tão pouco criar barreiras entre a instituição e a sociedade. As aulas seriam sob as árvores contemplando o meio ao redor e captando os fatos e ações que acontecem no entorno da escola. A proposta do PROVE pretende inovar no sentido de que os alunos com uma câmara fotográfica ou um celular na mão vão à busca de fatos ou acontecimentos pitorescos que produzam saberes.

A produção de um filme seja qual for a temática abordada e a finalidade de criação no contexto escolar, com o PROVE, torna-se uma prática pedagógica além do lazer, consiste um aparato pedagógico na construção de novos conhecimentos, propiciando aos educandos competências e habilidades

necessárias aos desafios de um mundo globalizado. Conforme Morin *apud* Tourinho e Jesus (2008, p.175)

[...] O que há de mais subjetivo-o sentimento infiltrou-se no que há de mais objetivo há: uma imagem fotográfica, uma máquina: o cinema, ao mesmo tempo que é mágico é estético e, ao mesmo tempo que é estético é afetivo. Cada um desses termos pressupõe o outro. Metamorfose mecânica do espetáculo de sombra e luz, surge o cinema no discurso de um processo milenar de interiorização da velha magia das origens.

Ao entendermos que o ser humano interage através da linguagem, produz um filme com o objetivo de promover aprendizagem num momento de espontaneidade entre o que se ouve (som) e o que se vê (imagem), o educando pode trabalhar com atenção, emoção dentro do tema proposto, numa perspectiva multidisciplinar de construção do conhecimento. Para Tourinho e Jesus (2008, p.179):

Diante de tela, o espectador pode vivenciar uma experiência fílmica, no qual não vai reagir passivamente as imagens, mas antes lhe atribui um sentido que é fruto, em última instância, das suas experiências e expectativas. Neste sentido, a impressão de vida e realidade própria das imagens cinematográficas é inseparável de um primeiro impulso de participação, proporcionando um experimentar o espaço e o tempo, nos quais está imerso, de forma singular, ecológica, telúrica e estética .

Para que o projeto aconteça nas escolas tem que haver a sensibilização para a compreensão da importância da arte fílmica como área estruturante no processo educativo e para a apreensão de uma nova concepção de educação associada à arte e à vida, assim como para o entendimento do estudante como produtor e não apenas receptor do conhecimento. Com base nessa reflexão a professora Lucicleide Miranda Gonçalves Jatobá, então diretora da Escola Padre Alfredo Haasler afirma: “Primeiro aconteceu a adesão por parte da Escola Padre Alfredo Haasler ao projeto, depois demos suporte material ao professor pra que acontecesse o projeto, organizamos o dia da culminância, com a convocação dos jurados. Encaminhamos o vencedor para a Direc com toda a documentação exigida.”

Dentro do entendimento que através do projeto Prove os alunos se sentem sujeitos de aprendizagem, pois protagonizam as ações produzindo roteiros, escolhendo as cenas e atuando deixando de ser assim meros

receptores do conhecimento a professora Lucicleide diretora da escola relata: “Com certeza os alunos foram protagonistas da aprendizagem. A professora faz apanhado de forma geral, divide as equipes, mas são os alunos que desenvolvem o tema escolhido.” (28/08/14).

As gravações devem ser feitas sempre no ambiente escolar ou fora dele, sempre acompanhado pelo professor (a); a responsável pela equipe na Escola Padre Alfredo Haasler, a professora Kátia Jeane diz: “As filmagens foram feitas dentro e fora do espaço da escola como Praça da Missão e Praça Dois de Julho. O propósito era mostrar os aspectos positivos e negativos das novas tecnologias.” (21/08/14).

Dentro do objetivo de explorar o potencial educativo estimulando a expressão visual de imagens em movimento, a produção de roteiros, gravações e edição de vídeos estudantis no ambiente escolar, no bairro e na cidade, a partir da compreensão da arte fílmica como objeto de ampliação do conhecimento, do desenvolvimento de saberes e fazeres artísticos, assim como de valorização das manifestações culturais regionais mais uma vez a Diretora Lucicleide Miranda Gonçalves Jatobá manifesta sua opinião sobre o projeto: “A proposta é excelente porque interage o conteúdo com a realidade do aluno, é uma forma de estimular a produção de vídeos com câmera e celular. Gosto muito de inovação. O professor monitora, apenas alguns alunos uma parte da turma consegue ter autonomia, todo trabalho requer empenho, o aluno aprende pela vivência e pelo observar.” (21/08/14).

Como fase preparatória o projeto Prove, promove um curso que objetiva abordar a origem do cinema, revelando a importância do filme, como prática educativa para a obtenção de uma visão histórica e sociocultural da sociedade e para a formação intelectual, artística e literária dos estudantes, contribuindo para o aprimoramento do olhar crítico da arte fílmica, compreender os fazeres cinematográfico, a partir de experiências de cineastas baianos. Para corroborar com essa afirmativa o Secretário de Educação do Estado da Bahia, Osvaldo Barreto em 29/10/2014 diz:

O áudio visual abrange as artes a geografia a dança a literatura. O Prove é uma mistura de arte, cinema educação e cultura. Com celulares, câmeras fotográficas fazem desse experimento o trabalho de filmagem, são os novos discípulos de Glauber Rocha. 874 escolas

participaram da 2ª mostra do Prove, nessa mostra serão exibidos 15 curtas de cinco minutos. (Conferência Pública na Arena Fonte Nova/Salvador-BA em 29/10/2014)

O Prove é uma experiência pioneira com o uso das novas tecnologias, em que o aluno ao invés de perturbar as aulas com o uso indevido do celular, utiliza essa ferramenta para produzir conhecimentos através de curta metragens de até cinco minutos, produzidos por esses mesmos alunos que ao final das contas concorrem a prêmios e ganha visibilidade diante dos colegas e professores. Segundo a aluna Ane: “Achei importante ir em busca do conhecimento me soltando mais e adquirindo responsabilidade e liberdade ao fazer sozinha.”

No âmbito da sala de aula, o uso indevido das novas tecnologias como o celular, principalmente em momentos indevidos tem trazido alguns transtornos no convívio entre professores e alunos, mas quando se trata de utilizar essas ferramentas na produção de um projeto tendo toda a liberdade de criação produção e execução ai há uma invasão, pois o que parecia ser incomodo se torna bem vindo. Dentro da linha de raciocínio a aluna Ana Vitória afirma: “As tecnologias têm suas vantagens e desvantagens, aprendi mais com as novas tecnologias, porém as pessoas não usam de maneira adequada. Não prestam atenção ao seu redor ficam o tempo todo com o celular conectado com os amigos.” (28/08/14).

Outro fator de grande relevância é que o projeto Prove promove um trabalho em equipe que cada um desempenha seu papel de acordo com suas habilidades, não existe em esperar pelo outro para fazer sua tarefa, pois não se trata de uma atividade maçante, pelo contrario é um exercício prazerosos, em que cada um demonstra o seu potencial. Diante disso a Diretora Lucicleide Miranda Gonçalves Jatobá na diretoria da escola em 28/08/14 afirma: “O aprendizado é que sem o trabalho de equipe não se faz o projeto. Só se trabalha em equipe quando se tem independência, responsabilidade e protagonismo.”.

O projeto Produções Visuais Estudantis na sua essência dá total liberdade ao aluno e isso tem provocado alguns relatos bastante interessantes sobre essa nova maneira de produzir educação sem que o professor esteja à frente dos alunos expondo conteúdos e estes meramente como expectadores

abstraindo dai certos conhecimentos diante disso o estudante Hebert Souza diz que: “através do Prove se aprende sem a interferência do professor.” (28/08/14).

Embora a proposta do projeto tenha como um dos fundamentos a liberdade, observa-se a minúcia quanto à organização como documentos estruturantes à inscrição e à participação, por exemplo, o Termo de responsabilidade autoral Prove pelo qual a escola assume total responsabilidade pela autoria e originalidade da obra; o Termo de Autorização para uso da obra, imagem e voz Prove cujo objetivo é garantir que a imagem e a obra sejam transmitidas pelos meios de comunicação da Secretaria da Educação, e de outras instituições governamentais, em publicações, TV e internet e em outras tecnologias (CD, DVD, MD, ou espécie correlata), em todo o território nacional e/ou exterior, podendo ser reexibida em qualquer tempo, em todas as suas modalidades; o Termo de Autorização dos pais ou responsáveis para menores de idade Prove para que o responsável de participante menor conheça e esteja de acordo com as orientações do projeto; além da Ficha de inscrição do Estudante Prove, a Síntese do Prove, a Ficha de inscrição da equipe Prove, os Critérios de avaliação para os projetos artísticos e culturais, o Termo de Adesão Unificado e o Cronograma Projetos Artísticos.

O Prove ocorre em 3 fases: 1) a criação fílmica (roteiro, gravação e edição) e a realização de mostras de vídeos escolares. Essa é a fase mais importante, onde o princípio primordial é a liberdade de criação estudantil, sem definição temática, privilegiando a diversidade estética e cultural; 2) as mostras de vídeos regionais nos 27 NRE; 3) a Mostra de Vídeos Estudantis no Encontro Estudantil da Rede Estadual, na cidade de Salvador, com a participação dos finalistas selecionados nos 27 Núcleos.

Outro fator analisado foi o cumprimento das regras pelo próprio Projeto, por se tratar de produções que irão concorrer a prêmios e que, portanto há regras a serem cumpridas no desenvolver das atividades, por exemplo, a participação de no máximo 5 alunos por vídeo; o cumprimento de um roteiro escolhido, entre outras coisas. Para Toffler (1973, p. 227):

Ainda que a maioria dos colégios e das universidades tenham vastamente, ampliado a variedade de seus cursos, eles ainda se encontram vinculados aos complexos sistemas de standardização

baseados em exames de diplomação e materiais fundamentais e em coisas assim tais sistemas elaboram roteiros que devem ser seguidos em sua integridade por todos os estudantes.

Realmente, a adesão por parte das escolas a projetos considerados novos tanto na metodologia quanto na utilização dos recursos cria uma certa confusão no tocante o cumprimento de regras prazos e metas estabelecidas, uma vez que a utilização das novas tecnologias enquanto instrumento facilitador da aprendizagem, ainda se considera uma mudança de paradigma foi até o presente momento professor só se utiliza de voz, do livro didático e do quadro de giz para apresentar seu conteúdo aos alunos e isso não requer muita regra no desenvolvimento de sua tarefa.

No período em que acontece o projeto nas escolas, há uma inversão de papéis, pois nesse momento não é mais tarefa do professor ministrar aulas de forma tradicional. O espaço da sala de aula se transforma em uma oficina de produção cinematográfica diante do exposto a Professora Kátia Jeane Lima da Silva Alves aborda em 28/08/14: “Essa foi a experiência mais exitosa, pois no geral o que se faz é a educação tradicional. Pena que essa experiência não está no dia a dia. Depois do Prove já se pensou através desse meio pode postar assuntos do dia relativo a disciplina.”.

Em 2012, o Prove foi realizado e 737 escolas do Estado da Bahia em 236 municípios. Segundo seu criador o técnico Fernando Antônio Barbosa da Silva em 30/10/14: “Tudo começou com cine ação no final de 2005. Em 2010, inscrevemos o projeto numa organização em uma convocatória nacional os estados ibero-americanos entre 462 projetos ficamos entre os 15 melhores projetos no Brasil. Fomos para Belo Horizonte participar da final, todos os projetos ficaram na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) para a apreciação de uma banca internacional julgadora que ira eleger o melhor projeto para representar o Brasil no México e o escolhido foi o cinema ação. Nessa coordenação na área de cinema o único projeto que vingou no Prove esse é o seu 3º ano de edição.”

Além disso, consiste na construção de roteiros criados pelos estudantes a partir do qual será a filmagem, nele deve está escrito o argumento principal, a história que esse pretende contar, os personagens, as falas, as passagens de

cena, todo que será filmado dito isso através da orientação da Secretaria de Educação do Estado da Bahia e endossado pelas palavras da Coordenadora Regional do Projeto da Direc 16/Jacobina. “E um projeto produzido pelo aluno, no qual ele mesmo pode ser autor e ator, tem aluno que é roteirista, o outro é o coordenador, o outro *cameraman*, é um trabalho de equipe, sempre monitorado pelo professor que coordena os trabalhos.” (Vasti Sampaio de Miranda, 20/10/14)

No quesito Educação, esse projeto é muito importante, porque os professores podem possibilitar aos alunos aulas mais divertidas e interessantes apresentando slides, vídeos, experiências novas e outras atividades que não a rotina das aulas expositivas tradicionais. Na opinião da Professora Vasti Miranda em 20/10/14: “O Prove foge ao que se tem visto em sala de aula porque agrega elementos que é de uso comum dos nossos alunos no dia a dia como o celular, a câmera digital, mas nunca se pensou antes do projeto de forma estruturado que agregasse tais recursos tecnológicos nessa dimensão a nível estadual.”.

A criação fílmica (roteiro e vídeos) é feita em equipe sendo necessário pelo menos 1 roteirista, 1 editor e interpretes, vale ressaltar, que nos roteiros devem conter o argumento principal, a história que se pretende contar, os personagens, as falas, as passagens de cena, tudo o que serão filmados sem perder de vista o caráter artístico-cultural das produções: Segundo o técnico da Secretaria de Educação Fernando Antônio Barbosa da Silva em 30/10/14: “Tenho exemplos de alguns professores que dizem que os alunos criam histórias e ficam até 3 horas da manhã produzindo. Tem muitos relatos de professores que estão inovando a prática pedagógica. Fica muito mais preso na mente a produção desses vídeos do que a leitura de um livro, pois a participação é efetiva.”

Tomando como parâmetro a ação educativa desencadeada pelo Prove tendo a participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento e desenvolvido de aprendizagem observamos a fala da Coordenadora Regional a Professora Vasti Miranda que diz que o projeto: “Constrói conhecimento tendo em vista que um trabalho desses, muitas vezes o aluno não está sozinho, sendo acompanhado pelo professor coordenador da Unidade Escolar.

Que o Prove também agrega o conhecimento relacionado a temas de estudo. Por exemplo, o vencedor regional de 2014, foi pautado na temática “Ditadura Militar”, conteúdo das aulas de história em comemoração aos 50 anos de Ditadura no Brasil.”

O Prove é tem como seu idealizador o cineasta Glauber Rocha cujos objetivos são:

- Desenvolver as experiências filmica nos contextos escolares da rede estadual de educação.
- Introduzir noções sobre cinema, a partir de suas histórias e das técnicas de filmagem;
- Compreender a história e a importância do cinema brasileiro/baiano (passado e presente);
- Desenvolver noções teóricas e práticas (documentários) e noções sobre a construção das mostras de cinema na escola.”

Sobre isso o técnico Fernando Antônio Barbosa diz em 30/10/14:“O Prove é muito interessante, pois é outra leitura dos estudantes, pois não havia nada em relação ao cinema. A tendência é melhorar os vídeos produzidos pelos alunos e que eles sejam o protagonistas, que dirigem, que editem. Quem sabe no futuro não apareça um outro Glauber Rocha.”

Uma das propostas do Projeto Prove, segundo a orientação da Secretaria da Educação do Estado da Bahia, é desenvolver um currículo focado na interdisciplinaridade na contextualização, na flexibilidade e no equilíbrio entre teoria e prática. Fica explícito que ao produzir o roteiro, escolher o texto e fazer as filmagens os alunos contemplam tais expectativas sem enfatizar as várias áreas do conhecimento que perpassam nesse trabalho, diante dessa questão diz um dos participantes do projeto:“Foi bom pra ver que a tecnologia não é só coisa boa que promove. Houve dúvidas sobre o que filmar, com o roteiro foi muito limitado, pois muitos se sentiram tímidas diante das filmagens, gostaram das experiências, foi nova, já tinha participado o ano passado.” (Larissa dos Santos, 21/08/14).

Ainda nessa linha de raciocínio é proposto que precisa haver um diálogo entre os componentes curriculares e o projeto estabelecendo consonância com o Projeto Político Pedagógico (PPP), a fim de aperfeiçoar o trabalho coletivo e a melhoria da qualidade de aprendizagem de nossos estudantes, no entanto a

proposta do PROVE não substitui o PPP nem os conteúdos programáticos. Sendo assim, não há verdadeiramente uma tentativa de ruptura com o currículo vigente, mas na possibilidade maior interação na tentativa de avançar e promover aprendizagem.

“Os alunos gostaram de trabalhar com vidas e como estávamos trabalhando globalização e os avanços tecnológicos, foi proposto que produzisse em vídeo e escolhesse em documentário que mostrasse numa historia pontos positivos e negativos das novas tecnologias.” Kátia Jeane Lima de Silva Alves, 21/08/14)

Além do mais o projeto constitui uma categoria composta por um conjunto de ações que, além de implementar políticas educacionais, buscam a reestruturação dos processos da gestão pedagógica, a diversificação e inovação das práticas curriculares, como consequência o foco principal, a melhoria da aprendizagens. (SEC/BA, 2013)

Dentro dessa perspectiva e do nosso objetivo de tentar uma ligação entre o Prove a proposta de inovação pedagógica, fica notório que realmente se faz presente nesta ação, os pilares que norteiam de inovação. Diante dessa abordagem vejamos:

Na tentativa de disseminar o conhecimento científico cultural, artístico e a produção de saberes diversos nos mais variadas formas de expressão, vemos no projeto de produção de vídeos estudantis um pilar significativo que engloba todos esses tipos de conhecimento desde o artístico com a possibilidade de formação de roteirista e cineasta e atores no âmbito escolar com a difusão dos conhecimentos científico e cultural.

“O ano passado foi feito na feira livre se gostava ou não gostava de trabalhar com filmagens. Gravamos uma cena foi bom ter filmado, entre todas as cenas gravadas foram escolhidos as melhores.” (Ana Vitória, 21/08/2014)

Ao tentar dialogar e conduzir as muitas ações e formas, visando consolidar as práxis educativas, a partir do ensino sistemático, planejado e criativo, o Prove engloba essas noções ao colocar o educando na posição de criador e produtor do seu conhecimento sendo assim protagonista no processo de ensino aprendizagem tirando do professor a total responsabilidade no tocante a produção e repasse do conhecimento. Sendo assim o estudante

Hebert Souza diz que se sentiu alegre teve um bom desenvolvimento e se sentiu capaz de desenvolver um trabalho. (21/08/2014)

Como roteiro a ser seguido na produção de vídeos estudantes você deve perguntar, pensar, repensar e conseguir algumas respostas e definir uma maneira de realizar sua produção. A pergunta a ser seguida é se as ideias funcionarão; se as sequencias são suficientes para a história que você quer contar, entre outras.

“Foram feitas oficinas para sensibilizar sobre a importância de escrever e muitos alunos se interessar. Salas temáticas com apresentação de revistas, máquinas fotográficas antigas, se dois roteiros pequenos para ver se ler o roteiro imaginar as cenas. Os alunos querem filmar, mas sentem dificuldade de fazer o roteiro.” (Kátia Jeane Lima de Silva Alves, 21/08/2014)

A filmagem de cinco minutos e um roteiro de no máximo cinco páginas contendo o nome da escola, nome dos componentes da equipe e do professor orientador. Conter o título do filme, nome e quantidade de personagens, nome dos personagens e perfil, além de apresentar a historia do filme.

“As três turmas da 8ª série participaram da produção, apenas uma foi contemplada para participar da etapa regional, foram feitas as imagens e se percebeu que não ficou de qualidade por causa do equipamento utilizado. A princípio se trabalhou o roteiro, eles querem sair filmando aleatoriamente, tive o trabalho de correção dos roteiros, algumas equipes não conseguiram desenvolver.” (Kátia Jeane Lima de Silva Alves, 21/08/2014).

“No mundo globalizado em que vivemos, a tecnologia está disponível para todos, oferecendo uma riqueza de conhecimento para todas as classes sociais. Os estudantes usufruíram de uma escola virtual, podendo estudar, tirar dúvidas e aumentar o seu raciocínio lógico tornando-se mais inteligente.” Esta é a indagação do apresentador da cena I do vídeo apresentado pelos alunos da 8ª serie da Escola Padre Alfredo Haasler. Seguindo essa linha de raciocínio, temos os depoimentos de Ana Vitória uma das participantes do Prove 2014 da citada escola: “As tecnologias têm suas vantagens e suas desvantagens: aprendi mais com as novas tecnologias, porém as pessoas não usam de maneira adequada.” (21/08/14)

Dentro dessa lógica, ressalta a professora Kátia Jeane Lima de Silva Alves: “A ideia é mostrar o quanto as tecnologias envolvem as pessoas e também promove a individualidade. No quesito educação, ela é muito importante, pois os professores podem possibilitar para os alunos aulas mais divertidas e interessantes, apresentando *slides*, vídeos, experiências novas e outra atividade.” (21/08/14).

Durante a cena II, a professora reclama com os alunos, por causa do uso indevido do celular. Na apresentação da cena III, uma aluna tenta repreender outro colega pelo uso indevido do celular. Já na cena IV, o apresentador diz: O planeta Terra está sendo invadido pelo uso de coisas como computadores, aparelhos de TV, celulares e outros meios mais utilizados.

Não há dúvida de que a tecnologia está cada vez mais presente em nossas vidas, cruzando fronteiras entre ricos e pobres, idosos, jovens e crianças. A Diretora da Escola Padre Alfredo Haasler, a professora Lucicleide Miranda Gonçalves Jatobá diz sobre o Prove: “A proposta é excelente, porque interage o conteúdo com a realidade dos alunos, é uma forma de estimular a produção de vídeos, com câmeras e celular. A escola adquiriu uma câmera mais potente semiprofissional para gravar as imagens. Ficou a necessidade de adquirir um editor de imagens só que ele é muito caro.” (21/08/14).

“Ele nos possibilita várias coisas como operações bancárias, compras, amizades, nos permite obter informações a qualquer hora e em qualquer lugar do planeta.” Com essas palavras encerra a filmagem do texto escolhido pela turma da 8ª série, que concorre na etapa regional ganhando o prêmio de 3º lugar entre os concorrentes. Para ressaltar o conteúdo da cena citada acima, a coordenadora do Projeto Prove da Direc-16-Jacobina, professora Vasti Sampaio de Miranda afirma: “A partir desse projeto as TIC tornaram uma nova forma na unidade escolar, tendo em vista que os recursos tecnológicos são bem utilizados de forma responsável, tem um objetivo.” (20/10/14).

Diante do exposto acima, chegamos a acreditar que ao se fazer educação de forma lúdica e utilizando-se do que há de mais moderno dentro do mundo das novas tecnologias estaremos certamente promovendo conhecimento e colocando os alunos em contato com as novas descobertas

nessa área. Faz-se necessário que os estudantes manuseiem e manipulem essas ferramentas que os colocaram inseridos neste mundo cibernético que deixem para traz equipamentos que são hoje considerados obsoletos como a máquina de escrever, o mimeógrafo a álcool, o quadro de giz e até mesmo o professor que só dispunha do recurso da fala para ministrar suas aulas. Com o advento do Prove. Conclui a professora Vasti Sampaio de Miranda coordenadora do projeto: “O que falta é um trabalho em equipe em algumas escolas (os alunos fazem tudo sozinhos sem acompanhamento pedagógico). O projeto precisa está alinhado a outros programas e propostas, por exemplo: ensino médio inovador, o mais educação, o gestor na escola entre outros, no turno oposto dos alunos tem aula de cinema de musica e de literatura.” (20/10/14).

Ainda na defesa de uma educação menos tradicional tendo o aluno como protagonista do seu próprio conhecimento através de uma metodologia em que o lúdico também propicie construção desse conhecimento, observamos que esse tipo de projeto tem tomado corpo e ocupado espaços nas aulas tida como expositivas e colocado o professor no papel de monitor e cooperador no processo de ensino aprendizagem. Diante disso, apresentamos a fala do coordenador estadual do Prove o técnico Fernando Antônio Barbosa da Silva: “Tenho exemplos, alguns professores dizem que os alunos criam historias e ficam ate 3 horas da manhã produzindo, tem muitos relatos de professores que estão inovando a prática pedagógica. Fica muito mais preso na mente a produção desses vídeos do que a leitura de um livro, uma vez que a participação foi efetiva.” (30/10/14)

Ao trazermos essa questão para a nossa pesquisa podemos afirmar que através do projeto Prove fazemos uma tentativa no sentido de quebrar com a rotina dessa escola focada nos métodos e conteúdos duros e pouco atrativos. “Que os alunos são capazes de produzir sozinhos muito do que se pensa.” (Kátia Jeane Lima da Silva Alves, sala dos professores, 28/08/14)

2.2 PRIMEIRO CONTATO E IMPRESSÕES REGISTRADAS NO LOCAL E OBJETO DE PESQUISA

Aos 27 de Outubro de 1966 foi instalada a Escola do Matadouro situada no Bairro da Missão. A escola foi construída com recursos da Prefeitura Municipal de Jacobina e cedida ao Governo do Estado da Bahia, no entanto somente no dia 10 de novembro de 1966 é que a escola foi inaugurada com as presenças do então prefeito Drº Ângelo Mario Moura Brandão e dos então deputados estaduais Manoel Novais, Francisco Rocha Pires e Reinaldo Jacobina Vieira.

Em 1967, a escola passa a chamar-se Grupo Escolar Padre Alfredo Haasler. O seu nome é em homenagem a Alfredo Haasler, padre Austríaco que construiu diversas escolas paroquiais com o objetivo de levar a evangelização e escolaridade às comunidades mais carentes e distantes da cidade. Essas escolas paroquiais foram construídas com ajuda da comunidade e mantidas pela paróquia. Elas eram instituições de referência no ensino primário na região. Atualmente a escola recebe o nome de Escola Padre Alfredo Haasler. A unidade escolar ofereceu o ensino de 1º a 4º série até o ano 2000, mas a partir de 2001 inclui-se também turma de 5º e 8º série visando atender as necessidades do bairro, visto que nele não havia escolas atendendo estudantes de 5º e 8º série do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos. No momento, funciona apenas com o Ensino Fundamental de 5º e 8º séries nos turnos matutino e vespertino, com 394 alunos matriculados.

Dependência da escola

Salas de aula - 07
Sala de professores - 01
Banheiros - 04
Laboratório de informática - 01
Cantina - 01
Secretaria - 01
Estrutura administrativo/pedagógico

01 diretoria
01 Vice Direção
01 secretaria
16 professores

Documentos pesquisados

A Escola Padre Alfredo Haasler situada a Rua Coronel Hermenegildo, Centro, Jacobina-Bahia oferece o Ensino Fundamental de 5º a 8º série e funciona nos turnos matutino e vespertino. A instituição de ensino desenvolve o projeto Prove com seus alunos desde 2013.

Com o propósito de responder aos anseios da pesquisa foi realizada uma pesquisa documental do PPP da escola o seu projeto político pedagógico também foi recolhidas as informações das orientações gerais do Prove emitidas pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia no qual encontra-se todas as informações pertinentes as etapas do projeto Prove.

O meu primeiro contato com a Escola Padre Alfredo Haasler ocorreu no dia 21 de agosto de 2014 para uma conversa informal com professores e gestores sobre o Projeto. Esse episódio resume de forma sucinta a minha ida a escola para a partir daí desenvolver o projeto de pesquisa com a turma da 8ª série do turno vespertino. Ao chegar, fui encaminhada à sala dos professores onde havia alguns colegas e a professora Katia Jeane Lima Da Silva Alves, que monitora do projeto. Como já tínhamos feito em contato anterior e tínhamos agendado para esta data começarmos a conversar sobre o assunto; ela, espontaneamente, contou-me sobre a impressão que teve sobre realização do Projeto PROVE, as demais colegas me perguntaram o que estaria fazendo ali na Escola e então expliquei que irei desenvolver uma pesquisa do mestrado em Ciências da Educação na área de Inovação Pedagógica com o Projeto Prove. A receptividade foi calorosa, eles foram saindo e a suas respectivas salas de aulas e fiquei com a professora Kátia desenvolvendo nosso trabalho.

Em seguida, a professora Kátia Jeane convocou cinco alunos, número permitido de participantes no Prove, para que se fizessem presentes à sala dos professores e dessa conversar sobre o Prove; de forma espontânea cada um comentou quanto as suas impressões sobre o Projeto. Por fim, fui à Diretoria

da Escola para encontrar-me com a Diretora Lucicleide Miranda Gonçalves Jatobá, mais conhecida como Luci, gestora da escola e também viabilizadora do Prove no Padre Alfredo Haasler, mais uma vez fui recebida de forma simpática por parte da Diretora.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram observados os trabalhos de estudantes de uma turma da 8ª série, do turno vespertino, no qual cinco componentes dessa turma se inseriram no projeto PROVE, que segundo a Diretora do estabelecimento, a professora Lucicleide Miranda Gonçalves Jatobá, desde 2013 que a Escola desenvolve o projeto Prove que inicialmente foi com muitas dúvidas e que como o Projeto era novo algumas coisas emperraram tanto na questão material quanto na clareza de metodologias adotadas. Que foi feito um projeto embrião na 1ª unidade e que após o recesso o tempo foi escasso para retomar e refazer o trabalho final, quase não deu tempo de atender aos prazos. “A proposta é excelente, porque interage o conteúdo com a realidade do aluno, é uma forma de estimular a produção de vídeos, com câmeras e celular” (Diretoria 21/08/2014).

Na Escola Padre Alfredo Haasler, encontrei-me com a Professora Kátia Jeane para melhor me situar sobre o andamento do Projeto. Ficou estabelecido um cronograma de visitas, às quintas-feiras, à tarde, pois a mesma professora estava em horário de Atividade Complementar (AC). Estipulado os horários e dia da visita à escola, agendados o primeiro encontro para o dia 21 de agosto de 2014, para um primeiro contato com alunos, professora e diretora de Escola.

Chegando lá, com o roteiro de visitas em mãos, dirigi-me à sala dos professores para assim iniciarmos uma conversa informal para a coleta dos depoimentos da professora, da diretora e dos alunos, diretamente envolvidos no PROVE.

A primeira pessoa a ser abordada foi a professora Kátia que relatou algumas informações sobre o andamento do Prove, no ano de 2014; assim, contou-me que os alunos têm facilidade com o uso das novas tecnologias. Durante as oficinas de socialização sobre o Prove, muitos alunos se interessaram, pois se observou que os alunos queriam filmar, muitos sentiram dificuldades em seguir as orientações do roteiro. Foram feitas as imagens externas que são utilizadas no curta, mas constatou-se que não ficaram de

qualidade por causa do equipamento utilizado, eles querem filmar aleatoriamente, teve o trabalho de correção do roteiro, alguns grupos não conseguiram concluir os trabalhos. As filmagens foram feitas dentro da escola e fora do espaço da escola como a praça da Missão e a praça Dois de Julho. A edição se tornou um problema, uma vez que poucos alunos conhecem programas de edição. Novamente no Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE), foi explicado, passo a passo, como colocar trilha sonora, créditos, títulos, imagens etc. Dois ou três alunos têm mais facilidade em editar o vídeo na questão de formatação (sala dos professores 21/08/2014).

Em uma de minhas visitas à Escola Padre Alfredo Haasler, encontrei-me com a vice-diretora e professora Agnailde Batista, que foi tão solícita quanto a Diretora Luci; outro fato observado foi que ao chegar à sala dos professores para aplicar uma avaliação institucional para averiguação do desempenho dos alunos nas disciplinas curriculares, notei por parte desses professores um pouco caso com relação ao que eu estava ali desenvolvendo, ou seja, a minha pesquisa. Ms deixei o clima se acalmar, todas foram para a sala de professores então pude dar seguimento a minha pesquisa, mas de um modo geral a relação estabelecida entre o grupo com o qual estive diretamente trabalhando é de total harmonia e amabilidade.

A colaboração é bastante espontânea, só sentir por parte de alguns alunos dentre os cinco componentes do PROVE, uma certa timidez ao abordar suas experiências com o Projeto, mas isso é bastante compreensível, por se tratar de adolescentes da 8^o série do ensino fundamental e que não têm nenhuma vivência com esse tipo de trabalho. Com relação à professora Kátia Jeane, monitora do Projeto junto aos alunos, é muito receptiva e prestativa, e esta colaborando como pode para que a pesquisa seja desenvolvida de forma mais fiel possível com a realidade dos fatos observados.

2.3 DIFICULDADE DE CONCENTRAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DAS AÇÕES DO PROVE

Para coletar dados sobre o projeto *Prove in loco*, pude perceber pela fala dos alunos e da professora monitora algumas dificuldades; no percurso do Projeto foram detectadas, assim como também foram nominados, alguns avanços pedagógicos com o trabalho.

De acordo com o relato dos alunos participantes do PROVE, entre outros obstáculos encontrados no desenvolvimento do Projeto, um citado foi em termos de concentração, pois a dispersão de alguns membros do grupo é perceptível por se tratar de cenas gravadas externas utilizando os equipamentos como câmeras filmadoras e outros aparelhos. Esse comportamento é inerente a alunos que ainda compõem o Ensino Fundamental, uma vez que se trata de componentes da 8ª série que ainda necessitam de atenção nas atividades propostas pelo roteiro trabalhado.

Elencados a princípio, as dificuldades encontradas pelo grupo, pode-se constatar que, dentre elas, a dispersão durante a realização das atividades tornou-se um obstáculo para a realização dos trabalhos durante o projeto, apesar de não inviabilizá-lo, não facilitava a execução das tarefas, uma das justificativas encontradas foi que pelo fato de serem alunos da 8ª série do ensino fundamental, na fase da adolescência, é comum que haja distração.

Sendo assim, dois componentes citam esse comportamento, Pedro Henrique: “foram várias dificuldades como concentração...” (21/08/2014) e Ana Vitória: “A maior dificuldade é a concentração.” (28/08/2014).

Conclui-se, portanto que por se tratar de gravações das cenas externas como ida à praça da Missão, bairro que fica no entorno da Escola Padre Alfredo Haasler e também ida à praça Dois de Julho outra localidade próxima à Escola, mas também pelo fato de entrar em contato com o ambiente externo, os alunos, de certa forma, se dispersam causando dificuldade de concentração na tarefa desempenhada pelo grupo, mas nada que não se possa ajustar dentro do contexto vivido. Dentro dessa perspectiva Vygotsky (1991, p. 27) afirma:

Dentre as grandes funções de estrutura psicológica que embasa o uso de instrumentos, o primeiro lugar deve ser dado à atenção. Vários estudiosos, a começar por Koller, notaram que a capacidade ou incapacidade de focalizar a própria atenção é determinante essencial no sucesso ou não de qualquer operação prática.

Isso pode ser perfeitamente compreendido por se tratar de aula de campo, visto que os alunos estão tão condicionados às quatro paredes de sala de aula, que quando se veem em outro ambiente que proporcione mais liberdade, naturalmente apresentam um comportamento disperso, menos concentrado, ou seja, mais livre. Com isso, observou-se que durante o desenvolvimento do Projeto provoca nos educandos um comportamento mais solto e menos convencional se compararmos à postura observada na sala de aula.

Ainda dentro desse levantamento sobre os maiores empecilhos para o bom andamento dos trabalhos propostos pelo grupo, foi colocada a pouca disponibilidades ou experiência com trabalho em equipe. Nesse momento, nem todos assumem a tarefa com a mesma disposição às vezes uns ficam esperando pelo outros causando certo transtorno, mas que o próprio grupo consiga superar. O individualismo é tão forte entre nossos alunos que quando foi proposto o trabalho em equipes, vários os obstáculos foram apresentados, por exemplo, disseram que uns ficam esperando pelos outros; que apenas um ou dois fica esperando os resultados sem manifestar muito esforço; entre outras alegações apresentadas. Isso é bastante comum acontecer uma vez que alegam morar em áreas diferentes e que isso dificulta o encontro entre eles, em se tratando de trabalho extraclasse. Por conta disso a Professora Kátia Jeane relata: “apenas alguns alunos, uma parte da turma consegue ter autonomia, outros esbarram nas dificuldades básicas, com relação ao trabalho em grupo nem todos têm a mesma responsabilidade” (28/08/2014).

Para Bordas e Silva (2008, p.43):

Este “coletivo-plural-outro” aparece constantemente nos processos de desenvolvimento e aprendizagem, tem um papel fundamental na construção do sujeito e na construção de suas representações. Ou se constituirá, portanto, a partir da imagem do “outro” na perspectiva sociointeracionista.

O trabalho em equipe é um dos recursos adotados pelos professores no desenvolvimento de algumas tarefas e que se observarmos atentamente, vai sempre ocorrer que alguns alunos devem assumir as tarefas com maior responsabilidade que outros. Por outro lado, pode ser bem proveitoso, porque os mais desenvolvidos trocam experiências com os apáticos e, dessa forma, podem estar ajudando aqueles que não são mais reservados a ter atitude mais enérgica com relação aos trabalhos propostos.

É nessa interação que se dá a aprendizagem compartilhada das experiências do grupo, sem necessariamente o professor tenha que estar à frente, ditando normas, regras ou conteúdos. Portanto, é bastante viável a utilização desse mecanismo de trabalho que são os grupos ou equipes, assim nas experiências do dia a dia vemos que os alunos nos surpreendem com suas produções, sem que necessariamente tenha interferência de um professor.

O PROVE é um dos projetos estruturais oferecidos pela rede oficial de ensino nas escolas públicas estaduais do Estado da Bahia, no entanto, observa-se que há muita resistência, tanto por parte dos alunos quanto por parte dos professores a desenvolver essa proposta.

Primeiramente, nota-se por que muitos professores não dominam com segurança as novas tecnologias, isso de certa forma inibe o profissional de se envolver no projeto. Do lado dos alunos, também se percebe resistência, pois existe o domínio por afinidade com as ferramentas tecnológicas, porém não se propõem a um trabalho sistematizado, isto é, produzir roteiros, criar um clima de cinema, nem tampouco editar os resultados das filmagens. Alguns poucos se aventuram na proposta por curiosidade ou para estar próximos aos colegas, outros por gostar da proposta, mas também pela promoção de premiação que o Projeto propõe.

Outra forma de impedimento observada é o alto custo do material, por exemplo, para confecção de figurino, cenário e deslocamento, uma vez que o suporte financeiro disponibilizado pelo governo do Estado para a NTE não cobre necessidades das demandas, muitas vezes, tendo que recorrer à criatividade para suprir esse ponto.

Constata-se também que vários profissionais de educação criticam o Projeto, porque segundo eles o desenvolvimento do PROVE na escola não contribui em nada para a evolução escolar dos estudantes.

Muitos fatores permeiam a visualização do PROVE no recinto escolar, contudo as produções fluem pela participação desprendida de muitos atores abnegados que abraçam as propostas e procuram inovar as suas atividades no ambiente escolar tão marcado por práticas que já não atraem tanto aos alunos quanto aos professores.

Por ser uma proposta relativamente nova, o PROVE traz em seu bojo, marcas de construção de um conhecimento centrado nas ações cinematográficas as quais atraem aqueles que se identificam com tal enfoque. Um dos idealizadores disse são futuros cineastas que provavelmente enveredam por esse Projeto.

Há uma grande possibilidade de que exista muita ambição na fala, ao afirmar que a partir da participação no PROVE serão concebidos possíveis cineastas. Todavia, pode-se contemplar que o resultado, principalmente na etapa final, é sem dúvida tão espetacular quanto o lançamento de uma produção cinematográfica não amadora.

Não se pode minimizar o potencial presente nas escolas e muito menos desmerecer a capacidade intelectual e produtiva dos alunos, dado que quando bem orientados dentro de uma proposta metodológica assertiva, para isso é fundamental conhecer a escola atualmente e qual é a escola que queremos construir para o futuro; como também qual é o perfil do aluno qual a demanda desse público, o que chama a sua atenção e desperta o seu interesse, diante disso, certamente haverá a adaptação das práticas pedagógicas, a personalização da abordagem junto ao aluno a fim de que possam ser desenvolvidas as capacidades e as potencialidades plenas haja vista a produção de curtas metragens nas escolas.

Em virtude de que o PROVE é um projeto cuja abordagem se dá por um processo normativo, de fato, há uma distância muito grande entre a realidade vivida por esses educandos, através do uso do aparelho celular, e o que se propõe com o PROVE. Por isso, além de deixar a criatividade vir à tona e aproveitar as próprias experiências desses alunos para a produção de

inovações quanto a criações fílmicas, é fundamental que o educador, no papel de mediador das informações e do desenvolvimento do Projeto, promova o processo de ensino e aprendizagem provocando, fazendo conexões para que o aluno pense e participe de forma ativa à estimulação da aprendizagem contínua.

De acordo com Freire (1999) se nós ao invés de levarmos fórmulas prontas, colhermos dos nossos alunos o que ele traz como experiências, a partir daí muitos elementos ricos de significação podem ser extraídos da cultura da comunidade onde vivem esses jovens cuja finalidade seja a elaboração e produção de conteúdo de qualidade.

Em se tratando de uma proposta em que o aluno é produtor do próprio conhecimento, com o PROVE, ele desenvolve várias habilidades intrínsecas ao próprio projeto que é a criação do tema, a elaboração de roteiro, a criação de cenário, as gravações e edição do filme cujos critérios para avaliação são, além do próprio roteiro, a originalidade e a criatividade.

O fascínio resultante de uma proposta de produção do próprio conhecimento é percebido no envolvimento de cada ator nas etapas diferentes de construção à culminância das ações. Assim, o PROVE promove de forma lúdica essas possibilidades.

Observa-se que a maioria da clientela a qual pertence à rede pública de ensino ainda não desperta para uma proposta de cunho artístico e cultural do porte desse projeto, são realmente aqueles alunos que de certa maneira, já têm uma tendência mais voltada aos desafios tecnológicos e artísticos que abraçam essa causa.

Com isso pede-se afirmar que não se trata de um projeto de massa, que vai abrigar um número significativo dos estudantes, mas pode-se prever que aqueles os quais se envolvem com esse projeto, além do divertimento que advém do trabalho, XX dúvida há um crescimento assegurado pelas fases do projeto ao criar, desenvolver e produzir as ações.

Por ser um projeto desenvolvido pelo Governo Estadual, o PROVE carrega alguns estigmas de ser uma proposta de cima para baixo, mas o que se sabe é que a sua criação tem como suporte experiências que vêm desde “uma ideia na cabeça e uma câmara na mão” criada pelo cineasta Glauber

Rocha que de certa forma tinha a intenção de envolver pessoas nesse mundo das artes cinematográfica.

2.4 O ALUNO SOZINHO PROMOVE O PRÓPRIO CONHECIMENTO

Um dos aspectos apontados pelos alunos foi a independência do aluno frente à ação do Prove. Isso vem corroborar com a ideia de que os alunos são capazes de sozinhos ir em busca do próprio conhecimento, sem que para isso estejam dependente do ensinamento passado pelo professor. Segundo Papert (1994, p. 45):

A frente e os fundos da sala estava separados por muitos mais do que uma diferença entre tecnologia do quadro-negro e a tecnologia do computador. Uma diferença bem maior marcava o relacionamento das crianças com o elas fazendo. Na frente, elas estavam seguindo a agenda de alguém mais; no fundo, eles estavam seguindo a sua própria.

Não é muito comum vemos os alunos desenvolverem essa postura de sozinhos sem o comando do professor desenvolver as tarefas escolares. Mas através do Prove podemos observar que por serem eles que desenvolvem o roteiro, fazem as filmagens e editam as imagens, é perceptível essa autonomia no cumprimento das tarefas pré-estabelecidas pela própria equipe.

Acho importante salutar que os alunos desenvolvam essa prática de tomar iniciativas no tocante à ação espontânea na escola e se desvincule do domínio do professor em relação às práticas pedagógicas. Mais uma vez, o Prove vem dar visibilidade a essa questão do aprender a fazer fazendo, sem muita interferência por parte do professor, isso se traduz sensivelmente em um traço visível da inovação pedagógica das práticas educacionais.

Ao ver o aluno com a câmara e o celular na mão, percebemos que a aprendizagem acontece de forma lúdica, assim sendo eles brincam com os equipamentos ao mesmo tempo em que realizam as tarefas exigidas pelo Projeto.

Ainda enfatizando a questão de que o aluno pode ser o autor de seu próprio conhecimento, em que o fortalecimento faz toda a diferença, isto é, ele

vai à busca de aprendizagem. Segundo o informante Pedro Henrique: “Acho bom o fato de está buscando aprendizado por si só. Se aprende brincando”. De acordo com Hebert: “através do Prove se aprende sem a interferência direta do professor”. (28/08/14)

Segundo Vygotsky (1991, p. 69):

Apesar da relação brinquedo-desenvolvimento pode ser comparado à relação instrução desenvolvimento, o brinquedo fornece ampla estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência... A criança desenvolve-se, essencialmente, através da atividade do brinquedo. Somente neste sentido o brinquedo pode ser considerado uma atividade condutora que determine o desenvolvimento da criança.

E louvável essa liberdade que se dá ao aluno na realização de tarefas lúdicas, pois descontra o ambiente escolar e o aprendizado ocorre de forma espontânea e prazerosa.

Segundo Morin (1970, p. 105):

[...] o que há de mais subjetivo - o sentimento - infiltrou-se no que de mais objetivo há: uma imagem fotográfica, uma máquina: o cinema, ao mesmo tempo em que é mágico, é estético e, ao mesmo tempo em que é estético, é afetivo. Cada um desses termos pressupõe o outro. Metamorfose mecânica do espetáculo de sombra e luz surge o cinema no decurso de um processo milenário de interiorização da velha magia das origens.

Também não é muito comum se vê no espaço da escola esse despojamento com relação às atividades pedagógicas, porém através dessa experiência, notamos que com prazer e liberdade também promovemos Educação. Isso se traduz em mais um indício de Inovação Pedagógica.

Um elemento que podemos observar é, que através do Prove, o aluno busca o conhecimento de forma autônoma, ele vai registrando imagens e fatos que, conseqüentemente, trazem-lhe saberes que diferem daqueles aprendidos em sala de aula através das aulas expositivas do professor; como testemunha a professora Kátia Jeane: “Acho que foi positivo o desempenho dos alunos a

frente do Prove, desperta a curiosidade e também ajuda muito na questão da autoestima em se sentir e produzir sozinho alguma coisa (28/08/2014)”

Outro aspecto é a questão da desenvoltura em manifestação da construção do senso de responsabilidade no estudante, dado que ele está diante de uma tarefa que sendo ele o protagonista tem metas a cumprir e um produto final para apresentar.

Conforme nos disse Giroux (1997, p. 68):

Os valores e processos sociais que fornece o sustentáculo teórico da educação social incluem o desenvolvimento nos estudantes de um respeito pelo compromisso moral, solidariedade de grupo e responsabilidade social. Além disso, deve fomentar um individualismo não autoritário que preserve o equilíbrio com a cooperação de grupo e conscientização social.

Acredita-se que seja bastante pertinente começarmos a desenvolver em nossos alunos o compromisso com as tarefas desenvolvidas por eles com responsabilidades, pois, até então, eles só receberam conteúdos de forma passiva e o máximo de esforço desenvolvido era assimilar a matéria para ser avaliado pelo professor. No Projeto, o aluno sabe que tem uma função a desempenhar e que precisa resolvê-la. Isso traduz também o aspecto inovador do programa que tirou o professor como foco de transmissor da educação e deixa que o educando mais uma vez se insira como protagonista do seu próprio conhecimento.

Contudo, acredito que esse é um caminho propício para que aos poucos se mude a metodologia e se invertam os papéis de modo que haja mais liberdade e participação por parte dos estudantes na aquisição da aprendizagem, logo essa liberdade gera mais autonomia.

A utilização de uma filmadora ou uma câmera de telefone celular a depender da forma como seja utilizado certamente se torne uma impulsiva pra que ocorra alguma mudança na prática cotidiana da escola.

Observando de perto essa prática docente convencional ainda muito frequente à sala de aula, chegamos à conclusão de que as novas tecnologias além de facilitar o trabalho do professor como recurso utilizado altera

consideravelmente a questão metodológica basta se orientar pelas regras direcionadoras.

Quanto ao uso das TIC em sala de aula, sabe-se que um dos grandes entraves ainda acontece por causa da dificuldade de manuseio dos equipamentos principalmente por parte do professor. Pois os alunos têm intimidade com as novas tecnologias, mas muitas vezes não lhes é confiável o uso dessas máquinas apenas com a presença de um professor.

Nota-se que os velhos e escanteados computadores arrumados nas salas de computação é um exemplo disso, em razão de que muitos ficaram obsoletos sem uso por não ter professores habilitados na área ou por não se confiar no aluno que, muitas vezes, são acusados de danificar os equipamentos.

Com as câmeras fotográficas e os celulares não é diferente, nota-se que muitas pessoas não conseguem se apropriar de todos os comandos disponíveis nestes aparelhos. Com relação ao Projeto também não é diferente, os alunos por maior intimidade que tenham com os aparelhos eletrônicos, eles não dominam tudo, e isso se constitui um entrave.

Em muitos casos, é visível que os alunos por terem nascidos na era tecnológica dominam muito melhor os equipamentos que a maioria dos professores e muitas vezes recorrem aos alunos nas dificuldades emergentes. Porém essa troca de informações entre as gerações se torna uma experiência importante no domínio e manuseio desses equipamentos.

O que se pode observar hoje é que esse fenômeno tira o professor da posição de detentor do saber, tendo que muitas vezes aceitar a ajuda dos alunos nesse terreno. E isso mais uma vez fica contextualizado de que há emergência em uma prática inovadora em que o professor monitore as atividades docentes e que os estudantes se tornem mais ativos nas práticas pedagógicas. Ana Patrícia: “foi a primeira vez que fez as filmagens e aprendi muitas coisas com as tecnologias; têm pros e contras, todos têm facilidades em manusear as novas tecnologias (28/08/2014).”.

Segundo a Diretora da Escola Padre Alfredo Haasler na sala da Diretora: “Fico incentivando os alunos para se organizarem, que tenha voz e

vez. Pois falta muita iniciativa. Quando alguém chega com iniciativa acho maravilhoso”. (Lucicleide Miranda Gonçalves Jatobá, 21/08/2014)

Com o avanço das novas tecnologias concomitante ao progresso das ciências, várias áreas do conhecimento humano passarão por mudanças significativas. A escola é um exemplo de uma área que não mudou muito. Ainda se faz educação aos moldes antigo que se torna não muito atrativo para essa clientela da era da informática, daí se atribui aos baixos índices de qualidade da educação atrelados a falta de interesse e participação dos educandos, com relação a isso, diz a professora na sala dos professores: “Essa foi à experiência mais exitosa porque no geral o que se faz é a educação profissional. Essa experiência não está no dia a dia.” (Kátia Jeane Lima da Silva Alves, 21/08/2014).

Alguns professores inovadores conseguem criar situações de aprendizagem dentro das paredes de suas próprias salas que fogem ao ritmo das posturas conservadoras da escola tradicional permitindo o estabelecimento de progressos alternativos dentro do sistema escolar vigente. Para reafirmar o que se disse a Diretora da Escola Padre Alfredo Haasler contribui: “Com certeza foram protagonistas de aprendizagem. A professora faz o apanhado de forma geral divide as equipes. Mas são os alunos que desenvolvem o tema escolhido.” (Lucicleide Miranda Gonçalves Jatobá, 21/08/2014).

Os saberes acumulados por várias gerações reproduzidos por esse modelo de educação vigente não são suficientes para provocar nas gerações atuais as tão sonhadas rupturas, os saltos ou as discontinuidades que constituem uma proposta de inovação pedagógica.

“O Prove constituem uma categoria de projeto que busca a diversidade e inovação das práticas curriculares e, como consequência e foco principal, a melhoria da aprendizagem.” (Nair, Auditório do COMUJA, 18/09/2014)

“Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou construção” (FREIRE, 1999, p. 52). Nesta frase do educador Paulo Freire, ele afirma que transferir conhecimento foge ao seu entendimento do que seja ensinar e que a proposta é construir. Dessa forma, instiga a pensar que a tão liberada inovação pedagógica foi sendo anunciada pelos vários pensadores na linha da educação

desde muito tempo. E isso requer que hoje atores nesse processo de construção e uma das partes constituídas são os estudantes. Diante disso, temos o testemunho da professora Kátia Jeane Lima da Silva Alves: “Foram protagonistas fizeram tudo sozinhos, são tão autônomos que não obedecem às regras! Querem fazer como entender que deve ser.” (28/08/2014). Segundo Toffler (1973), para uma educação inovadora, homens e máquinas devem ser espalhadas pela Terra, mas vinculados por comunidades sensíveis em grau superior.

Isso se comprova através das redes sociais em que as pessoas estão conectadas por todo o mundo e que com certeza muitos trabalhadores desempenha suas tarefas em suas próprias casas. Esse advento faz da nossa velha e boa escola, desinteressante e obsoleta, na fala da professora do projeto Prove ele disse: “Os alunos têm que saber como utilizar essas TIC, tem que ter uma orientação de como utilizar as TIC.” (Fernando Antônio Barbosa da Silva, 30/10/2014, Arena Fonte Nova)

Sabe-se que o conceito de inovação pedagógica é algo que nos remete as possibilidades de um fazer diferente do que se tem feito há muito tempo. Mas ainda não se sabe como isso realmente se desenvolve dentro dos moldes dos métodos e currículos vigentes. Não é nada pronto em tão pouco sabemos como se dará as inovações dentro das quatro paredes das instituições de ensino. Dessa forma, diz Morin (1970, p.140):

E convidar a pensar na complexidade. Não é dá a receita que fecharia o real numa caixa, é fortalecer-nos na luta contra a doença do intelecto-idealismo-, que crê que o real se pode deixar fechar na ideia e que acaba por considerar o mapa como território, e contra a doença degenerativa da racionalidade, que é a racionalização, a qual crê que o real se pode esgotar num sistema coerente de idéias.

São nas práticas pedagógicas que observamos de forma pontuais, que pode está inserida essa inovação. Algo que se distancie dos rótulos, da utilização de aparatos tecnológicos que como já foi dito só reafirma os velhos vícios e maneiras de se ensinar. O que se quer ressaltar são algumas experiências tidas como ilhas e que fogem do corriqueiro das salas de aula tradicionais. Segundo Fino (2011, p.97):

(...) preferir olhar para as práticas pedagógicas em primeiro lugar. Para como se pratica efetivamente a pedagogia, com ou sem tecnologias envolvidas. Olhar com olhos de ver e com o vagar e distanciação a produção de um pensamento fundamentado, que seja formulado a partir do interior dos fenômenos educativos.

Ainda sob a perspectiva de que inovação pedagógica seria sinônimo dos dispositivos e sistemas cibernéticos acreditava-se que com o uso de computadores e máquinas de primeira geração ter-se-ia dado um salto de qualidade no sistema educacional.

No entanto, o que se comprovou foi um reforço dos métodos antigos com uma nova roupagem oferecidos pelas tecnologias, nessa linha de pensamento os “tipos” humanos.

Fica claro que inovação pedagógica independe de utilização de mecanismos tecnológicos que são utilizados como recursos didáticos e em nada inovar ao contrário reforçam as intenções e propósitos dos currículos tradicionais e dos interesses dos grupos que domina as ideias de continuidade do que aí está posto. Como a inovação está calculada nas experiências exitosas de alguns poucos que se aventuram nas possibilidades de romperem com o estabelecido. Vejamos: “(...) é um projeto produzido pelo aluno, no qual ele mesmo pode ser autor e ator, tem aluno que é o roteirista, outro é o coordenador, o outro *cameraman* é um trabalho de equipe, sempre monitorado pelo professor coordenador.” (Vasti Sampaio de Miranda, Coordenadora Regional em 20/10/2014).

“O ambiente é tudo, a possibilidade dos traços, essa coisa de porteira pra dentro e pra fora, a educação é filmada no audiovisual e na comunicação, o ambiente de troca que essa tecnologia pode permitir todos os jovens já filmaram e a escola não consegue dar conta disso.” (Pola Ribeiro, 29/10/14, Arena Fonte Nova)

Com base nisso diz Pedro Henrique aluno do Projeto em questão: (28/08/14, sala dos professores) “Foi boa à experiência de buscar por si a própria aprendizagem.” Para Hebert: “Através do Prove se aprende sem a interferência do professor.”

Alguns pensadores acreditam que a chave da questão pode passar pelo professor. Pois estes são conservadores pelo fato de que estão arraigadas as representações culturais e que muitos não se dão conta disso não se permitindo sair dos padrões assimilados durante décadas desde a formação até a prática em sala de aula. Para tanto Papert (1994, p. 61) afirma que “Os professores que conferem tanta autonomia aos seus alunos estão, por meio disso, declarando sua crença numa teoria de conhecimento radicalmente diferente, que requer muito mais trabalho tanto para eles como para seus alunos”.

Como toda ruptura demanda de muito esforço. Romper com um sistema que se perpetua há anos requer o empenho, dessa forma, acredita-se que a escola que insiste em se perpetuar, não mais condiz com a realidade e a prova disso está na total falta de interesse por parte dos estudantes em obedecer aos ditames e regras impostas. O reflexo de todo esse desencontro é visível no comportamento avesso, pois não se consegue prender a atenção desses alunos para uma aula expositiva, ora estão conversando incessantemente ora estão manuseando aparelhos de celular em sala de aula de forma indevida.

Isso vem reforçar o tema da pesquisa dos alunos da 8ª série do turno vespertino da Escola Estadual Padre Alfredo Haasler que tem como assunto pesquisado em vídeo o uso indevido das novas tecnologias.

CAPÍTULO 3

3.1 METODOLOGIA APLICADA

Seguir uma diretriz metodológica em um processo investigativo implica percorrer caminho traçados para chegar ao desenvolvimento de uma pesquisa que vise a obter um determinado objetivo. Logo, o planejamento é a definição de etapas a escolha dos fundamentos teórico-metodológicos que vão embasar o ato de investigar. Os referenciais teóricos consistem em dar sustentação ao curso da pesquisa e garantirão que os objetivos propostos sejam alcançados.

Buscar também a metodologia aplicada apreender a realidade do sujeito que não transparece de imediato, sendo dessa maneira imprescindível perceber fatos que não estão postos, como também aparentemente colocados. Tendo o pesquisador o cuidado de não deixar se levar pelas primeiras impressões, atendo-se às nuances dos fatos dados, que não são explícitos, ou seja, que se faça uma leitura nas entrelinhas.

A revisão de periódicos da literatura garantiu a possibilidade de reflexões que asseguraram uma posição mais assertivas das ações e dos fatos postos pelos indivíduos envolvidos no processo da pesquisa.

Ao buscar a veracidade nos argumentos defendidos pelos pesquisados muito se fez no sentido de não minimizar os detalhes tampouco constranger quem quer que seja. Dessa forma, os relatos, as colocações, isto é, tudo foi analisado.

Ao imergir no campo da investigação metodológica, possibilitou-se uma ampla compreensão acerca da realidade social e histórica em que a instituição escolar se encontra. Os atos de colaboração desta pesquisa foram acordados coletivamente entre os participantes a partir de entendimentos negociados em campo. Assim, como no momento em que se iniciou o período de coleta dos dados no qual se desdobraram em outras reflexões a serem analisadas pelos elementos envolvidos neste estudo.

A partir de uma abordagem do ser humano, esses elementos são pessoas as quais têm capacidade de interagir no cotidiano dando sentido às

suas práticas vivenciadas, por meio do discurso, em suas crenças, na percepção do seu redor, dos valores, que se traduz em práticas, que de certa maneira, influenciam outras pessoas, outras percepções de mundo, outras práticas.

A metodologia aplicada em uma pesquisa de caráter etnográfico deve ser embasada em uma cientificidade a qual garanta confiança no percurso das investigações. Esse aspecto trata com clareza as referências teóricas que dão sustentação ao andamento da pesquisa e permite que os objetivos propostos sejam alcançados.

É importante se manter vigilante em relação ao limite existente entre o pesquisador e o seu objeto de pesquisa, que se fazem necessárias as incertezas, as (des)confianças sobre o conhecimento pré-concebido diante do que se tem construído, mas também para que se possa olhar para o objeto de estudo, para o local e para os envolvidos de forma externa, sem excessivo envolvimento. Segundo Macedo (2000, p.131)::

Ressaltando que os homens agem em termos de suas interpretações, de suas condições externas e de suas intenções para com elas, a fenomenologia que fundamenta fortemente a etnopesquisa, deixa um vazio significativo no momento de analisar os mecanismos particulares pelos quais uma determinada estrutura social impõe limites aos seus membros.

A etnografia foi o método utilizado como localizador que garantisse a efetiva aplicação de pesquisa qualitativa, na coleta de dados para a formulação das conclusões pertinentes junto ao objeto pesquisado. Através dela foram observadas as etapas percorridas pelo grupo na construção dos objetivos efetivos na elaboração do Prove, ou seja, na construção de um vídeo de duração de cinco minutos que envolvesse uma situação de aprendizagem. Macedo (2000, p.145):

Para Buford Junker (1960), O trabalho de campo significa observar pessoas em sitio, isto é cobrir onde estão, permanecer com elas em uma situação que, sendo por elas aceitável, permite tanto a observação entimede certos aspectos do seu comportamento, como descreve-lo de forma útil para a ciência social, sem prejuízo para as pessoas observadas.

A etnografia se enquadra na abordagem qualitativa que permite analisar além dos números e estatísticas. É um método investigativo que busca na prática, o detalhamento a descrição e a interpretação crítica do contexto através das etapas de desenvolvimento da pesquisa e instrumento utilizado.

Um olhar etnográfico, captado detalhes das práticas pedagógicas inerentes à escola nos paradigmas conservadores na descrição entre os grandes e pequenos detalhes, abrindo assim à possibilidade de novas análises e novos conceitos na construção do conhecimento na área de inovação pedagógica.

Para Fino (2011, p. 115):

Creio que precisamos saber que espécie de etnografia é essa, que dizemos praticar. E que precisamos de conhecer com que lentes olhamos para as práticas pedagógicas, que nos permite compreendê-lo e interpreta-los, ao ponto de nos sentirmos aptos a concordar em que são, ou em que não são inovadores.

Uma pesquisa de campo exige do pesquisador interação com seu objeto de pesquisa, com o contexto social em que mais os atores são envolvidos há o enriquecimento dos dados observados. O lugar é de sua importância para que o observador se aperceba das reais condições do contexto a ser pesquisado. Segundo Lapassade (2005, p.104):

A etnografia pressupõe também, de modo geral, uma negociação de acesso ao campo. Do ponto de vista metodológico, esse exemplo de “entrada” mostra que há, de fato, problemas quase comuns à etnografia e à socioanálise apesar de a entrada no campo parecer opô-las.

Para percorrermos as etapas desta investigação, foi seguida uma trajetória metodológica. Visitei a escola Padre Alfredo Haasler, situada a rua Coronel Hermenegildo, S/N, Centro – Jacobina Bahia, que oferece o Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série e funciona nos turnos matutino e vespertino. Esta mesma escola foi escolhida por mim para ser o *locus* da pesquisa para analisar o uso das tecnologias na Escola com uma turma de 5 alunos do curso da 8ª série do turno vespertino através do Prove. Achei pertinente pesquisar esse

grupo inicialmente uma vez que, de certa forma, havia uma relação de estudos preliminares no curso de acesso ao mestrado e inovação pedagógica.

Diante do grupo e do objeto estudado procuramos nos apropriar de todos os passos dados que levaram os estudantes a compor desde o roteiro até as filmagens do curta que o levou a concorrer e garantir um 3º lugar na etapa regional promovida pela Direc 16 em Jacobina.

Segundo Fino (2011, p.96):

(...) e é o resultado da tomada de consciência de que o essencial das práticas pedagógicas que tentam tirar partido da incorporação de tecnologias na escola, incluindo as tecnologias de informação e comunicação (TIC), longe de a ter transformado ou de estar a transforma-la, está a reforçar as suas características mais radicalmente conservadora através da influencia de um senso comum aflitivo, sem que, entretanto, a escola apresente melhores resultados.

O objetivo principal desta investigação foi acompanhar o processo de criação e produção do vídeo com duração de cinco minutos pelos alunos que pretendia mostrar o uso das novas tecnologias na sala de aula, destacando claro o mau uso e o que é pertinente dentro do espaço escolar.

As formulações e observações coletadas foram confrontadas com as leituras teóricas dentro de uma visão inovadora, procurando considerar as varias nuances de um processo de aprendizagem utilizando as novas tecnologias em sala de aula tendo o aluno como protagonista desta ação.

A partir da análise dos dados, a fim de responder questões que confirmassem a relevância da pesquisa, com os atores o cenário e a proposta do projeto Prove se deu a análise dos dados, a partir da necessidade observações. Enquanto investigadora, tentando encontrar ressonância dentro do propósito da investigação, com base na veracidade dos dados levantados pelas questões orientadas pela pesquisa e da própria subjetividade advinda da experiência de campo. Ao constatar uma quantidade satisfatória de informações advindas das observações pude compreender e construir as unidades significativas da dissertação.

Macedo (2000, p.246) afirma que:

A etnopesquisa coloca e evidencia a relação entre a validade de uma etnopesquisa e o respeito a certos princípios étnicos. Assim, a responsabilidade ética e a preocupação científica deve sempre estar

juntos na medida em que uma pesquisa interpretativa necessita de um acesso significativo a “dados” sobre concepções, as significações ou os valores expressos pelos sujeitos.

Dentro deste raciocínio, pude discorrer com propriedade sobre o objeto de estudo, analisando as unidades significativas minuciosamente dentro de um contexto da realidade observada chegando à conclusão de que a proposta do projeto Prove pode sim ser considerada se não de forma contundente, mas que seja um ensaio dentro do espectro de inovação pedagógica. E abrindo um leque de possibilidades de novas pesquisas nos conceitos na construção de conhecimento e inovação pedagógica.

Para Fino (2011, p.142):

Toda reflexão realizada neste estudo nos deixa ciente de que, não se trata de esgotar uma discussão sobre a temática..., mas, que precisamos encarar o desafio de realizar leituras críticas e investigativas sobre ela e sobre os mais diferentes contextos pedagógicos e, assim, levantarmos questões que alimentarão futuros debates sobre estas temáticas numa perspectiva epistemológica, sócio-político-pedagógica, pessoal e profissional do seu professor.

3.2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

Tendo o Prove como objeto de estudo numa pesquisa etnográfica, é necessário que se faça uma profunda e minuciosa análise e interpretação do trabalho desenvolvido pelo grupo em estudo, diante dos fatores socioculturais, no seu ambiente usual, nas reais condições de produção, tendo como instrumento balizador um diário de campo com registros de observações, entrevistas previamente estruturadas e agendadas, conversas informais e documentos oficiais como roteiros e vídeos. Para Macedo (2000, p. 206-207):

Assim, as citações das falas dos atores se constituem num recurso pertinente em termos de coerência teórico-epistemológica para a etnopesquisa, além do que serve como base para a avaliação da pertinência das conclusões a que chegaram o estudo. Outros recursos podem ser acrescentados como fotos, recortes de documentos, jornais, cartas, impressos, mapas, gráficos, cartazes, fitas de vídeos etc.

Conhecendo-se o perfil da turma em estudo, o ambiente escolar com seu corpo docente e diretivo e o universo cultural da instituição em questão, a produção do vídeo estudantil como uma ferramenta utilizada na aprendizagem, torne possível este estudo e possibilita o aprofundamento de outras investigações similares dentro dessa mesma proposta educacional em termos de inovação pedagógica.

Ao propor a descrição da cultura de um certo grupo de indivíduos em seu ambiente natural, no caso a Escola, por um determinado período, a pesquisa etnográfica na qual originou uma produção escrita dos passos de uma observação participada, através desta troca de informações com os atores envolvidos e o objeto de estudo envolvido e se permitindo envolver, pode um esclarecimento e análise profunda das questões advindas das observações e das entrevistas, me colocando em posição reflexiva e questionadora diante dos dados coletados, sem grandes preocupações com os resultados finais, muito mais com a compreensão dos dados investigados em uma pesquisa.

Fino (2011, p.63) afirma que:

Tal como o etnógrafo, ele está vocacionado a relacionar-se com o “outro”, a tentar compreender o que o “outro” pensa, a partir de referentes que o “outro” tem. Os alunos as turmas e as escolas são comunidades vivas de construção de significados pela interação social, que ele procurará captar, de maneira a fazê-las refletir no próprio currículo: no currículo daquela escola, ou daquela turma, uma vez que essa comunidade observada não é nenhuma amostra, nem os significados construídos são possíveis de generalizações.

Faz-se necessário conhecer bem a realidade investigada com o propósito de propor mudanças. Ao recorrer à fundamentação teórica que norteia meu trabalho de pesquisa, posso analisar criticamente algumas práticas pedagógicas e estar sugerindo que ao construir seu próprio conhecimento os atores envolvidos dinamizam essas práticas propondo novos horizontes no processo de ensino aprendizagem. Para Macedo (2000, p.70):

(...) a organização qualitativa do processo de construção do conhecimento inclui a informação produzida pelo extensivo, dentro de uma lógica qualitativa, por conseguinte, o conhecimento nunca é a expressão matematizada dos dados empíricos, é, em realidade, o resultado de construções teóricas que emergem vinculados aos indicadores diversos construídos em nível empírico.

Ao tratar de investigação qualitativa que busca definições de significados e intenções, fica exposto a crítica e novas proposições frente aos fatos e desafios encontrados. Portanto em se tratando de intencionalidade e subjetividade o método qualitativo é tão ou mais rigoroso quanto o quantitativo pois obedece regras de controle de dados e elementos investigados em que a sensibilidade e a subjetividade do pesquisador é sem dúvida um elemento diferencial não só nesse tipo de pesquisa, mas em qualquer campo de pesquisa.

Uma pesquisa etnográfica, tendo como pano de fundo a análise sistemática dos fatos ocorridos na experimentação e observação dos participantes se inserindo como parte envolvente no projeto em estudo, vivenciando o ambiente natural dos acontecimentos ao passo em que expectador se torna participante sem com tudo perder o sentido de se manter um distanciamento necessário na captação das ações e dinâmicas que envolvem as práticas articuladas pelo grupo.

Para Lapassade (2005, p.70) “o observador participante vai se esforçar em adquirir um “conhecimento de membro”. Vai tentar identificar os motivos que os membros tinham para fazer o que fizeram, estabelecer o que seus atos significaram para eles mesmos naquele momento”.

Ao se estabelecer o Prove como objeto de estudo na promoção de aprendizagem tendo como construtor do seu próprio conhecimento elaboramos algumas questões que servirá como balizadores na compreensão dos objetivos propostos pelo projeto. Com o propósito de facilitar a pesquisa foram feitos alguns questionamento aos discentes e docentes coordenadores e diretores envolvidos no ambiente escolar descritos abaixo.

Discentes

- Como você se sentiu com uma câmara na mão captando imagens para o projeto Prove?
- Qual sua maior dificuldade na execução do projeto?
- Você teve ajuda direta do seu professor monitor?
- Você se sentiu protagonista em suas ações ao realizar o projeto?
- Que tipo de aprendizagem ficou com o Prove?

Docente

- Como foi o desempenho dos alunos a frente do Prove?
- Quais as maiores dificuldades encontradas no processo de criação e execução do projeto?
- Os alunos foram protagonistas nas ações ao gerir o projeto?
- Qual a sua participação direta no projeto Prove?
- Qual o aprendizado deixado pelo Prove?
- O que você faz para que seu aluno seja protagonista da aprendizagem?

Diretora

- Desde quando a Escola Padre Alfredo Haasler aderiu ao projeto Prove?
- Quais são as maiores dificuldades na implantação do projeto?
- Há entusiasmo por parte dos professores e alunos em desenvolver o projeto?
- Há um acompanhamento mais de perto por parte da Direção da Escola na elaboração e execução do Prove?
- Como foi o desenrolar do Prove este ano na Escola?

Coordenadora Regional da Direc-16 e Coordenador Estadual

- Há quanto tempo você coordena o projeto Prove?
- Qual a sua opinião sobre o projeto?
- Na sua opinião ele promove o protagonismo estudantil? Como? Dê exemplos?
- Com relação a utilização das TIC na escola pelos alunos, como você vê o uso desses recursos?
- Você vê no Prove uma possibilidade de Inovação Pedagógica na Escola, ou ele se desenvolve dentro dos moldes tradicionais?
- Quais as dificuldades e limitações do Prove para a aprendizagem?
- No desenvolvimento do seu trabalho você tem mais contato com os professores ou com os alunos?
- Do seu contato com a Escola, que experiências pode relatar que explique a relação que o aluno constrói com o conhecimento, neste projeto?

Estas questões foram utilizadas no campo de pesquisa durante a sua realização que facilitaram a compreensão e percepção de aprendizagem tendo como protagonista os atores envolvidos no projeto Prove.

Segundo Lapassade (2005, p.79):

A entrevista etnográfica é um dispositivo no interior do qual há uma troca que não é, como na conversação denominada de campo espontâneo e ditada pelas circunstâncias. A entrevista põe face a face duas pessoas cujos papéis são definidos e distintos: O que conduz a entrevista e o que é convidado para responder, a falar de si.

O local de investigação foi a escola estadual Padre Alfredo Haasler mencionada anteriormente situada a rua Coronel Hermenegildo – s/n – Bairro da Missão, Jacobina – Bahia. A escolha da turma da 8ª série do turno vespertino se deu pelo fato da mesma escolher como tema do seu trabalho o uso das novas tecnologias no ambiente da sala de aula no que foi muito pertinente no desenvolvimento da pesquisa, pois as TIC serviu de base para um grande volume de opiniões com relação as possibilidade ou não se promoverem por si só a tão almejada inovação pedagógica.

3.3 A PARTICIPAÇÃO DA ESCOLA PADRE ALFREDO HAASLER NO PROVE

No dia dezoito de setembro de 2014 aconteceu a mostra de vídeos estudantis produzidos pelos alunos das escolas estudantis pertencentes a Diretoria Regional de Educação Direc-16 que aconteceu no auditório do Colégio Municipal Gilberto Dias de Miranda – Comuja, em Jacobina, em que se deu a escolha do vídeo vencedor na etapa Regional que representará a Direc-16 e Salvador na etapa final. O ambiente do auditório se apresenta devidamente arrumado e montado para o evento e contava com a presença de todos os alunos finalistas que venceram a 1ª etapa nas escolas e, naquele momento, estavam concorrendo a 2ª etapa do Prove Regional.

A diretora regional da Direc-16, Professora Nair Pereira da Cruz, fez a abertura do evento com um discurso valorizando o projeto com precursor de inovação e facilitador de aprendizagem. Em seguida, foi composta a mesa

pelos jurados que escolheram o melhor trabalho que iria para a final em Salvador. O Prove foi abordado como um projeto de natureza artística e baseado no que lhe antecedeu que era o cinema ação do cineasta brasileiro Glauber Rocha que tinha como *slogan* uma “ideias na cabeça e um câmera na mão”. Os critérios adotados pelos jurados para a escolha da melhor produção foram: originalidade, criatividade, fotografia, clareza e relatório textual, na sua fala a professora Nair então Diretora da Direc-16 afirma: “Vale ressaltar que os projetos estruturantes entre eles o Prove, constitui uma categoria composta por um conjunto de ações que, além de implementarem políticas educacionais busca a reestruturação dos processos e gestão pedagógica”.



Figura 01 – Professora Maria Eliane Araújo Gama e Diretora Regional da DIREC-16 Nair Pereira da Cruz

A diversidade e inovação das práticas curriculares e, como consequência, o foco principal que é a melhoria na aprendizagem. O diálogo entre os atores que protagonizam, possibilita uma maior articulação, que otimiza a organização do trabalho pedagógico na escola paralelamente as aprendizagens dos estudantes” (Auditório do Comuja em 18/05/14)



Figura 02 – Alunos da Escola Padre Alfredo Haasler no auditório do colégio Gilberto Dias de Miranda



Figura 03 – Alunos da Escola Padre Alfredo Haasler e Professoras da Rede Estadual da Bahia no auditório do Colégio Gilberto Dias de Miranda.

A 3ª e última etapa do projeto Prove, ou seja, a etapa Estadual aconteceu em Salvador, no dia 29 de outubro de 2014, na Arena Fonte Nova, no Bairro de Tororó. A Secretaria de Educação do Estado da Bahia promove a 2ª experiência com este projeto em que estão presentes os finalistas da etapa regional. Estão presentes o Secretário de Educação Osvaldo Barreto; a Superintendente de Educação Básica, a professora Amélia Maraux; o Diretor da TVE entre outras personalidades. O áudio visual abrange as artes, geografia, a dança, literatura entre outras áreas.



Figura 04 – Alunos da Rede Estadual da Bahia em frente à Arena Fonte Nova, em Salvador-BA



Figura 05 – Público assistindo aos curtas.

O Prove é uma mistura de arte cinema, educação e cultura. Com celulares, câmeras fotográficas os alunos fazem dessa experiência o trabalho com filmagem. São os novos discípulos do Cineasta Glauber Rocha, 874 escolas participaram da 2ª mostra do Prove, nessa etapa foram exibidos 15 curta-metragem de 5 minutos, fazem arte livre pessoas e lugares são diferenciados e protagonizados através da arte. Para José Araripe um dos jurados:

“A ideia é tudo e para fazer cinema à coisa mais importante é ler, e a base de tudo é a ideia que vai ser contada, criar é sempre acender a pólvora de um pavio da historia é aquele que quer brincar de Deus, criar historia desperta medo e terror.”.



Figura 06 – Corpo de Jurados na Etapa Final do Prove.

Outros jurados comentaram que o Prove é um extrato com a ousadia de produção, em uma na cena apresentada, as questões éticas geraram problemas, as maiores imagens e mais importantes se soubessem que é o autor desta história está morto. Continua sofisticando esse olhar. Três filmes foram escolhidos: Missão honrosa com o filme conectados e mais três finalistas: Horizonte cinzento, da cidade de Uibaí; Bicho de Rodagem, de Vitória da Conquista; e 18-22, de Conceição do Coité.



Figura 07 - Coordenadora Regional do Prove Vasti Miranda e Maria Eliane Araújo Gama na Arena Fonte Nova.

O Prove se utilizando de uma nova nomenclatura roupagem e perspectiva, ao enfatizar a dimensão da arte fílmica, ganha ainda uma maior abrangência, para atingir as escolas da rede estadual de ensino, e os estudantes sendo vistos como sujeitos, ou seja, protagonistas do conhecimento dentro desta perspectiva a Professora Kátia Jeane Lima da Silva Alves em 28/08/2014 na sala dos professores diz: “Foi positivo o desempenho dos alunos a frente do Prove, o projeto desperta a curiosidade e também ajuda muito na questão dos curtas estimou se sentir bem em produzir sozinhos alguma coisa. É uma tarefa lúdica e vai ser vista pelos colegas se sentem importantes por realizarem a tarefa.”

Para a execução do projeto foi obedecida algumas tarefas a serem desenvolvidas como a formação para a apreensão de noções básicas do processo de construção de um roteiro e produção cinematográfica promovida pelas regionais com o auxílio das orientações vindas da Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Sobre esse assunto a professora coordenadora do projeto da Escola Padre Alfredo Haasler confere:

“Desde 2013 que me envolvo no projeto, pois gosto muito por entender que os alunos têm ainda dificuldade de lidar com as tecnologias”. Foi feita oficina para sensibilizar sobre o Prove e muitos alunos se interessaram. Sobre a temática com apresentação de revistas, máquinas fotográfica antigas e dois roteiros para ser lidos e entendidos, para eles sentirem a importância da

elaboração do roteiro e para imaginarem as cenas. Trabalhem as regras do Prove juntamente com o NTE (Núcleo de Tecnologia Educacional) Kátia Jeane Lima de Silva Alves 21/08/2014 - sala dos professores.

CAPÍTULO 4

4.1 ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Neste trabalho, apropriamo-nos da proposta da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, em que se percebe a tentativa de valorizar as culturas e as questões sociais nas abordagens dos atores envolvidos, com a intenção de propiciar um caráter inovador no processo de construção do conhecimento. As entrevistas com os professores e alunos foram utilizadas no sentido de perceber até que ponto acontece a assimilação dos conteúdos por parte dos alunos e se há interferência direta do professor, que atua como monitor e facilitador da aprendizagem.

Com as observações, iremos atentamente buscar apreender o envolvimento dos autores presentes na pesquisa e posteriormente descrever com o rigor necessário as várias fases vivenciadas pelos participantes do processo.

De acordo com Macedo (2000, p.271):

Neste veio, a pesquisa deixa de ser um privilégio de poucos iniciados transformam-se numa prática cotidiana a serviço de uma percepção educativa eminentemente democrática, porque resistente ao estereótipos e simplificações tão caras a pedagogia de resposta, nunca preocupada em escutar, compreender, explicitar e mudar conectadamente, conjuntamente.

Numa perspectiva interacionista, não há como não acontecer um envolvimento do pesquisador com seu objeto de pesquisa, com o contexto que o cerca e com os atores envolvidos no problema, a respeito disso a pesquisadora Sousa (2000, p.39) diz:

Em minha opinião, não existe postura de neutralidade, já que toda a investigação parte dum interesse, dum desejo de descoberta, dum insatisfação, dum problema de nível pessoal ou da comunidade científica. A investigação é sempre interessada. Como é possível

então dissociar a participação intelectual da participação afetiva do investigador?

No entanto, é preciso que o etnopesquisador entenda que não pode confundir sua pesquisa com militância, ou seja, que também haja um devido afastamento do observador para com o objeto observado, no sentido de colher informações dos fatos o mais verossímil possível. Diz Macedo (2000, p.247)::

Alguns chegaram a inventar, a partir de seu imaginário identificado, informações que em absoluto saíram de uma verdadeira pesquisa. Mergulhar no contexto, vivenciá-lo densamente é tão importante quanto o processo de afastamento para que o conhecimento científico possa construir-se.

Também dentro da proposta da pesquisa, fizemos eventuais elucidações sobre a comunidade escolar como um todo, e principalmente os alunos, estes sim, sujeitos do seu próprio conhecimento indispensável à pesquisa. Com esse envolvimento pretende-se enriquecer os dados observados, pois quanto maior à grande intimidade adquirida para se apropriar do assunto, mais íntimos nos tornamos do grupo envolvido. Para Macedo (2000), a linguagem em todos os níveis de comunicação deve ser objeto primordial se bem que “muitas vezes, o silêncio fala muito, outras vezes, uma palavra dependendo do contexto, pode ter outro sentido.” Segundo Macedo (2000, p.246):

Tolerância às ambiguidades, às insuficiências, às retomadas, às políticas comparativas, à informação dúbia, é uma postura altamente significativa para quem quer fazer etnopesquisa. Tal tolerância implica em “escuta sensível” e uma grande facilidade em si comunicar e criar uma ambiência empática capaz de fazer fluir bem as informações, inclusive as mais resistentes.

O processo de interpretação das imagens captadas por uma câmara filmadora é uma descoberta de novos sentidos sobre a experiência que foi vivida. Ao utilizar imagens na etnopesquisa, Macedo (2000, p. 183) esclarece que:

O pesquisador pode muito bem atuar como estímulo para captar o uso escolar, resgatando-o da sua capacidade habitual e tornando-o relevante pela imagem (fotográfica), o fato de ser possível falar sobre ela...O processo de interpretação das imagens construídas pode desenvolver-se a partir das seguintes perspectivas escolares: características físico-contextuais e estágio atual e sua transformação; a memória e a história ambiental; o espaço público institucionalizado e espontâneo; a relação entre espaço público e privado; o ambiente escolar nas suas microlinguagens.

Ao condensar as imagens e vídeos, para em seguida socializar e difundir os saberes ali extraídos estamos propiciando níveis diferentes de interpretação da realidade que não apenas aquelas descritas nos textos dos livros escolares.

No segundo momento aplicaremos entrevistas não estruturadas e observações participativas tanto na escola como no campo de atuação das filmagens.

Após certo tempo de imersão em campo, de posse da relevância dos dados colhidos, ou seja, a saturação das informações deu-se início a análise e interpretação final do conjunto do corpus empírico. E finalmente, têm-se a síntese das unidades significativas, que veem das várias fontes de informações e dos vários sujeitos de investigação. De posse dos dados colhidos e a partir da competência teórico-analítica do pesquisador e da apreensão final da própria realidade, e o momento de estabelecer relação com o contexto histórico e realidades históricas conectadas com a problemática analisada, tentando construir um tecido argumentativo pertinente em termos da construção do conhecimento visado.

Com isso realizamos:

- Pesquisa bibliográfica e fichamento de autores que configuram a utilização da linguagem cinematográfica e experiência fílmica no contexto escolar.
- Pesquisa empírica através de análise de entrevistas com dois professores e cinco alunos envolvidos na temática, durante três horas semanais.
- Interação com os atores (professores e alunos) envolvidos na pesquisa.
- Pesquisa documental e iconográfica para descrição e análise da produção de roteiros e vídeos escolares.

Recursos estratégicos:

- Observação participante.
- Diário de campo.

Chegou o momento em que a coleta dos dados feitas das entrevistas, observações e recolha de documentos se transforma em material resultante de conclusões com base nos fenômenos ocorridos no campo de estudo para chegar as devidas considerações a respeito do objeto de estudo o nosso caso a produção visual dos estudantes.

Segundo Macedo (2000, p. 202):

A prática em etnopesquisa crítica nos mostra que, em realidade, a análise se dá em todo processo da pesquisa. Há, é claro, um dado instantâneo de ênfase na construção analítica que, irremediavelmente, se transformará num produto final aberto, ali porque discordamos da noção desrespeitosa de que pesquisa é só processo e/ou estratégia acadêmica. Há uma produção visual que se objetiva num corpo de conhecimento a serviço de uma formação e de uma relevância social. De fato, na etnopesquisa a análise é um movimento incessante do início ao fim, e que, em determinado momento se classifica e fogem um conjunto relativamente estável dos conhecimentos, como disse, um produto final aberto, característica marcante das pesquisas pós-formais.

Ao analisarmos a priori as falas resultantes das entrevistas, não podemos deixar de perceber as fragilidades e insegurança contidas nas entrelinhas e que se não de forma verbalizada, porém através da indução e percepção dos fatos pelo investigador.

Tudo acontece em meio ao novo, ao que é proposto como alternativo por isso, as incertezas e insegurança permeiam o processo de produção, mas nada que comprometa um resultado concreto das ações estabelecidas e coordenadas pelos componentes envolvidos.

Muitas vezes os significados da fala ficam expressos nas entrelinhas. Dai o papel fundamental do pesquisador que ao estar atento é capaz de captar e transcrever tais significados dentro de um contexto mais amplo. Também é na fala dos entrevistados que coletamos um rico material que ao contrapormos com a teoria temos um conteúdo a ser analisado tendo como base a realidade estudada.

Durante o período que antecedeu a primeira etapa finalista do Prove Regional em que estivemos na Escola para um período de entrevistas entre os

meses de agosto a outubro de 2014, com os atores envolvidos no projeto, desde alunos, professores, diretores podemos constatar o grau de envolvimento e comprometimento por parte de todos na construção das filmagens do roteiro e por fim da produção fílmica.

Entre os professores, percebemos o entusiasmo do trabalho inovador e esforço em executar o passo a passo exigido pelas regras na participação do projeto. Também a preocupação em chegar a conclusão das etapas tendo como dificuldades algumas falhas detectadas no processo como por exemplo a falta de habilidade dos alunos na formatação das filmagens. Por outro lado a certeza de contar com alguns parceiros como o NTE (Núcleo de Tecnologia Educacional) que se coloca a inteira disposição para a finalização das etapas de produção e formatação do material coletado.

Por parte da direção da escola notamos nas fala a preocupação no cumprimento das etapas pré-estabelecidas pelo projeto e também de assegurar o material necessário para execução das ações, disponibilizado os recursos materiais disponíveis no momento.

No tocante os estudantes o espontaneísmo sempre presente na oratória também deixa claro o entusiasmo ao lidar com as novas tecnologias ao ponto de se perder no trato com as normas pelo grupo de trabalho. Fato esse contornado por aqueles mais atentos às regras pré-estabelecidos.

Outro fator interessante que perpassa nas entrevistas é o trabalho realizado pelo próprio aluno sem que o professor seja a figura de destaque. O estudante se sente ator e produtor do seu próprio conhecimento, isso deixa claro nas falas dos alunos o sentido de independência e realização. A presença do professor apenas para monitorar as tarefas muda profundamente o eixo da relação estabelecida entre o grupo.

Na entrevista com a Coordenadora Regional do Projeto Prove é notório o seu total envolvimento e a forma prazerosa como relata os fatos desde as oficinas preparatórias para os professores que irão monitorar os estudantes ate as etapas classificatórias. Na visão dos professores e coordenadores há um otimismo em acreditar que através de projetos estruturantes como esses o fazer pedagógico saia do roteiro do tradicionalismo e ensine o lúdico no tocante ao ensino-aprendizagem.

Ao entrevistar o idealizador do projeto Fernando Antônio Barbosa da Silva (30/10/14), fica registrado o entusiasmo desse profissional ao lembrar do Cineasta Glauber Rocha que criou a ideia matriz que desembocou no Prove que foi “uma ideia na cabeça e um celular na mão”. Ele em sua fala deixa transparecer a satisfação de como é recebido pelos estudantes, o trabalho com filmagens, e das reais possibilidades de dali nascerem futuramente roteiristas, produtores e cineastas. É também do envolvimento dos profissionais de educação que perderam a noção de tempo indo noite adentro na preparação das etapas do trabalho junto com os estudantes. “Os alunos têm a liberdade para escolher roteiros, temas, trilhas sonoras, fotografias etc. A TVE em parceria com o Instituto Anísio Teixeira está exibindo vídeos produzidos pelos alunos”. (Fernando Antônio Barbosa da Silva, 30/10/14),

Contudo é necessário pontuar que nessa fase da pesquisa os fatos ressurgem como lampejos de memória e que dão densidade aos relatos escritos nas entrevistas.

Para Macedo (2000, p.256):

A medida que a leitura interpretativa dos “dados” se dá às vezes por varias oportunidades aparecem significados e acontecimentos, recorrências, índices representativos de fatos observados, contradições profundas, relações estruturadas, ambiguidades marcantes, emerge aos poucos o momento de reagrupar as informações em noções subjunções as denominadas categorias analíticas irão abrigar analítica e sistematicamente os subconjuntos das informações dando-lhes feições mais organizada em termos de um corpus analítico escrito de forma clara e que se movimenta para a construção de uma peça literária e heurísticamente rica.

O processo de observação com o Prove se deu basicamente em dois momentos importantíssimos que foram: a culminância da etapa Regional e da etapa Estadual. Ambos os momentos aconteceram de forma rica e prazerosa.

Na etapa Regional a expectativa dos participantes ao mostrarem seus filmes era justamente à classificação para a etapa Estadual, nos dois momentos os classificados foram premiados com *notebooks*, câmeras fotográficas e filmadora portátil.

O clima festivo e concorrido com a participação dos finalistas de cada escola, quando com todos os requisitos exigidos com banca julgadora,

presença dos alunos das escolas concorrentes, professores e diretores envolvidos nos projetos e também autoridades no âmbito educacional.

4.2 O CURTA-METRAGEM PRODUZIDO PELOS ALUNOS DA ESCOLA PADRE ALFREDO HAASLER PARA O PROVE

O curta-metragem intitulado “As tecnologias na escola” é o nosso tema gerador no qual aborda as vantagens e desvantagens da tecnologia na escola e em nossas vidas, obteve a classificação da terceira colocação na etapa regional, mostra de maneira categórica a capacidade de produção efetiva desses alunos ao líder com as novas tecnologias de forma lúdica tendo o professor apenas como monitor e colaborador sendo eles próprios os mentores, produtores e atores desse conhecimento.



Figura 08 –Apresentação e título do curta-metragem

O enredo do curta-metragem aborda o uso das tecnologias no espaço escolar. Inicialmente, um aluno caminhando pelo pátio da escola fala sobre a importância das novas tecnologias no mundo globalizado e como as ferramentas tecnológicas ajudam os estudantes.



Figura 09 –Cena do curta-metragem.

Esse aluno encontra duas colegas sentadas embaixo de uma árvore utilizando cada uma um aparelho celular. Ele tenta chamar a atenção das colegas, mas não obteve sucesso.



Figura 10 –Cena do curta-metragem.

Ele continua a caminhar pela escola e entra em uma sala de aula comentando que as novas tecnologias ajudam os professores a possibilitar aulas mais divertidas e interessantes ao apresentar *slides*, filmes, vídeos e experiências novas, inclusive usar o aparelho celular como uma ferramenta pedagógica.



Figura 11 –Cena do curta-metragem.

Ele aproveita para mostrar como o aparelho é utilizado pedagogicamente na aula, no entanto, a professora recolhe os telefones dos alunos e diz: “nada de celular, vamos anotar.” e se dirige à lousa.



Figura 12 –Cena do curta-metragem.



Figura 13 –Cena do curta-metragem.

Posteriormente, é apresentada uma cena em que uma aluna tenta chamar a atenção de um colega, porém ele está tão entretido com o aparelho

celular que não dá atenção a ela, após inúmeras tentativas, a aluna empurra o colega da carteira, mesmo assim ele não se para de usar o aparelho. Ao fundo três alunos estão conversando, interagindo e observando a cena.



Figura 14 –Cena do curta-metragem.



Figura 15 –Cena do curta-metragem.



Figura 16 –Cena do curta-metragem.



Figura 17 –Cena do curta-metragem.



Figura 18 –Cena do curta-metragem.



Figura 19 – Cena do curta-metragem.

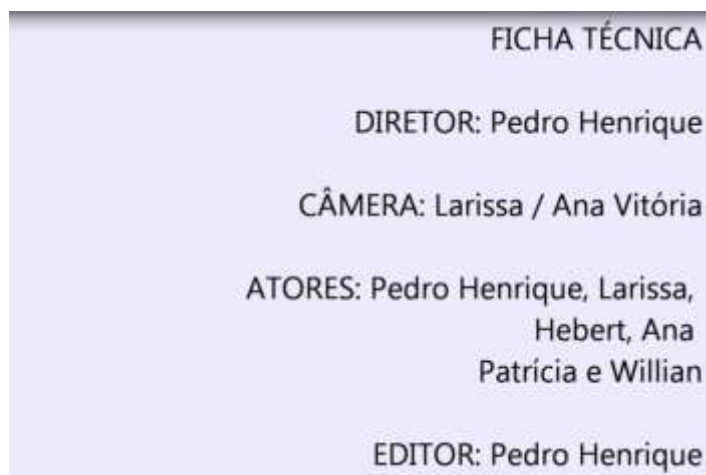


Figura 20 – Cena do curta-metragem.

Nota-se com o enredo do curta-metragem que os alunos ao produzir o roteiro fizeram uma análise crítica sobre o uso das tecnologias, que as pessoas não estão preparadas para conviver em sociedade, e os professores não têm formação suficiente para utilizar as tecnologias como ferramentas efetivas ao ensino e à aprendizagem. Apesar das novas tecnologias estarem presentes na vida das pessoas trazendo facilidades, a escola ainda não sabe como incluí-las na prática docente.

Ao final, o aluno que inicia o vídeo, finaliza-o falando que o planeta Terra está sendo invadido com o uso de coisas como computadores, celulares, aparelhos televisores e outros mais atualizados, logo as tecnologias estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas, cruzando fronteiras entre ricos e pobres, jovens e idosos. O vídeo é encerrado com a ficha técnica.

Observou-se na 1ª etapa destinada à criação fílmica (roteiro, gravação e edição) que apesar dos entraves apresentados quanto ao trabalho em grupo, os estudantes se mostram capazes e motivados para desenvolver as ações, no entanto na hora da edição das imagens colocação da música de fundo eles precisam recorrer a ajuda daqueles que denomina com eficiência o trabalho de editar, nesse item a professora Coordenadora Kátia Jeane Lima da Silva Alves coloca: “A edição se tornou um problema, pois poucos alunos conhecem programas e têm habilidades com esses programas de edição. Foi novamente ao NTE (Núcleo de Tecnologia Educacional) e lá foi explicado passo a passo como colocar trilha sonora, créditos, títulos, imagens etc.” (28/08/14).

Ao analisar essa a 2º etapa através da observação dos resultados é que se notou a riqueza do produto final de um processo de produção fílmica de amadores, mas que aos olhos de todos não deixou nada a desejar a muitos profissionais. A satisfação é geral com os resultados obtidos e chegamos a conclusão que o conselho para inovarmos é deixar os estudantes experimentar o que há de mais moderno e acessível dentre as novas tecnologias para serem usados como recursos na aprendizagem e produção de conhecimentos.

Ao observar a 3ª e última etapa do Prove, que se deu em Salvador, mais precisamente na Arena Fonte Nova, quando, a impressão que se tinha era que estávamos diante de uma finalíssima, digo, de um festival de cinema e que os concorrentes ao prêmio poderia vir de qualquer cidade do Estado. O clima festivo com a presença de algumas personalidades ligadas ao meio, como cineastas, produtores e diretores de emissoras de TV, foram convidados para apreciar e julgar os melhores trabalhos. O curta-metragem produzido pelos alunos da Escola Padre Alfredo Haasler não chegou a esta etapa, mas o que se viu foi sem dúvida produções que em nenhum momento poderia ser avaliada como de amadores. Chegamos e saímos maravilhados com o nível dos trabalhos apresentados. E mais uma vez, tivemos a certeza de que com projetos da envergadura Prove, que oportuniza aos estudantes um papel de protagonista na ação educativa, percebemos que os mesmos tendo oportunidade, fazem sozinhos coisas que nos surpreendem.

Os elogios foram os mais diversos, e maioria certeza que isso seria apenas o começo para muitos que sonham em serem diretores, produtores e cineastas, atores a realizarem a concretização desses sonhos através de um progresso oferecido as escolas da rede publica a uma clientela, que jamais chegaria até aquele local se não fosse essa oportunidade oferecida por suas escolas. Entendo que além de inovador e salientar, pois através da arte e do lúdico formamos, ou melhor, descobrimos talentos jovens dos mais longínquas reações deste estado, é dada oportunidade a esses jovens de brilharem enquanto ser humano e profissionais que num futuro não tão distante podem se tornar.

Durante a estada no campo obtiveram-se dados provenientes de fontes diversas, nomeadamente através de observações participante em que o observador vive com as pessoas e partilha.

Aconteceram entrevistas etnográfica, as conversações ocasionais no terreno, evidentemente não estruturadas, com base em presunções anteriores a vivencia de campo. Foram estudado documentos “oficiais” e documentos pessoais, sob a forma de diários, cartas, autobiografias nas quais os motivos revelaram os seus pontos de vista sobre a sua vida ou sobre eles próprios? Basearam-se os processos na compreensão e na descoberta, ou testarem-se respeitáveis hipóteses de trabalho trazidas pelo investigador para dentro do campo? E quanto ao diário de bordo? Existem mesmo? Que importância revelou ter para a descrição/interpretação da cultura estudada?

Ao utilizarmos todas essas ferramentas ou pelo menos algumas delas, entramos em contato com o objeto de pesquisa e com as pessoas envolvidas no processo. Agora de posse dessas informações é que foi feito o saturamento desses dados na forma de análise e interpretação desses resultados. E nesse momento que entre a sensibilidade a intuição o que há de subjetivo juntamente com o que foi coletado de forma objetiva para daí extrairmos os significados tão importantes na conclusão das hipóteses traçadas no projeto de pesquisa. Com a certeza de que estaremos apenas contribuindo com uma pequena parcela nas pesquisas existentes e também deixado aberto todos os canais para que outros pesquisadores deem continuidade, avançando sistematicamente na busca por novas informações inerentes ao tema aqui pesquisado.

Todos os instrumentos de coleta utilizados foram de total relevância para chegarmos aos resultados obtidos. Em se tratando das observações está sem dúvida o traço marcante do pesquisador, que sem sombra de dúvida deixa cravado suas impressões a respeito do que foi observado.

O professor tem à sua frente o grande desafio de compreender as bases teóricas, práticas e pedagógicas, que contribuam para a aprendizagem do conhecimento, na Educação Básica, tendo em vista um educador consciente de sua formação e função de agente social. O currículo, o planejamento, os recursos didáticos, estratégias de ensino e outros, devem está focalizado claramente na mente deste profissional.

Quando o professor está diante dos seus alunos, ensinando-os, ele leva consigo sua história de vida, um conjunto de ideias, crenças e intuições sobre a disciplina sobre seu ensino e sobre o aluno, que configuram sua bagagem de formação e um projeto curricular pessoal que de algum modo o habilitam a tomar decisões.

A formação é um fator fundamental para o professor. Não apenas a graduação universitária ou a pós-graduação, mas a formação continuada, ampla, as atualizações e os aperfeiçoamentos. Não basta o professor conhecer profundamente a matéria, ele precisa entender de psicologia, pedagogia, linguagem, sexualidade, infância, adolescência, sonho, afeto, vida. Não basta que o professor conheça bem sua área e consiga dialogar com áreas afins, ele precisa entender de ética, política, amor, projetos, família. Não se pode compartimentar o conhecimento e contentar-se com bons especialistas em cada uma das áreas. Para que um professor desempenhe com maestria a aula na disciplina de sua especialidade, ele precisa conhecer as demais disciplinas, os temas transversais que devem perpassar todas elas e, acima de tudo, conhecer o aluno.

Nestas condições, o professor deverá antes de mais nada ser um cidadão que cumpre seus deveres como tal, deverá ser uma pessoa correta e sadia. Além de que deve entender a importância dos Parâmetros Curriculares Nacionais, o currículo da disciplina, o planejamento curricular por área e seriação, avaliação, recursos didáticos, critérios de escolha e utilização desses recursos entre outros, e com isso perceber que o papel do professor, é educar para a cidadania assumindo sua prática como professor pesquisador, que busque uma formação continuada para aprimorar sua praxe educativa. Logo, deve entender que este papel vai muito além de só transmitir conteúdos, muito além do que aparece nos livros, ele deve ser um orientador, mediador, facilitador da aprendizagem, mas, também, exerce um papel muito importante na sociedade, formando cidadãos críticos e reflexivos, e que, no exercício de suas atividades precisa lançar mão de ferramentas para concretizar seu trabalho com eficiência. Neste caso, os recursos didáticos e as novas tecnologias precisam ser selecionados com muita precisão no objetivos a serem alcançados.

4.3 DOCUMENTOS COMO FONTE DE ANÁLISE

Analisando os documentos pertinentes ao projeto Prove, principalmente, as orientações gerais emitida pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, lá se encontram todos os pormenores que norteiam o projeto desde como participar até o número de participantes e como elaborar um roteiro.

Para Macedo (2000, p.171):

] Com relação aos estudos no âmbito escolar, sabemos que existe uma vasta cultura tácita os alunos cuja manifestação escrita toma forma de notas, cartas, bilhetes, desenhos, grafite etc. A densidade destas expressões é considerada pelos etnopedagogos como um indicador significativo de “patterns” de ações no meio escolar. Ademais, podemos comprovar que a própria vida escolar e seus rituais é muito feita a partir de orientações contidas em documentos.

A partir desses documentos os participantes tem uma noção do que seja o Prove, através desse embasamento. De posse dessas orientações é que pude como pesquisadora adentrar no amago da questão.

Também tivemos acesso a alguns documentos, também de caráter orientador, elaborados pela equipe de coordenadores regionais que com base nos documentos oficiais da Secretaria elabora outros documentos facilitadores tanto para alunos como professores, que servirá de fonte de estudo nas oficinas oferecidas por esses coordenadores, para maior esclarecimento dos projetos estruturantes entre eles o Prove.

Esses documentos foram analisados e estudados como base na construção do passo a passo do projeto em questão. Pois só a partir deles pode se colocar em prática tendo o mais, concernente à elaboração das próximas etapas, que sem dúvida seguiu-se em estudo minucioso sobre o que seria feito a partir das informações contidas nos documentos intitulados de orientações gerais. Que entre outras coisas conta um pouco da história de como nasceu a ideia do projeto e do seu criador.

Outro documento que nos foi disponibilizado foi a ficha de inscrição do estudante, com os dados pessoais desse aluno, endereço escola que estuda, turma, título do vídeo e uma declaração em que esse estudante aceita estar de

acordo com as orientações do Projeto e caso seja menor de idade contém a assinatura do pai ou responsável com cópias do documento de identificação de ambos.

Fica acordado que o aluno a submeterem as regras do projeto e que no caso de viagem como foi participação na etapa final em Salvador, os pais estão cientes e dão plena autorização para o deslocamento desses jovens.

Também tivemos acesso a um ofício em que são encaminhados os resultados das mostras do Prove na Região com os documentos dos alunos classificados, título do vídeo, alunos, unidade escolar, diretoria e cidade do projeto classificado. Toda essa documentação norteadora tem por finalidade informar os passos e requisitos pré-estabelecidos do projeto além de participar aos órgãos organizadores a nível regional e estadual o desempenho os grupos que participam dos eventos classificatórios, ou seja, as etapas sucessivas e os respectivos resultados.

Tivemos acesso também ao termo de autorização dos pais responsáveis para participação do menor nos curso preparatórios e também da autorização para o aluno viajar e se hospedar em hotéis da cidade de Salvador na fase final do Projeto. São documentos que analisados dão suporte legal a todos os passos seguidos pela equipe que promove e executa o Prove.

O roteiro é um documento fundamental na elaboração do Projeto Prove, nele são expostas todas as cenas a serem descritas e posteriormente filmadas. As falas dos personagens e do apresentador também estão no roteiro que serve de base para o se enrolar dos próximos passos. Podemos constatar que é o roteiro dá corpo ao trabalho ele serve de suporte e sua importância é tão grande que se torna pré-requisito para a participação do grupo no projeto. Ele é umas das exigências na lista das regras do Prove. Nele está contido o tema de abordagem do filme, o título e o resumo do texto. Ele é produzido pelos estudantes com a supervisão do coordenador que no caso, é o professor que dá suporte a equipe.

É no roteiro que se desenvolve a criatividade na montagem e criação do texto, na divisão das cenas e dos personagens observando o tempo e o espaço onde acontecem as gravações. Nele está previsto todas as ações a serem desempenhadas pelos elementos envolvidos na produção fílmica.

Acho de suma importância o acesso a esse documento que é considerado como a alma do projeto Prove. Ainda no corpo do roteiro temos uma ficha técnica com o nome do diretor, do câmera, dos atores e do produtor.

Para Tourinho e Jesus (2008, p. 184):

O filme toma-se um local estratégico para a definição de identidades e de alteridades no mundo contemporâneo, um lugar para a afirmação da diferença e da exigência do seu reconhecimento e um campo de lutas e contradições. As verdades são construídas e reconstruídas na interação do texto fílmico com os atores do processo educativo.

Com essa citação, reafirmamos as práticas e vivências, do grupo na produção do curta-metragem que se deu da interação de todos os atores envolvidos.

Outro documento que tivemos acesso foi o Projeto Político Pedagógico da Escola Padre Alfredo Haasler, escola esta que foi o lócus da nossa pesquisa. Nele pudemos conhecer um pouco sobre a Unidade Escolar, como os dados de identificação, apresentação, a história da escola, diagnóstico: conhecendo a realidade, projeção de futuro, as concepções, avaliação do processo ensino-aprendizagem, objetivos amplos, metas, plano de ação, referencial bibliográfico, e os anexos.

Todos esses dados nos serviram de base para conhecermos um pouco daquela unidade e todo universo que a compõe. Com isso podemos concluir que a leitura e análise desses documentos são tão importantes na construção do nosso projeto quanto a todos os outros elementos, por exemplo, o diário de campo, as entrevistas, as observações, os vários contatos com os elementos que fazem parte do grupo assistido, etc.

Nos documentos, encontramos os registros de fatos históricos, acordos, relatos daquilo que gerou as ações e acontecimentos que norteiam nosso projeto. Lê-los nas suas entrelinhas nos permitiu conhecer melhor as abordagens e direcionamentos que perpassam todo processo de pesquisa até sua fase conclusiva.

Sem dúvida chegamos a essa fase com tudo o que foi possível coletar e analisar contribuindo assim para desvendar as várias questões levantadas no

que concerne ao projeto Prove, afirmando ou negando algumas hipóteses levantadas e deixando margem para que outros pesquisadores de acordo com os interesses suscitados possam retomar ou dar continuidade às diversas pesquisas dentro dessa temática abordada. Sem ter a pretensão e tentarmos fechar questões em torno do tema muito pelo contrario colocamos esses dados levantados como pressupostos teóricos para aqueles que virão a dar continuidade a esses estudos. Pois é concebido que nada é eterno ou estático e as possibilidades são as mais variadas nesse campo de trabalho que é a etnopesquisa.

“Foram protagonistas, fizeram tudo sozinhos são tão autônomos que não obedecem as regras, querem fazer como entender que deve ser.”(Kátia Jeane Lima da Silva Alves, 21/08/2014)

Em meados de agosto de 2014 fiz contato com a turma de alunos que desenvolveu o curta metragem “As vantagens e desvantagens da tecnologia na escola e na vida”. Os primeiros momentos foram muita timidez e retraimento por parte deles, pois aquela situação de serem observados e responder a questionamentos para eles certamente era uma situação nova. Também entrei em contato com a professora monitora do projeto que já estava engajada desde o ano anterior. Ela foi muito receptiva e não se juntou a da todas as informações necessárias para o desenvolvimento de nossa pesquisa. Percebi que havia uma sintonia muito boa entre a professora e os alunos para produção do filme. Ela explica que trabalharam as regras do Prove justamente como Núcleo de Tecnologia Educacional-NTE antes de produzirem o roteiro e começou as filmagens.

“Foi bom a experiência de buscar por si só a própria aprendizagem”
(Pedro Henrique Alves)

“Através do Prove se aprende sem a interferência direta do professor”.
(Herbert Souza)

Na percepção dela os meninos manipulam os aparelhos eletrônicos de forma superficial não conhece o potencial do celular. Foram feitas as imagens, mas se percebe que não ficou de qualidade, eles querem sair filmando aleatoriamente diz a professora Kátia Jeane. Ficou entendido que os queriam

mostrar, ou seja: os aspectos positivos e negativos das novas tecnologias, todavia a ideia é deixar claro o quanto as tecnologias envolvem as pessoas e também promovem a individualidade, ficou entendido o que os alunos queriam mostrar, porém as imagens não foram condizentes com a ideia geradora.

“É um projeto produzido pelos alunos, no qual ele mesmo pode ser autor, têm aluno que é roteirista, outro que é o coordenador, outro é o câmera men, é um trabalho de equipe, sempre monitorado por um professor.”(Vasti Sampaio de Miranda, 20/10/2014)

Percebi com essa fala da professora que mesmo seguindo o roteiro e com todas as informações sobre o andamento do percurso das filmagens, às vezes, os fatos saem do controle, não obtendo o resultado esperado, embora no final a produção escolhida teve peso suficiente dentro dos critérios estabelecidos.

Sendo esse trabalho escolhido para representar a Escola Padre Alfredo Haasler, dentre os participantes de toda uma regional que compunha 15 escolas. Chegou o grande dia da mostragem em grande escala e com todas as pompas que o momento exigia. O ambiente estava festivo e bem arrumado as equipes participantes cada uma com suas torcidas organizadas, os jurados apostos. E lá estávamos, ansiosos esperando para apresentarmos o nosso trabalho.

“Já fiz sensibilização com 99 professores das 33 Direc, tinha o contato direto com os alunos no começo do projeto. Em Senhor do Bomfim, Salvador e demais cidades baianas. Os alunos têm que saber como utilizar essas TIC, tem que ter uma orientação de como utilizá-las.” (Fernando Antônio Barbosa da Silva)

Foram mostrados muitos trabalhos de qualidade as turmas do ensino médio por serem mais adultos e experientes capricharam em suas mostragens a equipe vencedora e que realmente impressiona, nas mostrou as facetas da ditadura militar no Brasil de 1964. Deram um show de imagens e suspense, mas o que mais nos chamou atenção, é que o tema de nossa pesquisa teve a honra de ser escolhido a terceira colocação dentre tantos outros bons trabalhos.

Então ficou entendido que mesmo diante da imaturidade do grupo e dos atropelos do percurso entre a elaboração do roteiro das filmagens e de produção final. O objetivo foi alcançado com uma margem boa de sucesso.

O contentamento foi manifestado pelo corpo docente da Escola Padre Alfredo Haasler e também dos grupos vitoriosos. Eles foram premiados e saíram com a impressão do dever cumprido a satisfação era notória.

Não foi o suficiente para concorrer a etapa estadual, mas deixaram sua marca de 3º lugar na região. Valeu a pena o esforço de todos os envolvidos no processo de criação, produção e execução.

A 3ª e última etapa de apresentação do Prove agora a nível estadual nossos mascotes não estavam presentes, entretanto a nossa pesquisa continua no intuito de analisar se esse projeto de alguma maneira é em inovação dentre as experiências educacionais em sala de aula.

Nesse momento final, a produção é realmente de cinema, os convidados são pessoas engajadas no meio como produtores de cinema, diretores de rede de televisão enfim são esses profissionais que irão julgar os vencedores.

Presenciamos as mostragens de trabalhos muito bem elaborados pelos alunos da rede estadual de ensino do estado da Bahia, a atividade fica marcada no desenvolvimento dos temas abordados que vão desde as questões de preservação ambiental, ao preconceito contra o homossexualismo até as lendas contadas em algumas regiões do estado.

Mais uma vez a mostragem de caráter festivo agora com pompa de cinema nos deixou convictos de que é possível se produzir bons trabalhos, com uma clientela oriunda das classes menos privilegiadas, contudo tem muita criatividade. Os vencedores foram premiados os três primeiros colocados, a ideia mais original, as melhores imagens, forma ressaltados pelos jurados.

Chego à conclusão do quanto foi gratificante trabalhar com essa abordagem que nos enriquecem enquanto profissional que utiliza mais uma postura tradicional, até por conta de formação obtida, mas deixa claro o leque de possibilidade de se tentar fazer diferente até que se chegue a um ideal da escola que contemple, o indivíduo, as iniciativas, a criatividade dentro dessa proposta inovadora

CAPÍTULO 5

5.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das finalidades da educação é promover mudanças desejáveis e indivíduos que venham favorecer o desenvolvimento integral do homem na sociedade. Considerando a grande dificuldade encontrada pelo professor nas diferentes áreas do conhecimento, faz-se necessário que o mesmo ressignifique sua prática pedagógica, tendo em mente que: a educação não pode simplesmente prelúdio para uma carreira, e sim um empreendimento que dure a vida inteira, educador este que deve ser possuidor de um espírito investigativo, autônomo e comprometido com os valores inspiradores de uma sociedade democrática.

Compreende-se que é necessário valorizar as novas propostas pedagógicas, dentro de um contexto humanitário, interagindo e construindo novos horizontes. No atual contexto de globalização das relações econômicas, políticas e culturais e de acelerada mudança da base tecnológica e do processo produtivo, a educação tornou-se um vetor estratégico para o desenvolvimento sustentável e equitativo. De fato, hoje já é amplamente aceita a ideia de que a educação transformou-se na maior vantagem comparativa dos países para enfrentar a competitividade. Além disso, o grau de escolaridade constitui-se um dos principais fatores que determinam o nível de empregabilidade dos indivíduos. Por estes aspectos, percebe-se que o papel da educação no olhar do educador e a interdisciplinaridade são fundamentais para promover o desenvolvimento, tanto, pessoal, como profissional e social dos indivíduos. E, para tanto, não basta apenas assegurar a expansão do sistema educativo. É preciso que a prática pedagógica do professor seja um agente forte para promover a melhoria da qualidade do ensino ofertado, sem que seja impossível atender a demanda de recursos humanos cada vez mais qualificados para acompanhar as mudanças em curso.

A educação acontece natural, contínua e permanentemente durante a vida do homem, porém é fundamental a existência do processo educativo

sistematizado com uso dos meios de comunicação que tenha um sentido humanizador, coerente com o momento e que se projete para o futuro. Embora existam experiências significativas em várias escolas do país, a potencialidade desses meios tecnológicos não é reconhecida pela maioria dos educadores. Os fatores que contribuem para isso são muitos, entre os quais destacam: pouco conhecimento e domínio, por parte dos professores, para utilizar os recursos tecnológicos, insuficiência de recursos em muitas escolas. Vê-se logo que é uma realidade que precisa ser mudada, pois com toda essa evolução que nos rodeia a escola precisa acompanhar os processos de transformação da sociedade atendendo a novas demandas.

Não é de hoje que as nossas escolas vêm dando sinais de que não mais atende aos anseios tanto do público alvo que são nossos alunos quanto da comunidade, tampouco da sociedade que ao longo dos anos vem se transformando e colocando desafios cada vez maiores para que os indivíduos a transforme.

A crise da escola vigente vem desde a questão disciplinar, pois não mais se consegue que os estudantes parem para ouvir os maçantes conteúdos dos livros didáticos transmitidos nas aulas expositivas até ao mais simples gesto de valorização a figura do professor que aos trancos e barrancos vem tentando desempenhar seu papel de educador sem muito êxito.

Recordo-me de uma colega que sempre em nossas conversas dizia que adotava a pedagogia da cumplicidade, para que dessa maneira conseguir tocar um pouco nas consciências dos alunos e chamar atenção para a questão da importância de troca de experiência no tocante ao ensino aprendizagem.

Muitas tentativas e muitos recursos são utilizados para se obter algum êxito nessa tarefa de educar, mas o distanciamento a cada dia se tornam tão profundo que a sensação de se ter é que estamos falando de coisas diferentes em línguas diferentes.

Diante de toda a presença vivenciada pelos atores envolvidos no processo de construção e aquisição de conhecimento. De posse de todo um aparato tecnológico que vem facilitando o acesso às informações, ainda assim a impressão que se tem é que o produto final é incalculado e insuficiente.

Os profissionais em educação têm se empenhado em apresentar experiências muitas vezes isoladas e que de certo modo surte algum efeito positivo, são os chamados de excelência.

O Prove é considerado um projeto inovador porque:

- inverte o papel tradicional aplicado nas escolas em que o professor detém o conhecimento e o aluno é uma caixa receptora.

- O estudante vai a busca do conhecimento por si mesmo produzindo, criando e atuando na produção dos vídeos escolares.

- É considerado um atividade lúdica, pois o envolvimento é tão marcante que os alunos esquece até mesmo do tempo de comer e dormir.

- Se apropriar das novas tecnologias saindo da rotina das aulas expositivas que ainda se mantém no cotidiano escolar.

O Prove: Produções Visuais Estudantis pode ser considerada como uma dessas tentativas no sentido de que diante de um contexto de crise do processo de ensino aprendizagem, se utiliza das novas tecnologias, tendo o aluno como produtor e construtor desse conhecimento, colocando o professor como monitor e orientador dessas práticas.

Decerto que estamos falando de algumas iniciativas que vem tentando desconstruir uma prática pedagógica ainda centrada no professor tendo o aluno como receptor do conhecimento. Ao produzir vídeos escolares abordando os mais variados temas e áreas do conhecimento nossos alunos ensaiam uma proposta inovadora, já que eles próprios procuram abordagens que venham a concretizar a proposta das produções por eles construídas.

É do conhecimento de todos que essa geração tem um domínio fabuloso das novas tecnologias e que de certa maneira detém muito mais o conhecimento e manuseio da TIC que muitos professores. E também nesse convívio de trocas de experiências com as novas tecnologias que acontece também a troca de saber entre professores e alunos.

Em se tratando de um programa desenvolvido pelas Escolas Estaduais do Estado da Bahia, em um período que compõe em calendários apresentados pela Secretaria de Educação para a execução dos projetos chamados estruturantes, o Prove tem um papel importante e fundamental na diversificação da rotina escolar, tirando tanto professores quanto alunos do

papel tradicional de detentor e receptor de saberes pré-estabelecidos pelos currículos escolares, invertendo esses papéis, aonde o aluno procura elementos que compõem aquele determinado conteúdo por eles organizados.

Entendemos que o papel do Profe ainda seja de quebrar a rotina escolar nos moldes convencionais, ele faz uma ruptura das práticas pedagógicas tradicionais colocando os estudantes como produtores do seu próprio conhecimento, no entanto entendemos que inovação pedagógica vai além das perspectivas aqui desenvolvidas e que creio que todos estão à espera de algo arrojado que, realmente, desestruture a educação que vem se arrastando ao longo dos anos dando respostas não tanto convincentes, mas que apenas uma minoria se encoraja a questionar e muitas vezes negar a veracidade e o reconhecimento dos resultados obtidos nesse percurso.

Todos aqueles envolvidos em educação de certa forma anseiam por uma mudança substancial e significativa que venha abalar as estruturas enraizadas que dão sustentação a esse modelo de escola que aos tropeços vem se mantendo vigente, apesar de sabermos que não mais respondem aos anseios e expectativas dos jovens, dos profissionais em educação e da sociedade. Como as mudanças de paradigma são decorrentes de ensaios e erros, nos colocamos como um pontinho numa área de tentativas intituladas de inovação pedagógica, e que acreditamos que iremos somar as diversas experiências existentes e que estarão por vir a contribuir para que ocorra a tão esperada e revolucionária inovação pedagógica, colocamos o nosso trabalho a disposição de todo e qualquer pesquisador que por ventura queira aprofundar seus estudos nessa área, que este estudo sirva de base para outras pesquisas na área de educação e que estes resultados também sejam convalidados ou até mesmo complementados por quem quer que seja que esteja disposto a prosseguir com esses estudos.

Diante de toda a situação exposta podemos afirmar que há uma inversão de papéis dentro do processo educativo, o aluno não tem o dever de se preparar para ingressar na escola padronizada nos moldes dominantes como acontece, a escola é quem tem o dever de se preparar para receber os alunos das mais variadas classes e culturas existentes, afinal o papel da escola não deve ser o de reproduzir as relações de dominação presentes na

sociedade, esta deve proporcionar a justiça social através da inclusão das classes desfavorecidas, promovendo, para isso, o seu sucesso. O domínio cultural que é imposto pelos currículos da escola formal deve ter um fim, há uma necessidade muito grande de novas políticas educacionais que venham a incluir o aluno das classes menos favorecidas economicamente e excluídas culturalmente, os currículos devem ser repensados levando em conta a grande diversidade cultural existente e as diretrizes devem ser voltadas para os anseios das camadas populares, as quais formam a maioria da população.

Ressalta-se no contexto explicitado a necessidade de uma pedagogia crítica que dê novos direcionamentos aos cursos de formação de professores na perspectiva de que os alunos das camadas populares passem a ter voz dentro do sistema de ensino, vale lembrar que os educandos têm a necessidade de serem formuladores dos próprios discursos para que possam analisar criticamente e intervir no seu meio. Os cursos também devem proporcionar a formação de profissionais preparados para trabalhar com as classes populares, o etnocentrismo que impera na prática pedagógica fortalece de forma determinante o processo de exclusão dos alunos detentores de capital cultural considerado ruim.

O posicionamento docente em sala de aula deve ser pautado nos seus ideais de mudança, não devendo se deixar desanimar pelos processos de marginalização que o sistema educacional impõe aos mesmos, tendo em vista que o professor é o único fator do sistema de dominação que pode se posicionar criticamente frente ao determinismo escolar, mas vale lembrar que as condições de trabalho dos professores devem ser revistas, há uma grande necessidade de uma política pública nesse sentido, a valorização do profissional é algo que poderia amenizar a situação de decadência do ensino público. Desejamos que a educação brasileira tome novos rumos e deixe de seguir esse caminho decadente que visa inviabilizar o processo de igualdade social desejado por muitos e impedido por poucos que exercem o domínio social.

REFERÊNCIAS

BIZELLI, José Luiz. **Educação para Cidadania**. IN: DAVID, Célia Maria *et al* (orgs.) **Desafios contemporâneos da Educação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. Disponível em <http://books.scielo.org/id/zt9xy/pdf/david-9788579836220.pdf>, acesso em 24/03/2019.

BOEIRA, Sérgio Luís. **Crise civilizatória & ambientalismo transetorial**. Florianópolis/SC: Revista de Ciências Humanas, v.16, n. 23, p. 71-102, 1998. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/viewFile/23565/21424>, acesso em 28/04/2019.

BOGDAN, R. C. & BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BORDAS, Miguel Angel García; SILVA, Maria Cecília de Paula e. **O Indivíduo Coletivo**: reflexões e contrapontos nas utopias da constituição do indivíduo comunitário e suas manifestações. In: TENÓRIO, Robinson M.; LORDÊLO, José Albertino (org). **Formação pela Pesquisa**: Desafio Pedagógico, Epistemológicos e Políticos. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 39-54.

BOURDIEU, Pierre. **Os três estados do capital cultural**. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação**. 2ª. edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a Base. Conselho Nacional de Secretários de Educação – CONSED, União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação – UNDIME. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 27 jul 2018.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

CANEN, Ana. **Universos culturais e representações docentes**: subsídios para a formação de professores para a diversidade cultural. Revista Educação e Sociedade, ano XXII, n. 77, dezembro/2001. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v22n77/7051.pdf>, acesso em 29/03/2019.

CORTELLA, Mário Sérgio. A escola e o conhecimento - fundamentos epistemológicos e políticos. São Paulo: Cortez /IPF, 1998.

FÁVERO, O. (org). **Cultura popular, educação popular: memória dos anos 1960**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

FEITOSA, Sonia Couto Souza. **Método Paulo Freire, interfaces e atualidade.** Disponível em http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4230/1/FPF_PTPF_01_0881.pdf

FINO, Carlos Nogueira (org.). **Etnografia da Educação.** Funchal: Universidade da Madeira: Centro de Investigação em Educação – CIE-UMa, 2011.

_____. **Currículo e inovação pedagógica:** a mistura improvável. Revista de Estudos Curriculares. v. 8, n. 2. Minho: APEC, 2017. p. 03-13.

_____. **Inovação Pedagógica: Significado e Campo (de Investigação).** In: BENTO, António V. MENDONÇA, Alice. **Educação em Tempo de Mudança:** liderança, currículo, inovação, supervisão. Funchal: Universidade da Madeira: Centro de Investigação em Educação – CIE-UMa, 2010. 277-287

_____. **O futuro da escola do passado.** 2005. Disponível em: <<http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/21.pdf>>. Acesso em: 27 mai 2016.

_____. **Investigação e inovação (em educação).** V Colóquio Pesquisa para mudar (a educação) CIE-UMa. www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/Investigacao_e_inovacao.pdf

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler.** São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **Educação e Mudança.** 14ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979

_____. **Educação como prática da liberdade.** 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. **Auto-regulação da aprendizagem:** atuação do pedagogo em espaços não-escolares. Porto Alegre, 2006. (Tese de Doutorado) –Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/10/TDE-2006-12-20T134138Z211/Publico/385720.pdf. . Acessado em: 20/02/2019

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

GIROUX, Henry A. **Escola crítica e política cultural.** São Paulo: Cortez, 1987.

_____. **A. Os professores como intelectuais:** rumo a uma aprendizagem crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artimed, 1997.

_____. **Cultura popular e pedagogia crítica**: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular. IN: MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs.); tradução de Maria Aparecida Baptista. **Currículo cultura e sociedade**. 6ª ed.. São Paulo: Cortez, 2002

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação, v.16, n.47, maio-agosto, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>, acesso em 01/03/2019

GOMES, Antenor Rita. **Linguagem imagética e educação**. Guarapari-ES: Ex Libris, 2008.

LAPASSADE, Georges. **As microssociologias**. Brasília: Liber Livro, 2005.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papyrus, 1997.

MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem Imaginário**: Ensaio de Antropologia. Lisboa: Moraes, 1970.

MOUSQUER, Vivien Lianer; SZYMANSKI, Maria Lídia Sica. **A afetividade e suas implicações na aprendizagem**. Paraná: Secretaria Estadual da Educação, 2014. Disponível em http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unioeste_ped_artigo_vivien_lianer_mousquer.pdf

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças**: Representando a Escola na Era da Informática. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PEIRANO, Mariza G. S. **Etnocentrismo às avessas: o conceito de 'sociedade complexa'**. In: Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, v.26, n.1, 1983.

REIS, Sandra. **Elementos de uma filosofia da educação musical em Theodor W. Adorno**. Belo Horizonte: Mãos Unidas, 1996.

RIBEIRO, Adalberto Carvalho; VIANA, Sirliane da Costa; RODRIGUES, Aldenise da Silva. **Educação de Adultos (EJA)**: capital cultural e percepções sobre a escola na Amazônia amapaense. Revista Teias, v.18, n.51, 2017 (Out-Dez).

SOUSA, Jesus Maria. **O professor como pessoa**: A dimensão pessoal na Formação de Professores. Porto: Asa S.A, 2000.

_____. **A dimensão política do currículo.** Funchal: Universidade da Madeira, 2002. Disponível em http://www3.uma.pt/jesusousa/DocumentosCCPCCDoutoramentoBrasil_ficheiros/7Adimensaopoliticaodocurriculo.pdf

TOFFLER, Alvin. **O choque do futuro.** Brasil: Artenova. 1973.

TOURINHO, Maria Antonieta de Campos; JESUS, Rosane Meire Vieira de. In: TENÓRIO, Robinson M.; LORDÊLO, José Albertino (orgs). **Formação pela pesquisa:** desafio pedagógico, epistemológicos e políticos. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 171-199

VYGOTSKY, Liev S. **A formação social da mente:** O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1991.